

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**



**INDICADORES DE QUALIDADE NA EDUCAÇÃO: UM OLHAR SOBRE A
ESCOLA DOS MENINOS E MENINAS DO PARQUE**

NATÁLIA NOGUEIRA DA SILVA

**BRASÍLIA
Março/2013**

NATÁLIA NOGUEIRA DA SILVA

**INDICADORES DE QUALIDADE NA EDUCAÇÃO: UM OLHAR SOBRE A
ESCOLA DOS MENINOS E MENINAS DO PARQUE**

Monografia apresentada à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação do Professor Doutor José Vieira de Sousa.

BRASÍLIA
Março/2013

NATÁLIA NOGUEIRA DA SILVA

**INDICADORES DE QUALIDADE NA EDUCAÇÃO: UM OLHAR SOBRE A
ESCOLA DOS MENINOS E MENINAS DO PARQUE**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia da Universidade de Brasília, em fevereiro de 2013, aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Banca Examinadora:

Professor Doutor **José Vieira de Sousa** (orientador)
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Professora Doutora Ana Maria de Albuquerque Moreira (examinadora)
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Professor Doutor Renato Hilário dos Reis (examinador)
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Professora Doutora Maria Abádia da Silva (suplente)
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

BRASÍLIA
Março/2013

DEDICO ESTE TRABALHO

Ao meu Pai Celestial, por quem me sinto renovada todos os dias para continuar e aos meus pais terrenos, pois sem a disposição deles esta não seria uma conquista possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus porque até aqui Ele tem me ajudado, tem sido minha força e meu amparo em momentos de dificuldade. Por ter me escolhido primeiro, me chamando para ser sua amiga e por ter me dado como família, amigos e relacionamentos os melhores que eu poderia ter. Muito obrigado!

Agradeço ainda aos meus pais, Sr. Damião e Sra. Terezinha, por dedicarem suas vidas a proporcionar a mim e aos meus irmãos a melhor condição de vida, por levantar nas madrugadas para lavar carro a fim de ajudar no orçamento familiar (pai) e trabalhar em casa o dia todo, apesar das limitações físicas (mãe), tudo para que tivéssemos educação, espiritualidade, alimento, aconchego, amparo e muita alegria. Quero destacar que nossa vida não é melhor apenas do que aquela que tiveram nos canaviais dos engenhos de cana-de-açúcar no Nordeste, como era o desejo de vocês: é a melhor que quaisquer pais poderiam proporcionar. Ao meu irmão Flávio, pelo seu cuidado apesar da distância. Ao meu Joãozinho, irmão e amigo, essa é uma parceria que deu certo; ainda que na vida façamos caminhos diferentes, estamos sempre juntos! E a Thamara, sua esposa, pela consideração e amizade.

Ao meu sempre companheiro, noivo e em breve esposo para toda a vida, Diego de França, pelo seu amor, cuidado e alegria constantes, fazendo os meus dias mais leves e felizes. Encontrar você foi como encontrar uma joia preciosa e única, da qual quero cuidar e amar com muito apreço e satisfação. Sua amizade e companheirismo me levaram a amadurecer e superar muitas dificuldades, sobretudo nessa graduação. Sou grata ainda por esse presente de família que agora é minha, sua mãe Ilvaci que sempre me tratou como uma filha e o meu cunhado-amigão Eduardo (Dudu).

A todos os amigos e parentes que foram para a minha família um esteio em diversos momentos difíceis e fundamentais para que eu chegasse até aqui. Dentre estes, faço menção à família Loyola de Alencastro, especialmente ao Sr. Hélio e Sra. Lygia (*in memoriam*), seus dez filhos e aos meus tios – Amaro, Veloso, Josefa (*in memoriam*) e Ana Maria.

Ao meu orientador, José Vieira de Sousa, por proporcionar muitos aprendizados, nas monitorias e nas orientações desta monografia, a qual prontamente aceitou orientar. É um privilégio desfrutar e participar do trabalho de um profissional tão competente.

Aos professores, diretora, vice-diretor, funcionários e especialmente aos alunos da Escola Meninos e Meninas do Parque pela colaboração, empenho e atenção proporcionada durante todo o tempo em que estive na escola.

Aos mentores espirituais que tive nesses 27 anos, Pra. Aracy, Prs. Rodrigo e Marcela e agora Pr. Bruno e Pra. Michelle, Deus foi muito bom comigo ao colocar vocês em meu caminho, e a todos os amigos e irmãos da Casa de Davi. Vocês são especiais, por isso é uma honra ser parte dessa família.

EPIGRAFE

Ah, eu gosto muito dessa escola, porque ela me ensinou muita coisa, a dar valor no que eu não dava. Ah, sei lá, eu gosto muito de estudar aqui na escola do parque (Relato oral de um aluno da Escola Meninos e Meninas do Parque/EMMP)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é examinar como se apresentam na proposta educativa da Escola dos Meninos e Meninas do Parque – EMMP, as dimensões da qualidade: ambiente educativo, prática pedagógica e gestão democrática. Na realização do estudo, tomo como referência básica o documento criado por um conjunto expressivo de instituições que discutem o tema qualidade em educação, em 2004 e ampliado em 2007, intitulado *Indicadores de Qualidade na Educação*, no qual são apresentadas sete dimensões para serem desenvolvidas pela escola, visando alcançar uma educação de qualidade. A partir do referido documento, o presente estudo examina três das sete dimensões, situando-as em relação à qualidade da educação e a esta última como prática social e um direito de todos. Nesta perspectiva, temos na escola um ambiente educativo privilegiado para a veiculação do saber historicamente construído, por meio da organização de sua cultura e gestão de suas práticas. E ainda, a formação do homem visando sua constituição como sujeito consciente de seus direitos, emancipado, livre para conduzir a edificação de sua própria história. Para que esse objetivo consiga ser alcançado é necessário pensar também em uma prática pedagógica que promova uma educação de qualidade, compreendendo que a expressão dessa prática social não pode se reduzir a números, de maneira a torná-la quantificada, coisificada, de forma que a escola dispõe de instrumentos que apontam, informam, traçam um perfil da comunidade escolar permitindo observar e compreender a qualidade da educação que está sendo construída por meio de suas práticas cotidianas. Os sujeitos da pesquisa foram os alunos, professores, a diretora e a coordenadora da EMMP. As entrevistas semiestruturadas, a análise documental e as observações, como instrumentos de coleta de dados, foram ancorados em uma perspectiva analítica, por meio do qual se buscou perceber o desenvolvimento dos indicadores de qualidade no cotidiano da escola. Constatou-se que a diversidade característica dos alunos da EMMP tem motivado e impulsionado a escola a refletir sobre suas práticas, sua organização levando-a a priorizar a formação aluno no sentido de proporcionar uma educação emancipatória, ocupando-se de sua formação como cidadão. Este empenho pôde ser percebido principalmente pela disponibilidade de tornar coletivas as decisões da escola, além de proporcionar um ambiente que permita aos alunos desenvolver suas potencialidades.

Palavras-chave: Educação, qualidade, indicadores, dimensões da qualidade.

ABSTRACT

The main objective of this research is to examine how to present in the educational proposal of the Escola dos Meninos e Meninas do Parque – EMMP, the dimensions of quality: school environment, pedagogic practice and democratic management. In the accomplishment of this study, we took as basic reference the document created by an expressive group of institutions that discuss the quality in education, in 2005 and improved in 2007, entitled *Indicadores de Qualidade na Educação*, in which are presented seven dimensions to be developed in school, in order to achieve a quality education. From the document above, the present study examines three of the seven dimensions considering, placing them in relation to the quality of education and to this last one as a social practice and a right of all. In this perspective, we have in the school an educational environment gifted for a transmitting of knowledge historically built, through the organization of its culture and management of its practices, and also, the formation of the man aiming his constitution as conscience subject of his rights, emancipated, free to conduct the edification of his own story. In order to this objective be achieve is also necessary to think in a pedagogic practice that promotes a quality education by realizing that the expression of this social practice cannot be reduced to numbers, in order to make it quantified, reified, so that school has instruments that point, inform, draw a profile of the school community allowing to observe and understand the quality of education which is being built through their daily practices. The subjects of the research were the students, teachers, the director and the coordinator of the Escola Meninos e Meninas do Parque - EMMP. The semi-structured interviews, the documental analysis and the observations as data collection instruments were anchored in an analytical perspective, whereby it was sought to realize the development of quality indicators in the school routine. It was verified that the characteristic's diversity of the students of EMMP has motivated and impel the school to reflect on its practices and organization taking them to give priority to the formation of the students towards providing an emancipatory education, taking care of their formation as a citizen. This effort could be noticed mainly for the availability of making collective decisions of the school, besides providing an environment that allows students to develop their potential.

Keywords: education, quality, indicators, dimensions of quality

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura

Figura 1 – Ferramentas de apoio à execução da decisão compartilhada

Quadros

Quadro 1 – Identificação dos participantes da pesquisa

Quadro 2 – Dimensões, indicadores e perguntas

Quadro 3 – Comparativo entre os indicadores abordados e os percebidos na realidade da EMMP

Tabela

Quadro 1 – População brasileira de 4 a 6 anos fora da escola, por raça/etnia, localização e gênero

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALUB – Associação Lecionar Unificada de Brasília

CEAN – Centro de Ensino Médio da Asa Norte

DEA – Diretoria de Esporte, Artes e Cultura

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EMMP – Escola Meninos e Meninas do Parque

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

ESCS - Escola Superior de Ciências da Saúde

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

MEC – Ministério da Educação

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome

POP - Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua

SEEDF – Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

SEDEST – Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda

STF - Supremo Tribunal Federal

UnB – Universidade de Brasília

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

URP – Unidade de Referência de Preços

SUMÁRIO

I – MEMORIAL	13
II – MONOGRAFIA	
INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO 1: A educação como prática social: alguns sentidos e alcances na formação dos indivíduos	
1.1 Educação como prática social.....	25
1.2 A escola: espaço de formação do indivíduo	27
1.3 Educação como direito	30
1.4 Qualidade da educação o que a escola tem a ver com isso?.....	33
CAPÍTULO 2: Ambiente educativo, prática pedagógica e gestão democrática como dimensões da qualidade na Educação Básica	
2.1 Ambiente educativo.....	45
2.2 A Prática pedagógica e a construção coletiva do projeto da escola	47
2.3 Gestão democrática.....	51
CAPÍTULO 3: Dimensões e Indicadores de Qualidade na prática educativa da Escola dos Meninos e Meninas do Parque	
3.1 Perspectivas de análise e interpretação de dados.....	54
3.2 O cotidiano pedagógico vivenciado pelos alunos da EMMP	56
3.3. Prática pedagógica, ambiente educativo e gestão democrática na proposta pedagógica da EMMP	60
3.4 A gestão democrática na sala de aula no contexto da EMMP.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	71
III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	74
APÊNDICES	75
ANEXOS.....	99

I – MEMORIAL

Toda a minha trajetória escolar foi realizada em instituições públicas. Ingressar na escola sempre foi muito importante para minha família, principalmente porque os meus pais não tiveram as mesmas oportunidades que eu, pois sempre trabalharam desde a infância. Dessa forma, suas prioridades sempre foram nos dar aquilo que eles mesmos não tiveram para que tivéssemos uma vida melhor.

Meu caminho na escola teve início no ano de 1990, quando tinha quatro anos. Nesta data ingressei na Educação Infantil estudando no Jardim de Infância 106 Norte, na região conhecida como Plano Piloto, em Brasília/DF, período marcado por brincadeiras no parque, nos pátios, casinhas, piscina, desenhos e trabalhos envolvendo recortes, colagens, pinturas e as datas comemorativas. Além dos chamados “trabalhinhos” que realizava nessas datas ainda participava dos ensaios e apresentações que ocorriam nessas ocasiões. Páscoa, Festa Junina, Dias das Mães e Natal nunca passaram em branco nos três anos em que estive no Jardim de Infância, cursando o 1º, 2º e 3º períodos.

Em 1994 mudei de escola e passei a estudar na Escola Classe 106 Norte, localizada na mesma região geográfica, onde fiquei até terminar a 4ª série. Nesse período, apesar das brincadeiras e datas comemorativas serem ainda fortemente lembradas, as disciplinas também passaram a fazer parte do meu universo escolar. Somente a partir deste período lembro-me de minhas professoras. A primeira professora que tive na Escola Classe chamava-se Dora, no ano seguinte foi a professora Celeste e, por último, uma de nome Idalina.

Ao terminar a 4ª série, passei para a Escola Classe 104 Norte, onde cursei da 5ª a 8ª séries. Daí por diante cada disciplina tinha seu professor e não posso deixar de mencionar as saudades que senti da minha antiga escola, da minha única professora, de minha sala fixa. Tudo me parecia muito mais aconchegante da forma como era e foi a partir da 5ª série que comecei a vivenciar uma nova experiência com a introdução de um professor para cada disciplina. Neste contexto, tudo era diferente: eles chegavam, ministravam as aulas e iam embora, e seria assim dali por diante

Nesse período, quando estudei da 5ª a 8ª séries, também ingressei na Escola Parque 303/304 Norte onde desenvolvia as atividades de educação física e educação artística. Apesar de sempre ter estudado em escolas públicas, pouco me foi dito com relação a sua história, refiro-me às Escolas Classes, Jardins de Infância e Escola Parque – como foram construídas, o porquê de existir uma a cada duas quadras ou para quem foram construídas. Apenas depois do ensino médio e já na universidade tive uma compreensão do projeto dessas escolas, de sua

idealização por Anísio Teixeira, das influências do movimento pedagógico da Escola Nova e dos rumos que a escola pública realmente tomou.

Findada a 8ª série teve início o Ensino Médio, quando mudei de escola novamente, desta vez para o Centro de Ensino Médio da Asa Norte – CEAN. Nesta escola fiz muitos amigos e foi uma nova fase de relacionamentos. Estive mais envolvidos com a escola e com os problemas que a cercavam, devido ao incentivo dos professores que eram grandes mobilizadores, incentivadores dos alunos para lutarem pelas mudanças almeçadas na escola ou contra medidas que afetariam diretamente os seus destinos. A experiência mais marcante foi uma mobilização contra a gestão de um diretor enviado pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF que nada tinha a ver com a escola, numa atitude totalmente arbitrária e antidemocrática, que em minha opinião tinha o claro objetivo de minar, fragmentar a escola. Depois de muita insatisfação, protestos e reivindicações, o diretor foi remanejado e a escola teve seu diretor escolhido por meio de uma eleição direta com a participação de todos os segmentos, na qual votaram em um professor que exercia a função de coordenador na escola e já atuava nela há alguns anos.

Terminei o Ensino Médio em 2003 e sem muitas perspectivas de ingressar numa universidade pública por me sentir despreparada e totalmente defasada em relação a muitos outros estudantes oriundos de escolas particulares e de cursinhos específicos. Apesar disso, fiz um vestibular e sem nem saber que curso queria de verdade, tentei a enfermagem. Sem perspectiva nenhuma, é claro que eu não passei e decidi começar a trabalhar. Trabalhei um ano e três meses como secretária e passei a tentar outras possibilidades. O Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM foi uma delas e como já havia tentado enfermagem na Universidade de Brasília – UnB, decidi fazer o mesmo na Escola Superior de Ciências da Saúde – ESCS, mas sem sucesso. Visei estes cursos não porque gostasse da área, mas porque pensava em áreas de atuação que fossem mais rentáveis para mim e, posteriormente, para minha família.

Por fim, desisti da área da saúde e, no mesmo período, surgiu a possibilidade de fazer uma faculdade teológica no início do ano de 2005. A duração deste curso foi de três anos e as aulas que eram presenciais aconteciam nos finais de semana. Três anos passaram muito rapidamente, e adquirir conhecimento e preparação nessa área foi muito bom. Quando terminei o curso teológico ainda sentia a necessidade de uma formação numa área em que eu pudesse trabalhar e me realizar profissionalmente. Foi então que em meu trabalho final de curso comecei a resgatar os meus gostos e as áreas em que sempre estive envolvida nas brincadeiras, em casa, na igreja e como estas se relacionavam com a escola, educação de crianças e o período escolar que mais tive saudades.

No início de 2008, ainda cursando teologia resolvi fazer o vestibular da UnB para Pedagogia e estava realmente decidida, no entanto depois de cinco anos longe das escolas e de seus conteúdos eu me sentia ainda mais despreparada. Ainda na metade do ano de 2008, por meio do ENEM, consegui bolsa integral para cursar Letras em uma Faculdade na Ceilândia, mas ficava muito distante de onde morava e teria que estudar à noite. Diante das minhas tentativas de retornar à educação superior, meu pai concordou em pagar um cursinho no Pré-vestibular ALUB - Associação Lecionar Unificada de Brasília, durante seis meses, a fim de me preparar para a prova que seria realizada na metade do referido ano.

Não consigo me lembrar da data exata em que recebi a tão esperada notícia, até porque no momento já havia perdido as esperanças. Confuso? Eu explico. Quando fiz a prova saí com a certeza que não tinha dado certo, porquanto apesar de ter feito uma prova tranquila e estar segura naquilo que fiz deixei pouco tempo para passar a limpo a tão importante redação, o que me provocou muito nervosismo. Consegui terminar, mas àquela altura nem sabia o que estava fazendo e tenho certeza que a minha letra era a mais horrível da face da terra. No dia da divulgação veio a decepção: de fato, eu não havia passado, fiquei muito triste, depusitei muitas esperanças nessa oportunidade, estudava todos os dias e, enfim, não tinha conseguido. Quando finalmente me conformei e começava a juntar disposição para voltar a estudar recebi uma ligação, pouco antes das aulas começarem, informando que passei em 3ª chamada e perguntando se eu tinha interesse em assumir a vaga. Fiquei extremamente feliz, liguei para os meus pais imediatamente e eles não tiveram reações diferentes.

Enfim, meu pai realizava parte do seu sonho: levar-nos à universidade. Mostrava para nós, para si mesmo e para muitos que somos capazes, contrariando um prognóstico como o que ele ouvira trabalhando como zelador em um condomínio, quando uma senhora afirmou que ele deveria ficar muito feliz por meu irmão mais velho ter terminado o ensino médio porque este é o nível máximo que um filho de pobre poderia atingir. Felizmente, os três filhos deste pobre chegaram a universidade – dois deles à uma universidade pública e sendo os primeiros de toda a família a ingressar na educação superior.

Passei no 2º vestibular de 2008 e a cada disciplina gostava mais do curso e da área da docência dentro das diversas possibilidades de atuação que o curso traz. Tive a oportunidade de ir para a sala de aula ainda no início do curso, no segundo semestre, quando fui contratada como professora titular de uma escola de educação infantil, numa turma de crianças com três anos, maternal II. A experiência foi enriquecedora, nova e difícil, pois senti nitidamente que necessitava de uma capacitação pedagógica, por isso, diante dessa necessidade pedi demissão para me preparar e me dedicar mais ao curso.

Em 2010, enfrentei a primeira greve, quando os professores paralisaram suas atividades reivindicando a não retirada do benefício da Unidade de Referência de Preços – URP¹. Posso dizer que foi uma paralisação muito oportuna para o momento que eu passaria a viver. Depois de idas e vindas em vários médicos e diagnósticos diversos meu pai finalmente havia sido diagnosticado com um câncer de próstata e, infelizmente, estava em um estado de metástase, bastante avançado. O que isso tem a ver com a UnB? Esse tempo de paralisação foi precioso para estar com meu pai e dar apoio a minha família, porquanto foi exatamente quando enfrentamos uma fase de piora, emagrecimento até ao ponto de adquirir uma anemia profunda.

Mas, graças a Deus, que nunca nos deixa, depois de se submeter a uma transfusão de sangue e um período de recuperação meu pai pôde passar por uma cirurgia de retirada dos testículos, pois segundo os médicos o câncer era alimentado pela testosterona produzida neles, e finalmente passou a se recuperar. Sua recuperação foi tão surpreendente que contrariou vários diagnósticos médicos e hoje, novamente graças a Deus, ele goza de perfeita saúde.

De volta à UnB, eu seguia pelo curso e entre disciplinas obrigatórias e optativas, no início de 2010 passei também a trabalhar na universidade, primeiro como bolsista e depois como estagiária de graduação na Diretoria de Esporte Arte e Cultura – DEA dessa universidade. Assim como nas salas de aula, aprendi muito no meu trabalho, no contato com as pessoas, nas dificuldades e conflitos. Foi também neste ano, em meados de abril, que Diego de França Carvalho Lima, meu noivo e amigo, e eu começávamos a ficar mais próximos, pois fui trabalhar na Diretoria por indicação dele que estava lá há algum tempo, apesar de conhecê-lo desde o Réveillon de 2007 e de ser um grande amigo do meu irmão. Mais precisamente um mês depois da minha ida para a DEA começamos a namorar.

Os professores sempre falam que devemos aproveitar a UnB, por isso busquei fazer isso da melhor forma possível, estudando, trabalhando, cursando diferentes disciplinas, conhecendo pessoas e fazendo algumas amizades.

Quanto às disciplinas no primeiro semestre, a que me chamou mais a atenção foi Antropologia e Educação, especialmente pelo trabalho de campo desenvolvido que se tratava de uma visita ao Lixão, localizado na Estrutural. Naquele momento, pude lembrar mais uma vez que muitos não estavam na universidade para que eu estivesse e da minha obrigação de

¹ URP – Unidade de Referência de Preços: mecanismo de correção salarial criado pelo plano Bresser (1987) para repor perdas inflacionárias. Sua extinção em 1989 por meio do Plano Verão, acarretou perdas salariais de 26,05%, promovendo ações judiciais por parte de trabalhadores e sindicatos de todo o Brasil que obtiveram êxito até 1994, quando o STF -Supremo Tribunal Federal, decidiu pela constitucionalidade do plano verão, declarando ainda, não existir direitos por parte dos servidores ao reajuste pelo índice de 26,05% relativo à URP.

dar retorno para a sociedade. Ainda nesse semestre me interessei pela temática das relações étnico-raciais e pensei em desenvolver minha pesquisa nessa área, entretanto com a saída da professora Denise Botelho da Faculdade de Educação, com quem eu desenvolvia um projeto confesso que me senti desestimulada a continuar as pesquisas nesta área, mas não descuidei de trabalhar com a temática racial seja em discussões na universidade ou em projetos desenvolvidos nas escolas junto com meu irmão João, meu noivo Diego e meu amigo Jorge, todos também estudantes do curso de Pedagogia. Em seguida, passei a fazer parte do projeto de Educação Musical da professora Patrícia Pederiva e tive experiências muito enriquecedoras na escola do Núcleo Rural Pípiripal II, onde desenvolvíamos o projeto. Nessa ocasião a disciplina de Educação do Campo com a professora Helana Freitas me marcou e me ajudou no trabalho nesta escola, pois deixou evidentes as diferenças e semelhanças da escola urbana e da escola rural e a melhor forma de lidar com a diversidade dos perfis presentes nestes locais.

O contato com a escola urbana e pública também na minha concepção também era necessário e este foi possível no Projeto 4 com a professora Teresa Cristina. Suas orientações foram fundamentais para me guiar nas observações dentro da escola e definir os assuntos do meu interesse. No final da primeira fase deste projeto recebi o convite para fazer a segunda fase na Escola dos Meninos e Meninas do Parque – EMMP. Neste período já ouvia a “fama” do meu orientador, José Vieira de Sousa – a de ser um professor muito exigente. Entretanto, o que ouvia do meu noivo e amigo Diego, seu aluno na disciplina de Avaliação nas Organizações Educativas e posteriormente seu monitor, era que o referido professor possuía uma postura séria e responsável. No semestre seguinte, tive o prazer de ser convidada por ele para ser sua monitora. A monitoria possibilitou aprofundamento na temática da avaliação, além de ser minha primeira experiência como monitora durante o curso. Tive a oportunidade de participar dos planejamentos das aulas, avaliações e percebi dificuldades ao ter me distanciado mais do que deveria da turma na tentativa de não confundir meus papéis de aluna e monitora. De fato, em princípio, não tive esta percepção, mas após refletir sobre as avaliações da turma, do professor e de minha própria atuação cheguei a esta conclusão.

Após ter conhecido o trabalho do professor Vieira tive a certeza que gostaria de tê-lo como meu orientador. Felizmente, o professor aceitou o meu pedido de orientação e confesso ter chegado até ele bem confusa quanto ao que gostaria de desenvolver nesta produção, preocupações que foram sendo desfeitas desde a primeira reunião de orientação. Decidi que gostaria de desenvolver meu trabalho de monografia a partir da avaliação das experiências vivenciadas na EMMP. Nas orientações conversamos sobre os indicadores de qualidade da educação e definimos o desenvolvimento do trabalho a partir da avaliação destes indicadores.

A temática da qualidade na educação é constantemente retomada nas discussões acadêmicas, afinal a qualidade é um objetivo a ser perseguido quando se fala de melhorias educacionais que contemplem a sociedade. Quando iniciei a segunda fase do estágio obrigatório na EMMP, percebi que havia um desejo da escola em proporcionar aos seus alunos um lugar em eles pudessem se sentir à vontade para aprender, que fossem acolhidos, parte da escola. Entendi essa atitude, também como uma preocupação com a qualidade da educação, embora envolva outras questões que ainda serão tratadas neste trabalho. Daí veio meu interesse em entender como a escola trabalha essas questões com um público de meninos e meninas em situação de rua, o que exige medidas diferenciadas de sua organicidade e do empenho em realizar um trabalho educativo que permita a esses alunos muitas vezes sem perspectivas, retomarem suas vidas dando um novo sentido a elas. Nesse sentido, primar pela qualidade da educação torna-se uma ambição fundamental nessa proposta, pois viabiliza o reposicionamento destes atores escolares como sujeitos de direitos no mundo.

Nestes quatro anos e meio de aprendizados e troca de experiências, sobretudo as experiências de escola, da sala de aula, das crianças e adolescentes me fazem perceber que fiz a escolha certa, realmente não quero me imaginar em outro lugar fazendo outra coisa. Considero que cada vivência neste lugar contribuiu muito para a minha formação, tenham sido elas boas ou ruins. Ao mesmo tempo, percebo que essa formação ainda não está completa e não vai estar quando concluir o curso. Ao contrário, ela deve continuar e isso faz parte da vida, do meu crescimento como ser humano, das minhas expectativas.

II – MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Em sua diversidade de formas e contextos a educação é um processo pelo qual todas as pessoas passam, de maneira que desde as primeiras relações em família existe uma intenção em formar o indivíduo para um modo de vida socialmente aceitável a sua própria conjuntura. Em um plano mais específico e desenvolvido da prática educacional a escola se insere nesse contexto participando fundamentalmente da constituição do ser humano, embora notadamente nos tempos atuais essa instituição não seja a única instituição responsável pela socialização do saber. Dessa forma há uma preocupação iminente e que precisa ser de toda a sociedade – a de que o processo educativo prime por uma qualidade com referências no ser humano como um sujeito social.

Sendo assim o presente trabalho procurou examinar a qualidade da educação no processo de formação do indivíduo, tendo na escola um espaço para a socialização do ensino sistematizado, e por assim ser, um direito garantido legalmente. Nessa missão a escola pode se apropriar de ferramentas que avaliem o trabalho que nela se desenvolve, podendo conduzi-lo, fornecer um diagnóstico da realidade, e ainda, apontar possibilidades de intervenção que contribuam com o alcance dos seus objetivos.

Diante do exposto, desenvolve-se uma argumentação abordando a educação como uma prática social, em que o homem transmite seus valores, suas regras, suas crenças, enfim, sua cultura. Assim, o conceito de cultura está relacionado ao mundo que é transformado pelo homem. Rios (2010) assevera que o homem é um ser no mundo, o que implica a sua própria constituição, visto ser esta uma relação recíproca e na medida em que o indivíduo transforma o mundo ele acaba por se constituir humano. Dessa forma temos no processo educativo um caráter contributivo para com a formação do ser humano emancipado, consciente de sua atuação no mundo.

A educação está presente nas mais diversas instâncias sociais, sendo uma delas a escola. Sua função está centrada na transmissão do saber historicamente adquirido pelo homem a fim de torná-lo capacitado para construir e transformar a vida em sociedade. Portanto, o ensino escolar precisa prever uma formação do indivíduo no sentido de permitir

sua inserção como sujeito social, evitando se reduzir à reprodução ou reafirmação dos valores da classe dominante.

Nessa perspectiva, consideramos importantes as discussões atuais em torno de uma educação de qualidade, o que contribui para o interesse de desenvolver um trabalho que permita verificar como essa propriedade é trabalhada dentro da escola. Para tal, do ponto de vista empírico, foram examinados indicadores relacionados a três dimensões do universo escolar – ambiente educativo, prática pedagógica e gestão democrática. O estabelecimento de ensino escolhido para a realização da pesquisa foi a Escola dos Meninos e Meninas do Parque – EMMP, localizada no Parque Sarah Kubitschek de Brasília, estacionamento 06, experiência que permitiu a construção de um aporte de experiências valiosas para minha constituição profissional e acadêmica. A realidade pesquisada pôs em debate algumas das teorias a respeito da educação propaladas na academia, no decorrer da minha graduação, com a realidade de uma escola que tem como público alvo, crianças, jovens e adultos em situação de rua, o que confere a realização deste trabalho escolar, um caráter socioeducativo no resgate da cidadania desses indivíduos. A EMMP caracteriza-se por ser uma escola pública vinculada à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF que, no entanto, revela traços bastante peculiares, como será comentado mais adiante.

Esta pesquisa pretende entrar na discussão em torno da educação de qualidade e contribuir com a reflexão crítica a respeito de sua efetivação dentro do espaço escolar. Para tal, este trabalho levanta perguntas que venham a contribuir para esclarecer o objeto de pesquisa: de que maneira as dimensões da qualidade: prática pedagógica, gestão democrática e ambiente educativo são trabalhadas na Escola Meninos e Meninas do Parque? De que forma estas três dimensões dos indicadores de qualidade são trabalhadas na prática da escola de modo articulado às diretrizes mais gerais definidas no projeto político pedagógico da EMMP?

Objetivos e metodologia

A pesquisa relatada nesta monografia teve como **objetivo geral** examinar como as dimensões prática pedagógica, gestão democrática e ambiente educativo manifestam-se na proposta educativa da Escola Meninos e Meninas do Parque visando contribuir para garantir o direito à educação para os sujeitos que a buscam, respeitando suas especificidades.

Articulado ao objetivo principal apresentado anteriormente o trabalho possui os seguintes **objetivos específicos**:

- Examinar como se dá a articulação das dimensões prática pedagógica, gestão democrática e ambiente educativo manifestam-se no projeto pedagógico da escola EMMP.
- Analisar de que forma essas três dimensões da qualidade da educação são construídas no fazer educativo cotidiano da Escola Meninos e Meninas do Parque.
- Identificar de que maneira ocorre a articulação da gestão da escola e da gestão da sala de aula na EMMP e como esses dois planos da gestão caminham com vistas à realização da proposta pedagógica da referida escola.

Metodologia

Preliminarmente, cabe ressaltar que o estudo foi desenvolvido sob a perspectiva da abordagem qualitativa. Nesse tipo de pesquisa procura-se ter acesso aos sujeitos, suas relações e experiências com a finalidade de compreender o processo social em que estão inseridos. Richardson (2008) explica que a abordagem qualitativa de um determinado problema é uma forma adequada para se entender a natureza de um fenômeno social e traz a seguinte definição:

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos (RICHARDSON, 2008, p. 90).

O autor também relata que a metodologia qualitativa é capaz de descrever a complexidade do problema, à medida que analisa a interação das variáveis na tentativa de compreender e classificar processos dinâmicos vividos pelos grupos sociais, contribuindo no processo de mudança e possibilitando aprofundar-se nas particularidades dos comportamentos dos indivíduos (RICHARDSON, 2008), dessa forma e avaliando a definição apresentada a abordagem qualitativa se faz necessária para o tipo de pesquisa aqui proposta.

Nessa perspectiva, o primeiro passo da pesquisa consistiu na observação da dinâmica da EMMP, entre os meses de abril e novembro de 2012, totalizando oito meses, com o objetivo de conhecer seu cotidiano pedagógico, considerando suas especificidades, bem como a necessidade de obter elementos visando identificar características que compunham sua identidade. A seguir apresento um quadro que identifica os sujeitos participantes da pesquisa.

Quadro 1 – Identificação dos participantes da pesquisa

Alunos adultos do Centro POP	Alunos jovens e adolescentes	Diretora	Coordenadora	Professora
AP	A	D	C ²	P

Fonte: elaborado pela autora

Como segundo passo buscou-se coletar dados por meio de análise documental, realização de grupo focal com os alunos, aplicação de questionários e realização de entrevistas semi-estruturadas com a diretora, coordenadora pedagógica (que anteriormente atuou como professora na EMMP) e uma professora regente. Por fim, os dados coletados foram analisados e interpretados à luz dos elementos teóricos utilizados na pesquisa com o propósito de articular teoria e prática na pesquisa.

Justificativa

Na presente pesquisa, o recorte do tema da qualidade na educação, se justifica do ponto de vista acadêmico e profissional pela necessidade de cooperar como pesquisadora e educadora, com a reflexão referente ao compromisso em promover a democratização qualitativa da Educação Básica. Nesse sentido, o estudo passa a ter uma importância também social, visto que pode fornecer subsídios para a ponderação da prática educativa dos educadores em geral e até da própria instituição estudada, considerando seus papéis na sociedade em que estão inseridos.

Assim, o que me motivou a pesquisar o tema da qualidade utilizando como base os indicadores de qualidade na educação foi o apanhado de leituras e teorias das quais tomei conhecimento no decorrer do curso, somados as observações e experiências que tive em algumas escolas públicas do Distrito Federal, no período que atuei como estagiária e voluntária em projetos. Nesse tempo foi possível perceber dificuldades por grande parte dos alunos em encontrar sentido na sua própria formação diante das práticas desenvolvidas pelas

² A coordenadora pedagógica atuou na EMMP como professora regente dentro do período de realização da pesquisa.

escolas. Constatado nesse ponto que a pesquisa tem ainda uma relevância pessoal ponderando que essa foi uma dificuldade vivenciada em minha trajetória escolar.

Acredito hipoteticamente que isso se deve em grande parte, porque o foco da formação do indivíduo não está nele mesmo, quero dizer, em sua constituição como cidadão emancipado, consciente de suas atribuições, característica de uma educação de qualidade que busca referência nos sujeitos, ao contrário, o que ocorre é um empenho em preparar o aluno para atender os interesses do mercado e das elites, o que reforça as desigualdades sociais e gera exclusões.

Dessa forma a pesquisa realizada na EMMP é relevante ainda, ao levar em consideração o trabalho socioeducativo que nela se realiza. À medida que a escola se propõe a trabalhar com uma parcela de sujeitos excluídos socialmente de seus direitos de acesso a educação, há uma necessidade em compreender como essa proposta se desenvolve, e como a qualidade pode garantir a efetiva concretização desse direito.

Do ponto de vista de sua estrutura o trabalho está definido em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No Capítulo 1 é feita uma abordagem a respeito do que é educação como prática social, além de se focalizar a escola como espaço de formação dos indivíduos, ainda que se leve em conta que, na sociedade contemporânea, essa instituição não é mais a única instituição responsável pela formação dos indivíduos. Sendo assim, a educação passa a ser um direito adquirido, de maneira que a formação do cidadão deve permitir-lhe reconhecer determinados elementos que, em sua essência, é importante serem os fundamentos básicos para uma educação de qualidade.

O Capítulo 2 traz o enfoque para as três dimensões dos indicadores de qualidade da educação considerados nesse trabalho: o ambiente educativo, a prática pedagógica e a gestão democrática, descrevendo-os em relação ao espaço escolar. A discussão proposta nesse capítulo a respeito dessas três grandes dimensões toma como referência a proposta formulada pela Ação Educativa e por um conjunto de instituições envolvidas com a questão educacional no mundo e no Brasil, no que tange ao tema qualidade. O conhecimento dessas dimensões assume grande importância para o alcance dos objetivos propostos para o trabalho, bem como para a análise dos dados no próximo capítulo.

Por fim, o Capítulo 3 trabalha com a análise e interpretação dos dados coletados, buscando compreender as dimensões dos indicadores presentes no projeto político pedagógico da escola, sua concepção na própria prática dessa instituição. Nesse contexto educativo, busca-se focalizar a gestão em dois planos – na sala de aula e na EMMP como um todo.

CAPÍTULO 1 – A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL: ALGUNS SENTIDOS E ALCANCES NA FORMAÇÃO DOS INDIVÍDUOS

O que se entende por educação? Dentre tantas outras, uma definição mais geral para este termo torna possível compreendê-la como uma manifestação humana que busca a apropriação e, ao mesmo tempo, a transformação da cultura produzida pelos homens.

Como prática intrínseca à natureza humana, a educação tem sido definida por diferentes teóricos e áreas do conhecimento humano. Nesse sentido, merece destaque uma conceituação formulada na transição do século XIX para o século XX proposta pelo sociólogo Émile Durkheim (1858-1917) e que durante muito tempo orientou os sistemas educacionais: “fato social que garante a continuidade histórica transmitindo patrimônio cultural e experiências de uma geração mais velha para uma geração mais nova” (GHIRALDELLI, 2007, p. 22).

Como fato social a educação acontece em diferentes espaços, sendo a escola um dos ambientes possíveis para produção e socialização de saberes e culturas com objetivos na formação dos indivíduos incluindo o reconhecimento de deveres e direitos, dentre os quais aquele que diz respeito à educação. Convergindo para esta definição de educação a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9.394/96, estabelece em seu Artigo 1º:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 2010, p. 7)

Considerando a educação como processo formativo por excelência dos indivíduos, é necessário encará-la como uma busca pela composição do ser humano crítico capaz de identificar e cessar com a situação de alienação³, que o afasta de sua condição de sujeito atuante e construtor de sua própria história. Nesse sentido, é importante romper com a educação dos depósitos (FREIRE, 2001) em que os alunos naturalmente concebidos “sem

³ O conceito de alienação apresentado por Paulo Freire refere-se ao desconhecimento pelo homem de sua própria consciência e essência enquanto ser humano, acarretando no prejuízo da sua capacidade transformadora, criativa e realizadora. A superação dessa condição implica em agir e refletir sobre o mundo ao seu redor com a finalidade de transformá-lo (FREIRE, 1987).

luz” são meros depositários, matérias brutas a serem trabalhadas pelo professor, possuidor de conhecimento (depósitos). Assim, uma educação formativa concebe educadores e educandos em uma relação de ensino e aprendizagem mútua valorizando a autenticidade do pensamento de ambos, o que implica a superação da condição de opressão que coloca quem ensina numa categoria de destaque em relação ao que aprende.

1.1 Educação como prática social

Em princípio, pode-se dizer que a educação é uma prática social que abrange os processos geradores das relações de ensino-aprendizagem, com vistas a transmitir informações, cultura e a construir um modo de vida que preserve a organização social, os valores e as crenças de cada grupo. Como exemplo de instituição educativa informal temos a família⁴ que, como parte integrante da sociedade, é o ambiente inicial para a instauração dessas relações, estabelecendo desde maneiras de falar e vestir-se até regras de convivência. No que tange especificamente à definição de educação, em seu sentido e alcance social, Brandão (2007) afirma:

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar — às vezes a ocultar, às vezes a inculcar — de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem (p. 10).

Como prática social, a educação é historicamente conquistada por meio de lutas e mobilizações, avançando à medida que ocorre o reconhecimento da necessidade de expansão e democratização das oportunidades de escolarização em um ambiente público e de qualidade (BRASIL, 2004a). Dessa forma, a efetiva participação nesse processo é fundamental, destacando-se em sua configuração valores como respeito e capacidade de dialogar. No caso

⁴ Neste trabalho estendemos o conceito de família para além da configuração tradicional – pai, mãe e irmãos. Referimo-nos aqui ao grupo que acolhe o indivíduo, independente do seu feitiço. Desse ponto de vista, família pode ser definida como um núcleo formado por parentes e instituições acolhedoras, entre outras, considerando que cada grupo acaba adquirindo a incumbência de transmitir um modo de vida conveniente com o ambiente em que o sujeito está inserido.

da escola, ela também promove a educação, porém como um espaço que abriga inúmeras diferenças articuladas com relações que não se limitam aos seus muros.

Diante dessas responsabilidades convém que a escola desenvolva suas práticas procurando observar a diversidade que a compõe, buscando relacionar os conteúdos propostos pelo currículo com a vivência dos sujeitos que nela estão inseridos. Assim a instituição educativa pautada nos princípios democráticos de educação prioriza o desenvolvimento de valores, da coletividade e da reflexão com objetivos em ampliar a participação do sujeito na sociedade.

Pensarmos a democratização implica, portanto, compreendermos a cultura da escola e dos seus processos, bem como articulá-los com ações sociais mais amplas. A compreensão dos processos culturais na escola envolve diretamente os diferentes segmentos das comunidades local e escolar, seu valores, atitudes e comportamentos. Ou seja, a escola é um espaço de contradições e diferenças. Nesse sentido quando buscamos construir na escola um processo de participação baseado em relações de cooperação, no trabalho coletivo e no partilhamento do poder, precisamos exercitar a pedagogia do diálogo, do respeito às diferenças, garantindo a liberdade de expressão, a vivência de processos de convivência democrática, a serem efetivados no cotidiano, em busca da construção de projetos coletivos (BRASIL, 2004a, p 24).

Na convivência entre os grupos os saberes se desenvolvem e são adquiridos por meio da experiência com o mundo e com o outro. Por isso, a educação tem o encargo de conceder ao homem o desenvolver-se nessa relação a fim de constituir-se como ser humano (FREIRE, 2001) socializar-se, formando o seu caráter e permitindo que este modifique e seja modificado mediante as relações de ensino e aprendizagem. Como a educação “aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar-e-aprender” (BRANDÃO, 2007, p. 11), temos que sua finalidade seja atender os interesses da sociedade.

Nesse sentido, a educação é contínua, desenvolve-se ao longo da vida e serve ao homem tanto quando proporciona sua emancipação – à medida que contribui com a formação do sujeito crítico – como desfavoravelmente quando reafirma as desigualdades. Sob esse ângulo, ao mesmo tempo em que esta prática pode ser um fator de manutenção de determinada, é capaz de transformá-la, à medida que se propõe a repensar as estruturas sociais, bem como as mentalidades que as sustentam.

Até aqui o conceito de educação está retratado como uma prática social presente em diversos contextos, uma vez que ela está a serviço da sociedade que a torna possível, com objetivos na formação humana através da apropriação do saber cultural e historicamente

construído pelo homem. Em consequência disso, todos estão sujeitos a passar por processos educativos, desde muito cedo, na família, na escola e em outros espaços sociais diversos. À medida que o cidadão se torna mais “educado”, no sentido de reconhecer-se como sujeito de direito protagonista de sua história, ele é capaz de pensar criticamente e agir sobre a sua realidade, cômico de seus papéis e reconhecedor de seus direitos.

Cabe ressaltar que o processo educativo é permanente, pois o homem é um ser que pode ser educado. Nessa perspectiva Saviani (2007) teorizando a respeito de alternativas para a educação, explica que na educação permanente o homem é sempre o objeto da educação e completa: “A educação não acaba com a idade adulta, como acredita a concepção tradicional de educação. O homem é sempre educável e essa educabilidade inacabada do homem cumpre-se das mais diferentes formas” (SAVIANI, 2007, p. 215).

Assim a escola está inserida nessa diversidade de formas a medida que não fica estagnada na participação de apenas algumas fases da vida dos indivíduos, como a infância e a adolescência, mas é capaz de participar da educação humana ao longo da vida. Isto significa, ainda sobre este ponto de vista de Saviani, que a escola está presente na vida dos adultos, não apenas com a responsabilidade de alfabetizar aqueles que não tiveram oportunidade de acesso a escola em idade própria, mas especialmente como um instrumento de sociabilização permanente.

1.2 A escola: espaço de formação do indivíduo

A escola é um dos espaços educativos presentes na sociedade, existindo ela com a função de sugerir alternativas para uma formação na qual os estudantes reconheçam serem autores de sua própria história. Para tanto, essa instituição precisa criar oportunidades para o desenvolvimento de competências que permitam a vida em sociedade como indivíduos autônomos e responsáveis, capazes de refletir criticamente sobre a tomada de decisões (BRASIL, 2004b). Todavia, essa relação só será possível a partir do momento em que a escola procura, por meio de suas práticas, não ser uma mera reprodutora de conteúdos, mas uma instituição que busca a integração dos saberes dos alunos. Além disso, precisa mostrar-se preocupada com as comunidades que nela estão inseridas, bem como com os saberes postos no currículo escolar, evitando uma prática educativa limitadora. “A escola só faz sentido como espaço de formação humana, de aprendizagem significativa” (p. 25). Dados de 2009 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e publicados em 2012 no documento “Iniciativa global pelas crianças fora da escola – Brasil,” elaborado pelo Fundo das Nações Unidas para a

Infância UNICEF, revelam que a escola brasileira ainda não conseguiu de maneira eficiente promover essa integração. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Pnad/IBGE apresentados no quadro a seguir mostram a existência de um grande número de crianças fora da escola.

Quadro 1 – População brasileira de 4 a 6 anos fora da escola, por raça/etnia, localização e gênero.

Região	Total	Branca	Negra	Urbano	Rural	Meninos	Meninas
Brasil	1.615.886	682.778	921.677	1.179.942	435.944	842.298	773.588
Norte	248.092	48.583	198.625	171.549	76.543	134.851	113.241
Nordeste	385.814	107.776	272.485	229.611	156.203	213.060	172.754
Sudeste	474.760	213.295	259.267	386.404	88.356	236.812	237.948
Sul	329.495	247.580	81.234	247.244	82.251	167.526	161.969
Centro-Oeste	177.725	65.544	110.066	145.134	32.591	90.049	87.676

Fonte: IBGE/Pnad, 2009.

Os dados apresentados mostram que a região brasileira em que se encontram mais crianças fora da escola de acordo com a faixa etária mencionada é a região Sudeste. Ao analisar o conjunto raça/etnia a região Nordeste apresenta o maior número entre as regiões brasileiras, de crianças privadas do direito de acesso a escola. Em relação às crianças brancas o número de crianças negras fora da escola é maior em quase todas as regiões do Brasil, exceto pela região Sul. Observando o meio rural e urbano a concentração mais alta está também na região Sudeste. E por fim, no conjunto gênero a maioria das regiões brasileiras apresenta o maior número de meninos fora da escola em relação as meninas, excetuando-se a região Sudeste que apresenta um aparente equilíbrio entre os números evidenciado por uma com uma pequena diferença de 1,136 (um milhão e cento e trinta e seis mil crianças). Conforme a própria análise do documento da UNICEF que apresentou os dados acima, os números refletem as desigualdades apresentadas em vários setores da sociedade brasileira. A situação apresentada reforça então a reflexão a respeito do papel da escola na formação dos sujeitos com qualidade, como ferramenta na busca pela superação dessas desigualdades.

A LDBEN 9.394/96 também contribui com a ideia de que a escola desenvolve um trabalho de ensino integrado quando incentiva a valorização da experiência extraescolar trazida pelos alunos. Esta postura escolar implica, dentre outros: (i) um trabalho articulado

com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola; (ii) o dever docente de colaborar com as atividades que articulam escola, família e comunidade; (iii) normas de gestão a partir do princípio de participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes; (iv) complementação do currículo por uma parte diversificada definida por características regionais e locais da sociedade, da cultura da economia e da clientela (BRASIL, 2010).

A legislação educacional brasileira propõe medidas e ações que corroboram com o a efetivação da função social da escola, com foco na formação do indivíduo. A escola não pode ausentar-se do mundo que está ao seu redor e acreditar que não padecerá das influências da sociedade, visto que “os conflitos sociais, o jogo de interesses, as contradições que se dão no corpo da sociedade se refletem necessariamente no espaço das escolas” (FREIRE, 2001, p. 49). Existe, então, a necessidade de desenvolver uma democracia participativa dos atores escolares visando sua atuação no mundo de maneira consciente e transformadora. Nessa perspectiva, entendemos, democracia participativa como aquela que ultrapassa os limites da elegibilidade de representantes (democracia representativa). A participação está relacionada a uma democracia em que os cidadãos se reconhecem como sujeitos de direitos e lutam para que estes sejam cumpridos e ampliados, além de acompanhar a sua execução, entendendo que não possuem apenas direitos, mas deveres a serem cumpridos junto à sociedade (BRASIL, 2004a). Dessa concepção de democracia, decorre uma concepção de escola que apresenta a possibilidade de instaurar uma gestão capaz de organizá-la por meio de processos coletivos que estimule participação das comunidades local e escolar. Entretanto, é necessário conhecer a pluralidade de relações estabelecidas no contexto da instituição escolar.

A compreensão dos processos culturais na escola envolve diretamente os diferentes segmentos das comunidades local e escolar, seus valores, atitudes e comportamentos. Ou seja, a escola é um espaço de contradições e diferenças. Nesse sentido, quando buscamos construir na escola um processo de participação baseado em relações de cooperação, no trabalho coletivo e no partilhamento do poder, precisamos exercitar a pedagogia do diálogo, do respeito às diferenças, garantindo a liberdade de expressão, a vivência de processos de convivência democrática, a serem efetivados no cotidiano, em busca da construção de projetos coletivos (BRASIL, 2004a, p. 26).

Dessa forma a escola precisa contribuir com a concepção do estudante consciente de sua atuação no contexto em que está inserido, especialmente aqueles que estão em situação de vulnerabilidade social, por vezes ocasionada pela necessidade de ajudar a família em sua situação econômica ou mesmo pelo envolvimento com atividades conflitantes com a lei,

derivada da construção histórico-social. Assim, existe a necessidade de ampliação das perspectivas desses indivíduos, mas para isso é fundamental que a escola conheça os seus alunos e compreenda a diversidade de conjunturas que a cerca.

A partir dessas primeiras reflexões acerca do que é educação e do papel da escola como espaço de formação do indivíduo, aprofundaremos, a seguir, a noção de educação como um direito do homem. Nessa perspectiva, reiteramos possuir a escola um papel importante: o de empenhar o seu trabalho na busca pela qualidade social⁵, a fim de constituir-se como espaço de formação orientada para o esclarecimento e a emancipação dos indivíduos, ainda que para realizar seu trabalho nessa direção, ela enfrente dificuldades diversas.

1.3 Educação como direito

Temos a educação como um ato constante do ser humano presente nas mais diversas práticas sociais e que permite a vida em sociedade, pois coopera com a formação do cidadão, permitindo-lhe ser capaz de se apropriar-se dos bens culturais e desenvolver habilidades e competências que lhe permitirão conquistar seu espaço em sociedade. Sob esse ângulo, a educação se constitui como direito inerente ao ser humano e não se restringe ao espaço escolar, o qual também será objeto de análise deste capítulo.

A educação como direito humano⁶ “não pode estar dissociada de outros direitos” (BRASIL, 2008, p. 78), pois ela favorece a sua realização. Em uma sociedade democrática, ela não pode ser negada, pois é dever do Estado assegurá-la por meio da definição de políticas públicas, bem como é dever da sociedade requerer seu cumprimento através da mobilização social. Na garantia do direito à educação, há a compreensão de que ela é um direito público subjetivo devendo, portanto, sua execução ser demandada legalmente, no caso de estar sendo negado (BRASIL, 2008).

⁵ A qualidade social se concretiza estabelecendo seu foco nos sujeitos com objetivos na sua formação integral. Portanto possui uma perspectiva emancipatória, construindo uma qualidade articulada ao fortalecimento da escola como espaço público e democrático. Dessa forma o conceito de qualidade é plural e pautado em valores e por isso é compreendido como construto social (ARAUJO, 2012).

⁶ Os Direitos Humanos são direitos que pertencem a todos os seres humanos, em razão da dignidade que possuem. A dignidade, portanto, é o fundamento desses direitos estabelecido na maior parte dos documentos e leis internacionais da área. São direitos que não deixam de existir, nem podem ser retirados das pessoas, porque ninguém perde sua condição de ser humano. Esses direitos são considerados fundamentais porque sem eles a pessoa não é capaz de se desenvolver e de participar plenamente da vida. A dignidade aqui referida fala do valor que cada pessoa tem dentro de si mesmo, é a sua essência, por isso qualquer ato que venha degradá-la é um ato contra a humanidade (BRASIL, 2008, p.14).

O desenvolvimento do conceito de educação como um direito possui uma longa trajetória histórica, passando pela Revolução Francesa e sendo posta na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789) e na Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948). No Brasil, essa é uma questão referenciada nas Constituições de 1824, 1934, 1946 e 1988, sendo que nesta última é abordada de forma mais abrangente.

O texto da Constituição Federal de 1988, também chamada Constituição Cidadã, reconhece em seu Artigo 6º que a educação é um direito social, juntamente com a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância e a assistência aos desamparados. Já o artigo 205 estabelece que a educação é dever do Estado e da família, enquanto o artigo 208 define que o dever do Estado se efetiva pela garantia do ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive para aqueles que não tiveram acesso na idade própria (BRASIL, 2006).

Os marcos legais apresentados realçam a importância da visão de educação com foco na formação integral do indivíduo, permitindo-lhe agir na conquista do seu espaço e transformá-lo por meio de uma ação refletida. Afinal, esta é a educação que assegura ao indivíduo a capacidade de exigir o seu direito e entender, por exemplo, que a garantia prevista na lei não está cumprida na concessão de benefícios de uma política puramente assistencialista. Além disso, pode favorecer a compreensão de que é preciso avançar daquilo que é decretado, como direito nas leis, para o plano de sua efetivação nas práticas sociais promovidas pelos indivíduos.

A educação, portanto, deve ser tratada e realizada como um direito, e não como um serviço. E, como tal, não deve resumir-se a ofertas de vagas nas escolas públicas. Não é apenas o acesso à escola que garante a realização do direito à educação. É preciso assegurar a qualidade do ensino, a permanência e a aprendizagem dos alunos na escola, a formação continuada dos professores e demais trabalhadores em educação e também da família...

[...] além de investirem uma educação de princípios e valores democráticos que responda aos interesses da comunidade. De igual forma, é necessário assegurar que a gestão da escola esteja respaldada por uma legislação que assegure a promoção dos Direitos Humanos (BRASIL, 2008, p. 79).

Analisando ainda os dispositivos legais, em relação à garantia do direito à educação, é relevante destacar o Artigo 5º da LDBEN 9.394/96, que assegura o direito à educação, bem como estabelece sua reivindicação legal, em casos de sua negação:

Art. 5º O acesso ao ensino fundamental é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída, e, ainda, o Ministério Público, acionar o poder público para exigi-lo (BRASIL, 2010, p.10).

De igual modo o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA⁷, criado por meio da Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, importante documento que ampara as crianças e os adolescentes brasileiros, em diversos aspectos. De maneira bastante objetiva, essa lei apresenta a mesma garantia no que tange os direitos educacionais postos como dever do Estado:

Art. 54. É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente:

I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

§ 1.º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2.º O não oferecimento do ensino obrigatório pelo poder público ou sua oferta irregular importa responsabilidade da autoridade competente (BRASIL, 2008b, p.20).

De fato, em toda reivindicação de direitos é imprescindível estar consciente dos mesmos. O respaldo legal como o mencionado até aqui é ferramenta capaz de fornecer elementos que permitam aos sujeitos a influência social proposta por Freire, no sentido de construir uma educação comprometida com os processos formativos que resultem em uma concepção do homem cidadão, cômico de sua posição e da capacidade de intervenção no mundo que ela lhe proporciona (FREIRE, 1996).

Saes (2006) realiza uma análise sociológica e histórica a existência de obstáculos políticos à conscientização do direito a educação. Em suas reflexões aponta que por trás da aparência da garantia do direito de acesso ao ensino elementar assegurado por parte das Constituições brasileiras já promulgadas, o que na verdade existiu, foi uma “dupla obrigação”, civil por parte dos pais que devem matricular seus filhos na escola e política por parte do Estado na garantia de oferta do ensino elementar, público e obrigatório. Segundo o autor, isso

⁷ A Lei 8.069 de 13 de julho de 1990, conhecida como ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente define os direitos de crianças e adolescentes brasileiros. Esta lei substitui o antigo Código de Menores e traz mudanças importantes como o reconhecimento de que crianças e o adolescente são sujeitos de direitos e necessitam de proteção para desenvolver-se em liberdade, determina que ambos tenham prioridade absoluta na proteção e prestação de socorro com precedência no atendimento e preferência nas políticas públicas e por fim, declara que crianças e adolescentes são reconhecidos como pessoas em desenvolvimento, prevendo punição para qualquer atentado por ação ou omissão aos direitos estabelecidos em lei (BRASIL, 2007).

ocorreu pelo fato de a educação não ser do interesse de todos, estar a sociedade dividida em classes ou, ainda, pelo fato de muitos indivíduos procurarem interesses próprios ou não estarem suficientemente habilitados para reivindicar os seus direitos.

Nessa lógica, a classe dominante historicamente temeu a instituição legal da obrigatoriedade do ensino de base para todos, pois a conscientização da classe trabalhadora colocaria em risco a própria legitimidade da primeira. De forma concreta, enfrentando as barreiras financeiras a classe trabalhadora encara seus filhos como mão-de-obra, restando à classe média o papel de reivindicar o direito a educação, impulsionado pelo desejo de gerar uma competição de saberes na escola. O resultado desse processo é o “sucesso escolar dos filhos da classe média e o fracasso dos filhos das classes trabalhadoras manuais” (SAES, 2006, p. 26-29).

A partir das análises propostas pelo referido autor é possível entender questões atuais envolvendo a escola pública no Brasil, a qual em muitos momentos é excludente e não proporciona uma aprendizagem significativa, contextualizada, especialmente para as classes subalternas. Como afirma o autor, a mesma classe média que movida pela competição de saberes lutou pela escola única de ensino público e obrigatório, produziu dentro da mesma a promoção do aluno de classe média em detrimento do aluno da classe popular provocando a sua saída precoce do ambiente escolar, impedindo-o de concluir sua trajetória (SAES, 2006).

De forma sintética, podemos perceber nos direitos legalmente garantidos uma possibilidade para alterar a situação de exclusão. Para tanto, é preciso partir do princípio de que as leis que organizam e definem o sistema educacional do país são fundamentais para a elaboração de políticas públicas capazes de intervir na situação atual, buscando um sistema educacional comprometido com a qualidade da educação, tema do qual trataremos a seguir.

1.4 Qualidade da educação: o que a escola tem a ver com isso?

O conceito de qualidade não está relacionado a um valor absoluto visto que sua construção passa pelo interesse dos sujeitos envolvidos. Dessa forma ele encontra sentido a medida que atende as especificações dos modelos estabelecidos pelos indivíduos. Com base nessa caracterização a definição para este termo se torna um desafio considerando a diversidade de sentidos que ela pode assumir, especialmente quando aplicada a educação.

Sousa (2009) compartilhando o significado da referida palavra, esclarece que a qualidade está relacionada a propriedade e a condição das coisas ou das pessoas capazes de distingui-las e apontar sua natureza. Ponderando esta definição, no cenário educativo a

qualidade se torna um objetivo a ser atingido e em torno do qual se estabelecem comparações e avaliações sobre a sua conjuntura real e a que se pretende alcançar.

Assim, a qualidade indica a centralidade das coisas e dos seres, aquilo que essencialmente caracteriza algo e o marca. Em razão da complexidade que esse conceito envolve, refletir a respeito dele significa lidar com o contraditório e o provisório, reconhecendo que a educação, no mundo atual, recorre constantemente a ele, identificando-o como seu principal objetivo (SOUSA, 2009, p. 245).

Atualmente as definições do que seja a qualidade da educação – ou do ensino ou, ainda, dos sistemas de ensino – são carregadas da ideia de que este conceito diz respeito a algo que possa ser quantificado, mensurado de acordo com os resultados observados nos indivíduos. Além disso, fica subjacente a algumas discussões sobre o tema a ideia de que a qualidade pode ser apresentada por meio de números e estatísticas, baseados em uma visão mercadológica, limitadora dos sujeitos a reproduzirem conteúdos que serão cobrados posteriormente e exigidos para a execução de funções. Sendo assim, é necessário pensar e rever as concepções de educação e do papel da escola na sociedade contemporânea, discutindo como essa instituição tem contribuído com a sociedade na formação do sujeito emancipado, transformador de sua condição alienante e, conseqüentemente, da sociedade em que se insere como foi abordado no início deste capítulo. Também é importante refletir se, em outra direção, a escola tem servido como sustentáculo dos interesses das elites e, portanto, contribuído para manter as desigualdades sociais. A respeito da contemporaneidade do conceito de qualidade na educação, Paro (2007) afirma:

Na falta de um conceito mais fundamentado de qualidade do ensino, o que acaba prevalecendo é aquele que reforça uma concepção tradicional e conservadora da educação, cuja qualidade é passível de ser medida pela quantidade de informações exibida pelos sujeitos presumivelmente educados. Essa concepção não apenas predomina nas estatísticas apresentadas pelos organismos governamentais, que se propagam por toda a mídia e acabam pautando os assuntos educacionais da imprensa – quase sempre acrítica a esse respeito –, mas se faz presente também em muitos estudos acadêmicos sobre políticas públicas em educação. Para essa visão, parece pacífico que a função da escola é apenas levar os educandos a se apropriar dos conhecimentos incluídos nas tradicionais disciplinas curriculares: Matemática, Geografia, História, Língua Portuguesa, Biologia etc. Assim, a qualidade da educação seria tanto mais efetiva quanto maior fosse a quantidade desses “conteúdos” apropriados pelos alunos, e a escola tanto mais produtiva, quanto maior o número de alunos aprovados (e quanto maiores o escores obtidos) em provas e exames que medem a posse de tais informações (p. 20-21).

Diante da necessidade de resgatar a escola pública comprometida com a qualidade da educação referenciada nos sujeitos sociais, faz-se necessário redefinir os seus objetivos compreendendo o seu caráter ético-político. Isso significa que como uma instituição formadora do cidadão a escola precisa contribuir com a constituição política dos sujeitos nela inseridos. Para tanto, ela precisa investir na construção da capacidade de os grupos conviverem entre si e influenciar comportamentos baseados no desenvolvimento de valores, escolhas e hábitos. Certamente, isso precisa ser objeto central de preocupação da escola, ainda que a educação não seja apenas de sua responsabilidade, afinal ela é um espaço privilegiado para a ocorrência dessa interação explicitada em sua prática educativa (PARO, 2007).

Quanto ao caráter ético da educação, percebe-se uma estreita relação deste com a natureza política do ato de educar. A esse respeito, Rios (2001) propõe que a ética possui uma perspectiva de ponderação crítica procurando compreender o sentido da ação do homem. Sendo assim, a relação da ética com a atitude política está em formular a reflexão a respeito da ação exercida sobre as pessoas, norteadas por princípios instituídos em sociedade.

Em termos políticos, é possível romper com a ideia de qualidade pautada nos valores de mercado e na análise de testes padronizados verificadores de desempenho que tem como objetivo classificar e promover ou não os indivíduos com base no mérito. O discurso meritocrático acaba por desviar a responsabilidade das desigualdades sociais atribuindo ao indivíduo a culpa pelo seu fracasso, bem como eximindo a escola e a sociedade dos encargos sociais produzidos por essa lógica (ARAÚJO, 2012).

Dessa forma, é necessário vislumbrar possibilidades de construir uma qualidade que tenha referência nos sujeitos sociais, visando sua emancipação. Portanto, falamos de uma qualidade em educação contextualizada e construída por meio da participação direta dos sujeitos. A qualidade assume, então, um significado plural por estar envolvida com a história e a cultura de cada escola respeitando as peculiaridades de cada uma, como atesta o referido autor, na citação a seguir:

Ao afirmar as identidades, memórias e trajetórias excluídas do debate educacional, a escola se revela como uma instituição social complexa, plural, sensível as demandas locais e às histórias de seu sujeitos sociais. Nesse contexto, nem tudo pode ser quantificado, medido, padronizado e regulado cientificamente (p. 209).

A qualidade defendida por uma escola comprometida com a formação do indivíduo necessita resgatar é construída processualmente, respeitar os ciclos de vida dos seus sujeitos e

permitir que eles sejam valorizados. Essa lógica é pautada nos princípios de valorização e socialização e se faz necessária na superação de uma escola excludente com tendência a reafirmar as disparidades, como, por exemplo, aquelas de natureza social.

CAPÍTULO 2 – AMBIENTE EDUCATIVO, PRÁTICA PEDAGÓGICA E GESTÃO DEMOCRÁTICA COMO DIMENSÕES DE QUALIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

O presente capítulo discorre sobre três dimensões de qualidade na educação básica – ambiente educativo, prática pedagógica e gestão escolar democrática. Avaliando integralmente o documento **Indicadores de Qualidade na Educação**, tomado como referência para a discussão que se segue nesse capítulo, fiz uma escolha por essas três dimensões, pois avalio que elas possuem características marcantes da participação e do trabalho coletivo, o que proporciona uma análise abrangente dos indicadores escolhidos no contexto da escola pesquisada – Escola Meninos e Meninas do Parque (EMMP), além de possibilitar examinar como ocorre a organização do seu trabalho e o desenvolvimento de suas práticas visando à superação das dificuldades do trabalho socioeducativo e tornando a escola um ambiente desejado pelos seus alunos.

O referido documento foi formulado e distribuído em todo o Brasil em 2004, sofreu modificações, e em 2007 foi apresentada a sua 3ª edição ampliada que trouxe a inclusão de mais uma dimensão, além daquelas que já existiam – o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.⁸ Os indicadores de qualidade na educação têm como objetivo fazer apontamentos a fim de ajudar a escola a avaliar a sua situação e mediar ações que atendam as suas necessidades prioritárias (BRASIL, 2007).

Os indicadores são instrumentos que podem ser consultados na formulação de políticas públicas educacionais visando sua melhoria, uma vez que eles “fornecem informações a respeito das realidades específicas avaliadas” (SOUSA, 2012, p.1). Primeiramente, um indicador pode ser definido como um sinal ou sinais que fornecem pistas, levando ao entendimento da situação como um todo, podendo assumir um sentido qualitativo. Todavia, do ponto de vista prático, é necessário estar atento à variação desses sinais, pois eles conduzem à constatação das melhorias, ou não, da situação analisada, e não apenas isto, através da avaliação dos indicadores é possível propor alternativas que permitam avançar no planejamento (BRASIL, 2009). Vale ressaltar que cada escola pode também definir seus próprios indicadores de acordo com suas especificidades.

⁸ Antes de entrar na discussão sobre as três dimensões referidas no início deste capítulo, serão apresentadas em um quadro (p. 39) todas as dimensões que constam no documento Indicadores de Qualidade na Educação.

Os indicadores de qualidade em educação são instrumentos flexíveis, devendo ser elaborados com base nas expectativas sobre como se apresenta uma escola de qualidade, a partir da definição de elementos que expressem essa qualidade. Tomando como base o referido documento, quando se discute qualidade é importante lidar com determinadas dimensões, sendo cada uma delas constituída por um grupo de indicadores avaliados que, por sua vez, precisam ser orientados por meio de perguntas a serem respondidas coletivamente. Dessa forma, é essencial a participação de toda a comunidade escolar, dado que o processo será completo e coerente com a realidade à medida que trazer para a avaliação a perspectiva dos diferentes olhares.

As dimensões de qualidade apontadas atualmente no Brasil para a educação básica (AÇÃO EDUCATIVA et al) são sete, a saber: (i) ambiente educativo; (ii) prática pedagógica e avaliação; (iii) ensino e aprendizagem da leitura e da escrita; (iv) gestão escolar democrática, (v) formação e condições de trabalho dos profissionais da escola; (vi) acesso e permanência dos alunos na escola e (vii) ambiente físico escolar. Essas dimensões são sintetizadas no quadro a seguir, de acordo com a proposta de Freitas e Sousa (2009) que, por sua vez, basearam-se no referido documento.

Quadro 2 – Dimensões, indicadores e perguntas

DIMENSÕES, INDICADORES E PERGUNTAS
<p>DIMENSÃO 1 – AMBIENTE EDUCATIVO</p> <p>1. Amizade e solidariedade</p> <p>1.1. Quando alguém (professor, funcionário ou aluno) chega à escola com algum problema pessoal encontra pessoas dispostas a ajudar?</p> <p>1.2. O ambiente da escola favorece a amizade entre todos (entre alunos e alunos; entre professores e alunos; entre os professores, etc.)?</p>
<p>2. Alegria</p> <p>2.1. Os alunos gostam de freqüentar a escola?</p> <p>2.2. As pessoas que trabalham na escola gostam do trabalho que ali desenvolvem?</p> <p>2.3. A escola promove festas com a participação de pais, alunos, professores e funcionários?</p>
<p>3. Respeito ao outro</p> <p>3.1. Os alunos tratam bem os professores e os funcionários da escola?</p> <p>3.2. Os professores são respeitosos e afetuosos com os alunos?</p> <p>3.3. Professores, diretores e funcionários se tratam bem e se respeitam?</p> <p>3.4. As pessoas que trabalham na escola se sentem respeitadas e valorizadas pelos pais?</p> <p>3.5. Os pais são sempre atendidos com atenção e respeito na escola?</p>
<p>4. Combate à discriminação</p> <p>4.1. Na escola todos são tratados com respeito e mantêm laços de amizade, não importando se são negros, brancos, indígenas, pessoas com deficiência, ricos ou pobres, homens ou mulheres, homossexuais ou não?</p> <p>4.2. Quando os alunos têm atitudes preconceituosas ou discriminatórias (como fazer brincadeiras ou usar apelidos que humilham seus colegas), isso é conversado na sala de aula ou em outro espaço da escola para</p>

que não aconteça mais?

- 4.3.** A discriminação (atos preconceituosos contra pessoas com deficiência, povos indígenas, mulheres, negros, homossexuais e outros) é assunto abordado durante as aulas como algo que causa sofrimento, prejudica as relações entre as pessoas e é crime?

5. Disciplina e tratamento adequado aos conflitos que ocorrem no dia-a-dia da escola

- 5.1.** As regras de convivência da escola são claras, conhecidas e respeitadas por toda a comunidade escolar?
- 5.2.** Os alunos participam da elaboração das regras de convivência na escola?
- 5.3.** As regras estabelecem direitos e deveres para todos (alunos, professores, diretor, demais profissionais da escola, pais e mães)?
- 5.4.** As punições para aqueles que não cumprem as regras são aplicadas a todos, independentemente se são alunos, professores, diretor ou demais profissionais da escola?
- 5.5.** Os profissionais da escola (diretor, professores, etc.) procuram resolver os conflitos que surgem entre as pessoas no ambiente escolar (brigas, discussões) com base no diálogo e na negociação?
- 5.6.** Os professores desenvolvem atividades para que os alunos aprendam a dialogar e negociar?

6. Respeito aos direitos das crianças e dos adolescentes

- 6.1.** Todos (alunos, professores, diretor, demais profissionais e pais e mães) conhecem o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e respeitam os direitos nele estabelecidos?
- 6.2.** O Estatuto da Criança e do Adolescente é abordado nas salas de aula ou em outras atividades realizadas na escola?
- 6.3.** Os pais de crianças que não têm registro de nascimento recebem orientação na escola sobre a importância, a gratuidade e a forma de tirar esse documento?
- 6.4.** A escola acolhe crianças e adolescentes com deficiência nas mesmas salas de aula em que estudam os alunos sem deficiência?

DIMENSÃO II – PRÁTICA PEDAGÓGICA E AVALIAÇÃO

1. Projeto político-pedagógico definido e conhecido por todos

- 1.1.** A escola possui um projeto político-pedagógico escrito (em forma de documento)?
- 1.2.** Professores, pais, alunos, diretor, funcionários e outros membros da comunidade escolar participaram ativamente da elaboração do projeto político-pedagógico da escola?
- 1.3.** Todos os que trabalham na escola, pais e alunos conhecem o projeto-pedagógico da escola?
- 1.4.** O projeto político-pedagógico da escola é coerente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e com as Diretrizes Curriculares Nacionais?

2. Planejamento

- 2.1.** Os professores planejam regularmente suas aulas?
- 2.2.** Os professores trocam idéias entre si para planejar as aulas?
- 2.3.** O planejamento prevê o uso de diferentes recursos pedagógicos (Internet, jornais, revistas, livros diversos, obras de arte, filmes) em sala de aula?
- 2.4.** Os professores procuram saber o que os alunos aprenderam no ano anterior para preparar o planejamento do ano letivo?
- 2.5.** Os professores ouvem e consideram opiniões e sugestões dos alunos para planejar suas aulas?

3. Contextualização

- 3.1.** Professores e alunos realizam atividades de estudo do ambiente do entorno da escola?
- 3.2.** Professores e alunos desenvolvem atividades para resolver problemas que percebem no entorno da escola?
- 3.3.** A escola promove visitas no bairro e na cidade para que os alunos conheçam e aprendam a usar os equipamentos públicos da região (postos de saúde, hospitais, parques, praças, monumentos, museus, bibliotecas, centros culturais, Conselho Tutelar, Vara da Infância, etc.)?
- 3.4.** Os professores relacionam os conteúdos a serem trabalhados na sala de aula com a vida cotidiana dos seus alunos?
- 3.5.** Temáticas importantes para o processo educativo de adolescentes e jovens são tratados na escola com os alunos que estão nessa fase da vida (gravidez na adolescência, abuso de álcool e drogas, emprego e desemprego, tráfico de drogas, sexualidade, namoro, relacionamento com os pais, amizade, etc.)?

4. Prática pedagógica inclusiva

<p>4.1. Alunos com deficiência recebem apoio individualizado?</p> <p>4.2. No dia-a-dia da sala de aula, respeita-se o fato de que cada aluno precisa de um tempo diferente para aprender?</p> <p>4.3. A escola cuida para que todos os alunos (negros, brancos, indígenas, pessoas com deficiência, ricos ou pobres, homens ou mulheres, homossexuais ou não) recebam a mesma atenção na sala de aula?</p>
<p>5. Formas variadas e transparentes de avaliação dos alunos</p> <p>5.1. Os professores fazem uso de diferentes atividades para avaliar os alunos (provas, trabalhos, seminários)?</p> <p>5.2. Os alunos são informados das razões pelas quais tiram esta ou aquela nota ou por que foram aprovados ou reprovados?</p> <p>5.3. Os alunos são orientados pelos professores a fazer auto-avaliação (falar, escrever, expressar o que aprenderam)?</p> <p>5.4. Os alunos são informados sobre os conteúdos nos quais progrediram e em quais precisam estudar e avançar mais?</p>
<p>6. Monitoramento da prática pedagógica e da aprendizagem dos alunos</p> <p>6.1. Os professores observam a progressão dos alunos e quais as dificuldades de cada um deles (corrigem trabalhos, circulam pela classe enquanto os alunos estão fazendo seus exercícios, incentivam os alunos a fazer perguntas e tirar dúvidas)?</p> <p>6.2. A escola conta com profissionais de apoio pedagógico (responsáveis pela articulação, integração e supervisão da prática pedagógica, normalmente chamados de supervisores, coordenadores pedagógicos, técnicos da área de ensino)?</p> <p>6.3. A escola promove reuniões periódicas entre os professores, supervisores/coordenadores pedagógicos e o diretor para discutir assuntos relativos ao cumprimento do planejamento?</p> <p>6.4. A escola promove reuniões periódicas entre os professores, diretor, supervisores/coordenadores pedagógicos e pais para avaliar o processo de aprendizagem dos alunos?</p> <p>6.5. As decisões sobre a reprovação ou o reagrupamento de alunos são discutidas por todos os professores?</p> <p>6.6. Existe algum procedimento formalizado para avaliar o resultado do trabalho de todos os profissionais da escola?</p>
<p>DIMENSÃO III – ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA</p> <p>1. Orientações para a alfabetização inicial implementadas</p> <p>1.1. A escola possui uma proposta pedagógica escrita que descreve as aprendizagens esperadas para cada ano/série, as atividades a serem realizadas diariamente durante as aulas e as estratégias de avaliação?</p> <p>1.2. Todos os professores responsáveis pela alfabetização inicial elaboram e realizam seus planos de aula considerando as orientações da proposta pedagógica?</p> <p>1.3. Professores e demais profissionais responsáveis pela alfabetização têm oportunidade de discutir o trabalho que estão realizando e atualizar seus conhecimentos sobre alfabetização?</p> <p>1.4. Os familiares (pais, mães ou outros responsáveis) recebem orientações dos professores sobre como auxiliar as crianças a fazer seus deveres de casa?</p> <p>1.5. Os familiares (pais, mães ou outros responsáveis) recebem orientações dos professores sobre como incentivar as crianças a ler e escrever?</p>
<p>2. Existência de práticas alfabetizadoras na escola</p> <p>2.1. Os alunos lêem/usam diariamente materiais de leitura disponibilizados nas salas de aula?</p> <p>2.2. O professor lê histórias para as crianças pelo menos uma vez por dia?</p> <p>2.3. As crianças participam diariamente de atividades planejadas para a aprendizagem progressiva do funcionamento da escrita?</p> <p>2.4. Pelo menos semanalmente, os alunos participam de projetos ou atividades nas quais podem conhecer e exercitar os diferentes usos da leitura e da escrita no dia-a-dia?</p> <p>2.5. Os professores desenvolvem atividades para ajudar os estudantes na compreensão e na interpretação dos textos lidos?</p> <p>2.6. A escola valoriza os textos elaborados pelos alunos?</p> <p>2.7. Na alfabetização inicial, são realizadas em média seis atividades diferentes numa jornada de aproximadamente 4 horas em sala de aula?</p>
<p>3. Atenção ao processo de alfabetização de cada criança</p> <p>3.1. Na escola, o número máximo de alunos nas turmas de alfabetização inicial é 25, facilitando a participação</p>

de todos e o acompanhamento individual de cada aluno pelo professor?

- 3.2. A escola faz uma avaliação de todos os alunos logo que começam a primeira série/ ano do ensino fundamental para saber quais são seus conhecimentos sobre a leitura e a escrita naquele momento e assim planejar melhor as aulas de alfabetização?
- 3.3. Nas reuniões pedagógicas ao longo do ano, são discutidos os casos das crianças que estão com dificuldade na alfabetização?
- 3.4. Nas reuniões pedagógicas, são definidas ações a serem realizadas na sala de aula e na escola para melhorar a aprendizagem incluindo a das crianças com dificuldade na alfabetização?
- 3.5. A prática pedagógica da escola garante que até o segundo ou terceiro ano/série do ensino fundamental (até os 8 anos de idade) 100% dos alunos tenham o domínio básico da leitura e da escrita?

4. Ampliação das capacidades de leitura e escrita dos alunos ao longo do ensino fundamental

- 4.1. A escola tem uma proposta conhecida por todos os educadores sobre os progressos esperados para cada série, ano ou ciclo do ensino fundamental em relação às habilidades de leitura e escrita?
- 4.2. Os alunos lêem pelo menos um livro por mês, por indicação dos professores, para ser usado em atividades relacionadas às matérias escolares?
- 4.3. Os alunos usam os livros didáticos das diferentes disciplinas toda semana, na sala de aula ou em casa?
- 4.4. Os professores de todas as disciplinas realizam, pelo menos uma vez por mês, atividades que envolvem o planejamento, a produção e a revisão de texto pelos alunos?
- 4.5. Pelo menos uma vez por semana, os alunos participam de projetos ou atividades em que possam conhecer diferentes tipos de texto e as linguagens utilizadas em diversas situações sociais?
- 4.6. A equipe escolar planeja e executa ações para auxiliar os alunos das séries mais adiantadas do ensino fundamental que apresentam mais dificuldades no desenvolvimento da leitura e da escrita?

5. Acesso e bom aproveitamento da biblioteca ou sala de leitura, dos equipamentos de informática e da Internet

- 5.1. A escola tem uma biblioteca ou sala de leitura com um bom acervo de livros de literatura infanto-juvenil, livros de ficção e não-ficção, dicionários, enciclopédias, atlas e outros?
- 5.2. A escola disponibiliza aos alunos e professores todos os livros recebidos pelo PNBE?
- 5.3. Materiais produzidos por alunos e professores, organizações locais ou membros da própria comunidade, são disponibilizados na biblioteca ou sala de leitura?
- 5.4. A biblioteca ou sala de leitura tem um profissional capacitado para promover um bom uso do espaço e atender o público em todos os turnos?
- 5.5. Os alunos fazem uso da biblioteca ou sala de leitura em horário letivo pelo menos uma vez por semana, fazendo pesquisas e leituras?
- 5.6. Os alunos fazem empréstimos de livros do acervo da escola (para ler em casa ou na sala)? Explicar resumidamente as razões da cor atribuída pelo grupo ao indicador 5.
- 5.7. Os alunos usam computadores e a Internet para aprimorar a leitura e a escrita pelo menos uma vez por semana, durante o horário das aulas?

6. Existência de ações integradas entre a escola e toda a rede de ensino com o objetivo de favorecer a aprendizagem da leitura e da escrita

- 6.1. Há, em toda a rede de ensino, um programa estruturado e permanente de formação de professores alfabetizadores?
Programas formativos para professores alfabetizadores precisam permitir o conhecimento sobre como se dá a prática cotidiana desses profissionais na sala de aula, além de promover a troca de experiências e gerar a adoção de soluções para os problemas detectados.
- 6.2. A Secretaria de Educação tem um programa que permite avaliar como é que cada escola da rede está no que diz respeito à sua capacidade de alfabetização das crianças?
- 6.3. A escola implanta novas propostas, em acordo com a Secretaria de Educação, para solucionar problemas detectados quando as metas de aprendizagem para cada série, ano ou ciclo do ensino fundamental não são alcançadas?
- 6.4. A escola e a Secretaria de Educação procuram adquirir anualmente outros livros, além daqueles doados pelo PNBE, considerando as necessidades pedagógicas?
- 6.5. A escola e/ou a Secretaria de Educação faz parcerias com outras instituições que trabalham com a leitura e a escrita visando à melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem (bibliotecas públicas, instituições de ensino superior, ONGs ou associações comunitárias que têm programas na área)?

<p>6.7. Para analisar seus resultados de alfabetização, leitura e escrita, a escola e a Secretaria de Educação consideram os indicadores de avaliação externa disponíveis em seu Estado ou em âmbito nacional, como, por exemplo, o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) ou a Prova Brasil?</p>
<p>DIMENSÃO IV – GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA</p> <p>1. Informação democratizada</p> <p>1.1. A direção consegue informar toda a comunidade escolar sobre os principais acontecimentos da escola?</p> <p>1.2. As informações circulam de maneira rápida e precisa entre pais, professores, demais profissionais da escola, alunos e outros membros da comunidade escolar?</p> <p>1.3. A direção presta contas à comunidade escolar (pais, mães, alunos professores, etc.), apresentando regularmente o orçamento da escola e seus gastos?</p> <p>1.4. Há um mural em local visível contendo as principais informações relacionadas às atividades da escola (datas comemorativas, prestações de contas, datas de reuniões, agenda escolar do ano letivo, etc.)?</p>
<p>2. Conselhos Escolares atuantes</p> <p>2.1. O Conselho Escolar é formado por representantes de toda a comunidade escolar (inclusive alunos) e sua composição é paritária, ou seja, possui o mesmo número de pessoas entre funcionários (incluindo professores) e não-funcionários?</p> <p>2.2. O Conselho Escolar tem normas de funcionamento definidas e conhecidas por todos?</p> <p>2.3. Os conselheiros recebem capacitação (cursos, participação em seminários, etc.) para exercer sua função?</p> <p>2.4. O Conselho Escolar tem à sua disposição informações sobre a escola em quantidade e qualidade suficientes para que possa tomar as decisões necessárias?</p> <p>2.5. O Conselho Escolar é quem decide o que deve ser comprado com os recursos da própria escola?</p>
<p>3. Participação efetiva de estudantes, pais, mães e comunidade em geral</p> <p>3.1. Há grêmios estudantis ou outros grupos juvenis participando da tomada de decisões na escola e ajudando os alunos a se organizar?</p> <p>3.2. Pais, mães, alunos, professores e funcionários em geral discutem as dificuldades de gestão e de financiamento da escola e participam das iniciativas voltadas à solução destes problemas?</p> <p>3.3. Os pais e as mães comparecem e participam ativamente das reuniões sobre a vida escolar dos alunos?</p> <p>3.4. A escola se mantém aberta aos finais de semana para que a comunidade possa usufruir do espaço (salas, pátio, quadras de esporte, biblioteca, etc.)?</p> <p>3.5. A escola tem parcerias com outras instituições (universidades, organizações da sociedade civil, empresas, fundações, associações e demais serviços públicos) para o financiamento de projetos ou para o desenvolvimento de ações conjuntas, como elaboração do projeto político-pedagógico, formação de professores, atividades pedagógicas, comemorações, campanhas da área de saúde?</p>
<p>4. Acesso, compreensão e uso dos indicadores oficiais de avaliação da escola e das redes de ensino</p> <p>4.1. A comunidade escolar (pais, diretor, professores, demais funcionários, alunos, etc.) é informada sobre as estatísticas educacionais produzidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), do Ministério da Educação (MEC) ou pelas Secretarias de Educação sobre o desempenho da escola e da rede escolar da qual faz parte (tais como taxas de evasão, abandono, distorção idade-série, avaliações de aprendizagem, etc.)?</p> <p>4.2. O significado desses indicadores é discutido na escola (em sala de aula, reuniões de professores, de pais, reuniões pedagógicas, etc.)?</p> <p>4.3. Os indicadores referentes à escola estão afixados em local visível?</p>
<p>5. Participação em programas de repasse de recursos financeiros</p> <p>5.1. A escola recebe repasses financeiros da Prefeitura, do governo estadual ou do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE), do MEC, para pequenas despesas na escola?</p> <p>5.2. A utilização dos recursos é discutida democraticamente e tem se dirigido aos problemas prioritários?</p>
<p>DIMENSÃO V – FORMAÇÃO E CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS PROFISSIONAIS DA ESCOLA</p> <p>1. Formação inicial e continuada</p> <p>1.1. Todos os profissionais da escola têm habilitação (formação inicial) necessária para o exercício de sua função?</p> <p>1.2. A escola ou a Secretaria de Educação oferecem permanentemente cursos ou ações de formação para professores e demais funcionários da escola?</p>

<p>1.3. Nestes cursos ou ações de formação há vagas suficientes para a participação de todos?</p> <p>1.4. Os professores e coordenadores/supervisores pedagógicos sempre se reúnem para a discussão dos planos de aula, para a avaliação da prática e para estudos (reuniões pedagógicas)?</p> <p>1.5. Caso as reuniões pedagógicas aconteçam, elas ajudam de fato a melhorar a prática pedagógica?</p> <p>1.6. Professores e demais funcionários da escola participam de formações que os ajudam a trabalhar com alunos com deficiência?</p>
<p>2. Suficiência e estabilidade da equipe escolar</p> <p>2.1. A escola dispõe da quantidade de professores de que necessita?</p> <p>2.2. O número de funcionários é suficiente para o bom funcionamento da escola?</p> <p>2.3. A escola possui profissionais de apoio pedagógico (exemplos: coordenador, supervisor, psicopedagogo, técnicos das áreas de ensino) em quantidade suficiente?</p> <p>2.4. Os professores e demais profissionais da escola contam com um plano de carreira?</p> <p>2.5. O número de mudanças e substituições de professores e demais profissionais da escola são calculados a cada ano ou semestre e discutidos pela comunidade escolar (incluindo pais e alunos)? Explicar resumidamente as razões da cor atribuída pelo grupo ao indicador <i>Formação inicial e continuada</i>.</p>
<p>3. Assiduidade da equipe escolar</p> <p>3.1. As faltas de diretor, professores ou funcionários são um problema discutido por toda a comunidade escolar (incluindo pais e alunos) quando estão atrapalhando o aprendizado e o andamento das atividades educativas?</p> <p>3.2. Os professores começam e terminam as aulas pontualmente?</p> <p>3.3. Os demais profissionais da escola também cumprem sua jornada com pontualidade?</p> <p>3.4. As reuniões pedagógicas começam e terminam na hora marcada?</p>
<p>DIMENSÃO VI – AMBIENTE FÍSICO ESCOLAR</p> <p>Itens fundamentais para o ambiente físico escolar: Caderno, lápis, borracha, lápis de cor e livros didáticos para os alunos; Bibliotecas, salas ou cantos de leitura; Laboratório de informática; Acesso à internet; Banheiros; Água filtrada ou tratada; Carteiras para os alunos; Mesa e cadeira para o professor; Pátio escolar; Espaço para ensino e prática de esportes; Materiais para uso do professor, como giz, quadro, livros, jogos, mapas; Televisão, computador, videocassete, aparelho de som, fitas de vídeo etc; Salas de aula; Merenda escolar; Calendário letivo; Plantas, árvores e flores; Tratamento do lixo; Vias de acesso de pessoas com deficiência; Beleza.</p> <p>1. Suficiência do ambiente físico escolar</p> <p>1.1 Todos os alunos possuem caderno, lápis, borracha, lápis de cor e didáticos e livros didáticos?</p> <p>1.2 Há bibliotecas, salas ou cantos de leitura disponíveis?</p> <p>1.3 A escola, conta com sala que permite o uso simultâneo por uma turma com até três alunos por máquina?</p> <p>1.4 A escola está conectada à internet</p> <p>1.5 Há banheiros disponíveis para uso de todos inclusive alunos com deficiência?</p> <p>1.6 Há filtros ou algum tratamento de água que permite a disponibilização de água potável a todos?</p> <p>1.7 Há carteiras disponíveis para uso de todos os alunos?</p> <p>1.8 Há mesas e cadeiras para o professor nas salas de aula?</p> <p>1.9 Há pátio escolar no qual os alunos possam brincar?</p> <p>1.10 Há espaço para o ensino e a prática de esporte ?</p> <p>1.11 Há giz, quadro, livros, brinquedos e mapas disponíveis para o uso do professor?</p> <p>1.12 Há televisão, computador, videocassete, aparelho de som fitas de vídeos, etc.?</p> <p>1.13 As salas de aula são suficientes para o número de alunos da escola?</p> <p>1.14 É possível preparar a merenda na própria escola?</p> <p>1.15 A escola elabora seu calendário letivo?</p> <p>1.16 Há plantas árvores e flores na escola?</p> <p>1.17 Há lixeiras na escola?</p> <p>1.18. Há vias para acesso de pessoas com deficiência à escola (salas de aula, pátio, biblioteca, etc.)?</p> <p>1.19. A escola é bonita?</p>

2. Qualidade do ambiente físico escolar

- 2.1 Cadernos, lápis, borracha, lápis de cor e livros dos alunos são bem cuidados?
- 2.2. A biblioteca sala ou canto de leitura conta com acervo organizado, ambiente agradável, arejado, iluminado e bonito?
- 2.3. Os computadores estão em boas condições de uso?
- 2.4. A conexão com a internet permite a realização de pesquisas com rapidez?
- 2.5 Os banheiros são limpos estão em boas condições de uso ?
- 2.6. Os filtros ou bebedores estão em boas condições de uso?
- 2.7 As carteiras o estão em boas condições de uso?
- 2.8. As mesas as cadeiras do professor estão em boas condições de uso?
- 2.9. O pátio é seguro?
- 2.10 O espaço para o ensino e a prática de esportes está em boas condições de uso?
- 2.11. O conteúdo desses materiais respeita a diversidade humana e a igualdade entre todos (negros, brancos, amarelos, indígenas, pobres, ricos , homens , mulheres, homossexuais ou não)?
- 2.12. O conteúdo de vídeos, programas de tevê e músicas utilizados na escola respeita a diversidade humana e a igualdade entre todos (negros, brancos, amarelos, indígenas, , pobres , ricos , homens , mulheres, homossexuais ou não)?
- 2.13 As salas de aula são bonitas, arejadas, alegres e iluminadas ?
- 2.14. A merenda oferecida conta com cereais, legumes, verduras, frutas e carnes variadas?
- 2.15. O calendário contempla todas as atividades educativas e comemorativas de interesse da comunidade escolar?
- 2.16. As plantas árvores e flores da escola são bem cuidadas e bonitas?
- 2.17. As lixeiras estão espalhadas em toda a escola para facilitar o seu uso ?
- 2.18. As vias para acesso de pessoas com deficiência estão em boas condições de uso?
- 2.19. Há iniciativas para preservar e/ou melhorar a aparência da escola?

3. Bom aproveitamento do ambiente físico escolar

- 3.1 [Este subitem não é apontado no documento em decorrência da natureza do item 3]
- 3.2 Qualquer pessoa (aluno, professor, funcionário, pai ou mãe) pode frequentar a biblioteca ou ter acesso aos livros da escolar?
- 3.3 Os alunos usam os computadores, pelo menos uma vez por semana?
- 3.4 Todos os alunos e professores acessam a internet pelo menos uma vez por semana?
- 3.5 Professores funcionários e alunos usam os mesmos banheiros?
- 3.7. As carteiras quebradas são rapidamente reaproveitadas?
- 3.8 As mesas e as cadeiras do professor quando quebradas, são rapidamente reaproveitadas?
- 3.9 O pátio é aproveitado para atividades recreativas e pedagógicas?
- 3.10 Há regulamente atividades de ensino e prática de esportes para os alunos no espaço existente?
- 3.11 Essas matérias são usados em sala de aula para apoiar a prática pedagógica?
- 3.12. Todos os membros da comunidade escola (alunos, pais, professores, funcionários, etc.) participam de atividades educacionais que usam esses materiais?
- 3.13. As salas de aula são organizadas de acordo com a diversidade das atividades realizadas (rodas, trabalho em grupo, etc.)?
- 3.14. O momento com da merenda faz parte do processo educativo (os alunos são orientados sobre como se servir, se alimentar, escovar os dentes, etc.)?
- 3.15 O calendário letivo é fixado em local visível?
- 3.16 Há atividades com os alunos para que aprendam a cuidar de plantas, árvores e flores da escola?
- 3.17 Há algum trabalho pedagógico o sobre a destinação adequada do lixo?
- 3.19 Questões relativas à beleza do ambiente escolar são discutidas com a comunidade escolar?

DIMENSÃO VII – ACESSO E PERMANÊNCIA DOS ALUNOS NA ESCOLA

1. Atenção especial aos alunos que faltam

- 1.1. A comunidade escolar calcula o número total de faltas dos alunos?

<p>1.2. A comunidade escolar procura compreender as causas das faltas dos alunos?</p> <p>1.3. A escola possui alguma maneira de atender os alunos com maior número de faltas, buscando resolver esse problema?</p>
<p>2. Preocupação com o abandono e a evasão</p> <p>2.1. Todas as crianças em idade escolar do entorno freqüentam a escola regularmente?</p> <p>2.2. A comunidade escolar tem informações sobre a quantidade de alunos que se evadem ou abandonam a escola?</p> <p>2.3. A comunidade escolar busca compreender as causas do abandono e da evasão?</p> <p>2.4. A escola adota alguma medida para trazer de volta alunos que se evadiram ou abandonaram a escola? Essas medidas têm gerado bons resultados?</p>
<p>3. Atenção especial aos alunos com alguma defasagem de aprendizagem</p> <p>3.1. No dia-a-dia, os professores dão atenção individual àqueles alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem?</p> <p>3.2. A escola oferece oportunidades especiais para alunos que têm dificuldades de aprendizagem (como lições extras, grupos de reforço, solicitação de professores externos para realização de debates ou aulas extras, mobilização de voluntários para apoio, exames de recuperação, etc.)?</p> <p>3.3. Caso atividades como estas sejam oferecidas, elas conseguem fazer com que os alunos melhorem seu nível de aprendizagem?</p> <p>3.4. A comunidade escolar sabe quais são as disciplinas que mais reprovam e isto está merecendo atenção especial da direção e dos professores?</p>

Fonte: Freitas e Sousa (2009)

Vale destacar que, o uso que se faz das informações obtidas por meio dos indicadores de qualidade como os apresentados no quadro anterior e, especialmente, daqueles eleitos para estudo na pesquisa ora relatada, tem sua relevância no engajamento de toda a comunidade escolar no processo de avaliação “A mobilização da comunidade para participar da avaliação é o primeiro ponto importante no uso dos indicadores (BRASIL, 2009, p. 19)”.

Analisaremos a seguir as três dimensões de qualidade na educação básica escolhidas para o presente estudo, buscando perceber como as mesmas transparecem nas práticas educativas da escola investigada – EMMP – considerando as justificativas para sua escolha, apresentadas anteriormente.

2.1 Ambiente educativo

De acordo com o documento que discorre a respeito dos indicadores de qualidade na educação básica no país (BRASIL, 2007), o ambiente educativo faz referência às relações que se dão no âmbito escolar, devendo ser este um espaço de ensino, aprendizagem e vivência de valores.

Nela [dimensão ambiente educativo], os indivíduos se socializam, brincam e experimentam a convivência com a diversidade humana. No ambiente

educativo, o respeito, a alegria, a amizade, a solidariedade, a disciplina, a negociação, o combate à discriminação e o exercício dos direitos e deveres são práticas que garantem a socialização e a convivência, desenvolvem e fortalecem a noção de cidadania e de igualdade entre todos (p. 21).

A escola é o local onde a maioria das crianças, adolescentes e jovens passa a maior parte do seu tempo, motivo pelo qual é inevitável que os conflitos apareçam e até mesmo os laços se estreitem. Na busca por um ambiente que assegure o sucesso das relações interpessoais e de ensino e aprendizagem é que esta dimensão propõe a atenção e constante avaliação das práticas escolares. Baseado nessa motivação o primeiro indicador que aponta para esta dimensão de qualidade é a amizade e a solidariedade (BRASIL, 2007).

De acordo com Freire (1987), a solidariedade é indispensável para que os sujeitos de uma relação consigam recuperar a sua humanidade perdida pela situação de opressão, em que o opressor se vê como superior e coisifica os seus diferentes. Assim, uma postura solidária tende a buscar a humanização numa ligação na qual os envolvidos se ajudem mutuamente, por isso o autor nos lembra que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (p. 39). Na prática, um ambiente educativo de qualidade sugere relações solidárias que promovam a amizade e sejam capazes de proporcionar um crescimento sadio.

A alegria vem como segundo indicador de qualidade dessa dimensão, referindo-se ao grau de satisfação dos atores escolares com relação às atividades desempenhadas por eles. Desse modo, ela traz perguntas como: (i) os alunos gostam de frequentar a escola? (ii) as pessoas que trabalham na escola gostam do trabalho que ali desenvolvem? (iii) a escola promove festas com a participação de pais, alunos, professores e funcionários?

O terceiro indicador aponta para o respeito ao outro. Segundo Bueno (1996), o ato de respeitar traduz-se em “reverenciar; honrar; temer; ter em consideração; observar; não causar dano; atender; dizer respeito” (p. 572). O conceito deixa implícito o sentimento de estima por algo ou alguém, sendo importante que os participantes da escola (pais, alunos, professores, diretores, coordenadores etc.) sintam-se parte da escola e que esta pertence a eles. Esse é um sentimento importante para o exercício do respeito e pode ser regatado por meio de uma gestão efetivamente participativa.

Diretamente ligado ao respeito temos o combate à discriminação, o que exige que a escola precise ser um ambiente de respeito às individualidades e onde não se perpetuem estigmas. Diante disso, a escola precisa

[...] respeitar a história de vida das crianças, seu conhecimento, sua sensibilidade, seus valores, produzidos na convivência cotidiana na sua comunidade. A criança não é um recipiente no qual se despejam coisas. A criança é um sujeito, ela produz conhecimento, ela constrói a sua fala. Cada um expressa o que pensa de acordo com o seu jeito. Se aprender fosse imitar ou repetir o que é ensinado, falaríamos todos do mesmo jeito, nossas risadas seriam iguais, nosso jeito de caminhar, de olhar e sorrir seriam iguais. Cada pessoa é diferente. É na diferença que está a originalidade, o sentido e a riqueza de ser gente (BRASIL, 2007, p. 16).

Para tanto, a promoção da disciplina e o tratamento adequado aos conflitos ocorridos são medidas de extrema importância no sentido de evitar o “fechar os olhos” para os problemas que os promovem e geram o não reconhecimento das diferentes culturas, além de levar a exclusão. De acordo com a mesma fonte, o respeito e cumprimento das regras que vão orientar as ações disciplinares também necessitam ser construídos por todos, a fim de conferir a mesma noção de participantes na construção das diretrizes de convivência visando nesta ação a formação das pessoas.

A intervenção educativa da escola só faz sentido se, de fato, contribuir para a formação das pessoas, dos estudantes. Caso não se preste atenção às diferenças e não se integre no processo pedagógico o saber que os adolescentes e os jovens têm, sua vida e sua cultura, a escola não poderá contribuir para ampliar o conhecimento e intervir significativamente na educação das pessoas. Pode, até, tornar-se um lugar de negação da educação (p. 23).

Por fim, o respeito aos direitos das crianças e adolescentes previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA fecha o grupo de indicadores que apontam para a qualidade do ambiente educativo. O Estatuto trouxe três grandes inovações nos direitos infanto-juvenis, são eles: (i) o reconhecimento de crianças e adolescentes como cidadãos de direito; (ii) prioridade absoluta na proteção, socorro, precedência no atendimento e preferência nas políticas públicas; (iii) reconheceu a condição da criança e do adolescente como pessoa em desenvolvimento prevendo punição para qualquer atentado dos direitos estabelecidos em lei (BRASIL, 2007). Cabe ressaltar que, de acordo com o especificado na legislação, toda a comunidade escolar deve ter conhecimento do que nela está previsto, inclusive as próprias crianças e adolescentes, sendo obrigação da escola tornar o Estatuto conhecido de todos.

2.2 A prática pedagógica e a construção coletiva do projeto da escola

Uma prática pedagógica que tem como objetivo obter o máximo de êxito no processo de aprendizado dos alunos voltando-se para uma formação cidadã carece, dentre outros, de planejamento e avaliação. Como indicador dessa dimensão de qualidade, o planejamento consiste em elaborar ações que colaborem com a aprendizagem, porém deve ser uma ação bem refletida capaz de prever atuações adequadas às possíveis dificuldades encontradas no processo. Sousa (2009) propõe ainda que essas ações considerem dois tipos de atividades. A primeira relaciona-se com o próprio processo de ensino-aprendizagem, conhecidas como atividades-fim, enquanto a segunda compreende as atividades que, apesar da contribuição, não tem uma ligação direta com o processo, são elas as atividades-meio.

Já a avaliação, quando ocorre numa perspectiva formativa orientada para obter informações durante toda a ação pedagógica, passa a servir de suporte na tomada de decisões que visam o seu aperfeiçoamento. Outra questão importante na constituição desse tipo de avaliação é a participação dos próprios alunos na construção dos requisitos avaliativos, a fim de conferir comprometimento dos mesmos com a prática avaliativa.

Por outro lado, é importante considerar que a prática pedagógica não envolve apenas os processos ocorridos em sala de aula, mas também o trabalho realizado em todos os âmbitos da escola. Por isso, a avaliação não deve se limitar as ações exercidas pelos professores e alunos, mas precisa focar toda a comunidade escolar, bem como suas realizações. Nessa perspectiva, a avaliação mostra-se capaz de: (i) conhecer os alunos, observar os desempenhos, comparar os seus avanços e conquistas em relação a estágios anteriores; (ii) compreender as diferenças entre sujeitos e práticas; (iii) constatar a dinâmica que ocorre em cada escola; (iv) compreender a escola como um todo, bem como a individualidade de seus atores; (v) levar a escola a se mobilizar para dar respostas adequadas as suas necessidades.

Assim como o ambiente escolar, a prática pedagógica possui indicadores capazes de construir apontamentos utilizados como subsídios para a realização de uma avaliação, o que supõe, dentre outros, a discussão e construção coletiva do projeto político-pedagógico da escola, tema que será abordado mais adiante. Questões importantes como o formato de sua concepção, divulgação e execução devem ser observadas, uma vez que a concreta participação de todos os membros da comunidade escolar se faz necessária para a realização de uma gestão efetivamente democrática, sendo esta construída por meio de veículos diversos. Dentre estes, destacam-se os Conselhos Escolares que atuam como “sustentáculo dos projetos político-pedagógicos que permitem a definição dos rumos e das prioridades das escolas numa perspectiva emancipadora, que realmente considera os interesses e as necessidades da maioria da sociedade” (BRASIL, 2004c p. 32).

Conselhos Escolares são órgãos colegiados compostos por representantes das comunidades escolar e local, que têm como atribuição deliberar sobre questões político-pedagógicas, administrativas, financeiras, no âmbito da escola. Cabe aos Conselhos, também, analisar as ações a empreender e os meios a utilizar para o cumprimento das finalidades da escola. Eles representam as comunidades escolar e local, atuando em conjunto e definindo caminhos para tomar as deliberações que são de sua responsabilidade. Representam, assim, um lugar de participação e decisão, um espaço de discussão, negociação e encaminhamento das demandas educacionais, possibilitando a participação social e promovendo a gestão democrática. São, enfim, uma instância de discussão, acompanhamento e deliberação, na qual se busca incentivar uma cultura democrática, substituindo a cultura patrimonialista pela cultura participativa e cidadã (32 - 33).

Sem dúvida, a elaboração do projeto político-pedagógico da escola exige dedicação e tempo de seus construtores que possuem o desafio de considerar as experiências, opiniões, prioridades da comunidade, bem como cada uma de suas especificidades e as prescrições da legislação brasileira. A escola pública tem um papel social para com a comunidade em que ela está inserida, é parte da prática pedagógica da escola a formação do estudante crítico-reflexivo e participativo, voltado para as questões que atingem a escola e seu entorno. Para tal, é necessário considerar o que ele aprende na escola como saber sistematizado, o saber popular e o saber agregado das experiências vividas nas suas comunidades, objetivando a formação de um cidadão que se sente parte da sociedade como um todo e não de espaços fragmentados de acordo com seus interesses. Essa noção de pertencimento é básica para despertar a atuação dos atores escolares no contexto em que estão inseridos uma vez que a vivência de contextualizada pode ser vista como fator qualitativo da escola.

Para chegar à compreensão do que seja em si o projeto político pedagógico, inicialmente abordaremos o significado deste termo no contexto educativo. Estabelecer um projeto pressupõe lançar metas, fazer planejamentos, avaliar o presente a fim de alcançar um objetivo futuro estabelecido, o que envolve, portanto, intenções em relação à determinada realização. As questões políticas e pedagógicas implícitas a esse projeto estão relacionadas exatamente com as intencionalidades das ações nele previstas. Isto se faz necessário, sobretudo, porque se trata de um projeto político com um duplo significado. De um lado, é político porque se compromete com os fins educativos ligados a formação do cidadão comprometido com a sociedade em que se insere. De outro lado, é pedagógico à medida que se articula para que o cidadão tenha uma formação crítica e participativa, permitindo a escola estabelecer ações contribuindo com a efetividade de seu planejamento (VEIGA, 2008).

O referido projeto, chamado daqui por diante pela sigla PPP, é de fundamental importância para que a escola cumpra seu papel na formação cidadã dos indivíduos. Por ser um instrumento coletivo de participação na escola em que se constituem democraticamente as tomadas de decisões, ele contribui com a superação das relações autoritárias, hierarquizadas e conflituosas, geradoras do trabalho fragmentado que se estabelece em muitos casos nas escolas. Todavia, essa situação é ultrapassada à medida que o envolvimento dos atores nas decisões da escola é estimulado e viabilizado por meio de canais participativos de diferentes naturezas e alcance.

O Projeto Político-Pedagógico, como instrumento de planejamento coletivo, resgata a unidade do trabalho escolar e garante que não haja uma divisão entre os que planejam e os que executam. Elaborado, executado e avaliado de forma conjunta, tem uma nova lógica. Nesse processo, todos os segmentos planejam, garantindo a visão do todo, e todos executam, mesmo que apenas parte desse todo. Com isso, de posse do conhecimento de todo o trabalho escolar, os diversos profissionais e segmentos envolvidos (gestores, técnicos administrativos e de apoio, docentes, discentes, pais e comunidade local) cumprem seus papéis específicos, sem torná-los estanques e fragmentados. Todos tornam-se partícipes da prática educativa e portanto, de alguma forma, educadores (BRASIL, 2004d, p. 28).

Dessa forma, a construção do PPP deve passar pela compreensão de dois momentos em que a escola se encontra: o primeiro está ligado ao reconhecimento das condições cotidianas, considerando sua própria realidade e do contexto em que se insere. O segundo fala do planejamento de ações coletivas que levarão ao alcance dos objetivos propostos mediante avaliação realizada no primeiro momento (BRASIL, 2006). Na prática, esses momentos se referem à organização do trabalho pedagógico objetivando que a escola seja vista como um todo, conforme esclarece Veiga (2008):

O projeto político pedagógico tem a ver com a organização do trabalho pedagógico em dois níveis: como organização de toda a escola e como organização da sala de aula, incluindo sua relação com o contexto social imediato, procurando preservar a visão de totalidade (p.15).

Quando deliberadas coletivamente essas ações em prol da organização escolar se constituem em processo democrático da tomada de decisões sendo fundamental para a superação dos conflitos, das relações competitivas, autoritárias que se dão no interior da escola. Nessa perspectiva, o PPP procura construir caminhos se fundamentando em princípios

que direcionem a escola pública, gratuita e democrática. De acordo com a referida autora, esses princípios são:

- igualdade: fala da garantia de acesso e permanência a escola com qualidade;
- qualidade: deve ser estendida para todos e enfatiza tanto a forma (métodos e técnicas), quanto os valores, os conteúdos;
- gestão democrática: princípio que abrange toda a escola e precisa ser consolidado na participação e construção do PPP e da gestão da escola;
- liberdade: vinculada a ideia de autonomia, ela se constrói por meio das relações coletivas e interpessoais;
- valorização do magistério: relaciona-se com a qualidade da formação docente visionando na formação continuada a possibilidade de superação das práticas conservadoras e autoritárias.

2.3 Gestão democrática

O termo gestão compreendido como sinônimo de administração não se relaciona a procedimentos técnicos, pelo contrário, é um conceito vinculado à intencionalidade da utilização dos recursos para o atendimento de fins específicos. Como essa intenção perpassa todo o processo educativo, até que ela se realize não pode ser considerada como uma ponte que leva a determinado desígnio, ao contrário, é entendida como procedimento de realização das finalidades previstas (PARO, 2008). É por isso que a escola deve estabelecer claramente seus objetivos, pois em torno destes existe uma articulação no intuito de atingi-los. Sendo assim, não há como dissociar o trabalho do gestor da ação escolar como um todo, visto muitas vezes apenas na figura do diretor e do coordenador, do trabalho pedagógico realizado pelo professor, pois ambos possuem uma única finalidade – a formação dos sujeitos com qualidade, que só é possível acontecer em um espaço realmente democrático.

Mas se, como vimos, é na condição de sujeito que o ser humano se autocria como ser histórico e se é pela democracia que se garante a qualidade de sujeito como especificidade humana, temos que a educação só pode dar-se de forma democrática. Isso significa que o processo autenticamente educativo só se realiza com a aceitação do educando como sujeito (PARO, 2008, p. 5).

Já o conceito de democracia não se restringe àquela meramente representativa, igualmente necessária, porém ineficiente quando limitada a esta definição. A democracia da

qual a gestão escolar precisa é encarada como mediadora de uma convivência pacífica entre os sujeitos, sendo possível por meio do respeito à vontade dos indivíduos, enxergando-os também como sujeitos, como chama a atenção o referido autor:

Num sentido amplo e rigoroso, fundamentado numa visão do homem histórico, criador de sua própria especificidade, democracia deve ser entendida como *mediação para a realização da convivência pacífica e livre entre indivíduos e grupos na sociedade* (p. 2).

Sob este ângulo, a gestão democrática implica uma tomada de decisões não centralizada nas deliberações de uma pessoa ou grupo. Ao contrário, ela envolve a participação de todos os atores sociais, o que torna necessário a criação de meios que possibilitem sua efetiva participação. Para que ocorra um efetivo compartilhamento das decisões, a gestão baseada nos princípios democráticos dispõe de algumas ferramentas importantes como mostra a figura apresentada a seguir, proposta pelo Ministério da Educação (MEC, 2004) em uma de suas publicações voltadas para discutir a concepção e implementação da gestão democrática nas escolas, por meio dos seus colegiados.

Figura 1 – Ferramentas de apoio a execução da decisão compartilhada



Fonte: MEC (2004).

Essas ferramentas cooperam com o objetivo de romper com os modelos de gestão autoritários, centralizadores que não permitem uma educação voltada para a formação dos sujeitos sociais. A gestão autoritária tem o seu foco na reprodução de informações e em

valores definidos pelo mercado, como a preparação para a vida do trabalho ou simplesmente passar de um nível escolar para outro, mecanicamente. Nessa concepção o estudante não faz relações, o que contribui para a ausência de uma aprendizagem significativa, levando-o, muitas vezes, a se perguntar: “o que vou fazer com o que estou aprendendo?”.

Em termos organizacionais, os mecanismos autoritários de mando e submissão devem dar lugar a processos e dispositivos que favoreçam a convivência democrática e a participação de todos nas tomadas de decisão. Nesse sentido é que devem ser implementados os conselhos escolares, os grêmios estudantis e outras formas que favoreçam a maior participação de todos os usuários e o relacionamento mais humano e mais democrático de todos os envolvidos nas atividades escolares. Em igual medida devem ser tentadas formas cooperativas de direção escolar, em substituição à atual forma unipessoal e a caminho de uma coordenação coletiva do trabalho na escola (PARO, 2008, p. 6).

Para que ocorra uma efetiva e qualificada participação dos atores escolares, o desenvolvimento de sua autonomia e da própria escola se faz necessária, a fim de que eles sejam capazes de expor suas necessidades e interesses sem que isto seja imposto por alguém. Nesse sentido, a gestão democrática da educação propicia uma intervenção capaz de resgatar estes dois níveis de autonomia: dos sujeitos e da própria escola (BRASIL, 2006).

CAPITULO 3 – DIMENSÕES E INDICADORES DE QUALIDADE NA PRÁTICA EDUCATIVA DA ESCOLA DOS MENINOS E MENINAS DO PARQUE

O presente capítulo tem por finalidade apresentar as análises e interpretações de dados coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas, grupos focais e questionários aplicados aos alunos e professores da EMMP. O objetivo da utilização desses instrumentos foi perceber como a escola trabalha as questões da qualidade na sua prática, por meio da análise das dimensões ambiente educativo, prática pedagógica e gestão democrática como dimensões de qualidade na educação.

3.1 Perspectivas de análise e interpretação de dados

Conforme mencionado na introdução deste trabalho, a análise e interpretação dos dados desta pesquisa realizada na Escola dos Meninos e Meninas do Parque – EMMP estão situadas no campo da abordagem qualitativa.

A escola pesquisada atende crianças, adolescentes, jovens e adultos em situação de rua oriundos dos seguintes projetos sociais que estão sob a responsabilidade de diferentes órgãos:

- Giração ou Casa Giração: vinculada a SEDEST – Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda. Tem como finalidade fornecer abrigo aos jovens e intervir em situações de violência e exploração envolvendo os meninos e meninas em situação de rua.
- Girarte: patrocinado pela Petrobras é uma iniciativa do Movimento de Meninos e Meninas do Distrito Federal e atua na reabilitação social, buscando inserir os meninos e meninas no mercado de trabalho por meio de atividades profissionalizantes.
- POP - Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua: vinculado ao Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome – MDS.

A EMMP possui um trabalho socioeducativo que busca o resgate social dos seus alunos e a sua reinserção na escolarização formal, além de oferecer oficinas de artes e informática. Por meio do seu Núcleo de Integração ela promove um contato inicial com o aluno, que permite encaminhamentos para atendimentos sociais como atendimentos médicos e inserção no mercado de trabalho.

Este projeto de escolarização de crianças, jovens e adultos em vulnerabilidades social existe desde os anos 1980, entretanto somente a partir de 1995 ocorreu a inauguração do espaço físico da escola, tal qual se encontra hoje, situado no estacionamento 06 do Parque Recreativo Dona Sarah Kubitschek e sob a denominação de Escola dos Meninos e Meninas do Parque – EMMP.

Na pesquisa ora relatada foram fontes de consulta: leis, textos, publicações e documentos com o intuito de construir uma argumentação sólida e abrangente da discussão aqui proposta. Para tal buscou-se na utilização de métodos não qualitativos como entrevistas, depoimentos, vivências, histórias de vida, questionar a visão da realidade, manifestando um interesse em compreender as situações estudadas descobrindo possibilidades de mudanças.

A pesquisa desenvolvida buscou perseguir um caminho de natureza crítica em relação à interpretação dos dados coletados, bem com na observação de situações práticas vivenciadas no contexto da EMMP. Desse ponto de vista, e reconhecendo suas limitações, o trabalho apresenta análises que se vinculam ao interesse transformador que se expressa no movimento das coisas como fenômenos não acabados, em que o seu desenvolvimento, mesmo levando-o ao fim, significa o início de outro processo (MARCONI & LAKATOS, 2003). Considerando o exposto, a análise e interpretação dos dados coletados estão interessadas na

[...] compreensão e explicação das práticas pedagógicas, das ações educativas, das relações da escola com o todo social, das contradições sociais que se manifestam na luta por uma escola democrática para todos etc. tem exigido a procura de novas abordagens que permitam esse conhecimento. A dialética se afirma como um dos métodos mais apropriados, dada sua relação próxima com esse tipo de interesse cognitivo (GAMBOA, 2008, p. 114).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e aplicados questionários, reconhecido como observação direta extensiva, para levantamento do perfil dos partícipes da pesquisa, além da observação participante e da análise documental. Também foi desenvolvido o grupo focal com duas equipes de alunos (grupo de adultos e grupo de jovens e adolescentes), a partir de um roteiro elaborado com base nas dimensões de qualidade na educação destacadas no Capítulo 2.

No primeiro encontro de grupo focal realizado com os adultos do período vespertino não havia a presença de mulheres, visto que as participantes do gênero feminino só aparecem no segundo encontro realizado com os adolescentes e jovens do período matutino. Para efeito de constatação ou não da presença dos indicadores na dinâmica da escola, os dados fornecidos

pelos participantes, suas percepções da escola e das relações nela presentes, foram comparados com as análises das observações realizadas durante o período de pesquisa.

De acordo Alves-Mazzotti (2006), com o uso de múltiplas ferramentas metodológicas amplia as possibilidades de coletar as evidências mais pertinentes. Essa tendência da pesquisa qualitativa pode elucidar uma situação de natureza mais ampla, fornecendo o que ela chama de *insights*, ideias a respeito de determinado assunto, ou mesmo contestando generalizações aceitas largamente.

Tal como os experimentos, os estudos de caso, portanto, não representam “amostra” cujos resultados seriam generalizáveis para uma população (generalização estatística), o pesquisador não procura casos representativos de uma população para a qual pretende generalizar os resultados, mas a partir de um conjunto particular de resultados, ele pode gerar proposições teóricas que seriam aplicáveis a outros contextos (p. 646).

O questionário utilizado foi composto por sete perguntas fechadas de múltipla escolha e uma pergunta aberta. No caso das entrevistas, optamos por realizá-las sob duas formas: entrevista focalizada (grupo focal) com os alunos e entrevista orientada por roteiro semiestruturado com a professora regente, a coordenadora e a diretora da EMMP. O primeiro tipo de entrevista (focal) se apresenta por meio do levantamento de tópicos relativos ao problema pesquisado, não obedece a estrutura formal, já o segundo organiza-se em forma de perguntas específicas com o intuito de perceber as intenções, posturas, motivos dos entrevistados.

Por sua vez, a observação participante realizada na pesquisa permitiu ganhar a confiança do grupo vivenciando na escola os processos pelos quais alunos, professores e gestores estavam passando (MARCONI & LAKATOS, 2003).

3.2 O cotidiano pedagógico vivenciado pelos alunos da EMMP

Os alunos da EMMP frequentam a escola em dois turnos: matutino e vespertino. No turno matutino a escola recebe os alunos dos projetos Casa Giração e Girarte. Este público é composto por adolescentes e jovens, do sexo feminino e masculino, com idade entre 12 e 25 anos. Já no turno vespertino são atendidos os alunos oriundos do Centro POP, adultos com idade acima de 25 anos. Até o momento em que a pesquisa foi encerrada não havia mulheres frequentando a escola nesse turno.

Ao chegarem à escola em ônibus cedido pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda (SEDEST), os alunos têm a oportunidade de tomar banho e vestir roupas limpas, caso seja do seu interesse. Em seguida, passam pela coordenação para pegar o contrato que especifica as atividades do dia e seguem para as salas indicadas. Após dois horários segue a parada para o lanche. Pela manhã os alunos tomam café, mas antes de retornarem aos respectivos projetos também almoçam. À tarde é servido o um almoço no intervalo e também na chegada para os alunos que declaram ainda não ter almoçado.

Paro (2007) defende que uma educação pública de qualidade precisa comprometer-se com os fins sociais da escola, relacionado por ele como o educar para a democracia, não restrita à visão de um consumidor que exige seus direitos, mas principalmente a formação do cidadão capaz de participar da vida pública. Entretanto, a educação que compete para esse objetivo necessita capacitar os sujeitos nela inseridos para exercerem suas responsabilidades. Nessa perspectiva, a escola assume um compromisso com a formação integral do aluno, e no caso da EMMP, isso está expresso em seu projeto político pedagógico, quando explicita seus objetivos:

- Objetivo Geral: Garantir o direito à escolarização da criança, adolescente e jovem adulto que se encontram nas ruas, proporcionando a reintegração escolar e social do alunado por meio da construção e/ou reconstrução do conhecimento, tendo em vista a formação integral.

- Objetivos Específicos: Criar condições para o exercício da cidadania; [...] (p.12).

É válido destacar que existe nessa intenção uma disposição para promover uma educação de qualidade implicando a formação do sujeito social, buscando na escola um ambiente de atuação democrática e na articulação de suas práticas, espaço para que estudantes e comunidade escolar se relacionem e participem atuantes no grupo em que estão inseridos.

Diante do compromisso com a formação dos indivíduos temos que a escola necessita ser um espaço onde o aluno sinta prazer em estar, de maneira a contribuir para o desenvolvimento de suas potencialidades. Mas o que a escola significa para esses alunos?

Quando o grupo de alunos (adultos), oriundos do Centro POP – Centro de referência especializado para população em situação de rua e vinculado ao Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome – MDS, foram perguntados a respeito da significância da escola e seu papel na sociedade algumas das respostas emitidas por eles foram:

Oh pra mim tá tudo ótimo, só não pode faltar o rango. Nem a atenção das professoras, que é o cuidado em sala de aula.
Essa é a melhor escola - (informação verbal).

Papel da escola:

Melhorar mais, né! Em tudo, tudo tá ruim, só vê passando coisa ruim na televisão, tragédia, falta de cultura, prédio desabando ai, em geral. Minha opinião é essa [...]. Precisa fazer um lugar pra gente morar, uma casa, pra gente morar e estudar coisas, não igual o albergue, né! (AP 1- informação verbal).

Pra mim, tá bom né, eu to gostando, por que foi uma coisa que eu perdi quando eu era mais novo, entrei muito novo na vida do crime nas drogas (AP 3 - informação verbal).

[...] não, mas é verdade, poh. Nós perdemos um tempo muito grande nas drogas. No crime, entendeu. E graças a Deus abriram as portas pra nos mesmo. Voltar à realidade, a vida, né, voltar a ser um cidadão né! Por que eu perdi a minha, minha infância foi mais nas drogas, no crime. E graças a Deus, graças a Deus que tá no céu, que eu to deixando de lado isso, pra eu voltar a aprender mais ainda o que eu esqueci, entendeu? Deixei de lado, isso aqui pra mim tá sendo só o ouro (AP 3 - informação verbal).

É possível perceber no reconhecimento das falas apresentadas que, para os alunos entrevistados, a escola é um espaço desejável, especialmente pela contribuição exercida na vida deles alunos, no sentido de afastá-los de situações de criminalidade e do envolvimento com drogas. Aqui se percebe um despertar para novas possibilidades, indicando que a ausência de perspectivas de vida dá lugar à noção de uma vida integrada com a sociedade, “voltar à realidade, voltar a ser cidadão”.

A relação de confiança com a escola permite a esses alunos expor outras necessidades que numa primeira avaliação poderiam ser julgadas como não sendo de responsabilidade da escola, como a urgência de conseguir um lugar de moradia diferente dos albergues, dos quais eles têm que sair às cinco horas da tarde e voltar às ruas para passar a noite. Entretanto, de acordo com a dimensão denominada *ambiente educativo*, a solidariedade é um indicador de qualidade da educação na escola e pressupõe que esta esteja disposta a ajudar os sujeitos escolares em suas dificuldades pessoais. É também verdade que a EMMMP tem buscado atender outras necessidades do seu corpo discente, buscando parcerias com um restaurante, para o fornecimento de alimentação, bem como com um posto de combustível para abastecimento da Kombi da escola utilizada no transporte de alunos, entre outros.

Ao discutir o trabalho do educador de rua, Paulo Freire (1989) sustenta que este deve engajar-se na revisão de conceitos, valores e ideologias permitindo que ele seja um facilitador

do processo de conscientização e libertação do seu aluno em situação de rua. Vale ressaltar que essa postura é igualmente necessária para o que o educador não reproduza no ambiente escolar e na sua prática, posturas hegemônicas discriminatórias. A discriminação foi motivo eleito em unanimidade pelo grupo dos alunos adultos (AP) como causador do afastamento da escola. O respeito ao aluno e à sua história de vida, além do combate à discriminação devem estar sempre presentes na prática do educador que objetiva romper com os processos excludentes que não asseguram ao educando uma formação cidadã como sujeito protagonista de sua história.

Em outro momento da coleta dos dados foi possível ouvir de alunos, agora do segundo grupo (A), de jovens e adolescentes, sobre outros motivos, além dos já explicitados pelo primeiro grupo (AP), que os levaram ao afastamento da escola. Dentre os quais se destaca a ausência de motivação própria, muitas vezes causada pelo cansaço e falta de perspectivas que a situação marginalizante da rua provoca. Esses alunos possuem uma história de vida que não deve ser negada pela escola.

Novamente recorremos ao pensamento de Freire (1989) segundo o qual é necessário ouvir os sujeitos, bem como perceber seus sentimentos, olhares, gestos, enfim a linguagem que está para além das palavras. Essa escuta sensível do educador se aplica como uma necessidade geral na prática do educador escolar, que em muitas situações não percebe os seus alunos como sendo um todo, um ser completo, e como as vidas que possuem fora dos muros da escola podem afetar a vida escolar tanto positivamente quanto negativamente. A seguir, são apresentados três depoimentos que ilustram esta afirmação – o primeiro depoimento é da professora regente, enquanto o segundo e o terceiro são de alunos.

[...] acho que só vai pra uma escola dessas quem já passou algo na vida que tem uma 'antena' ligada e percebe que eles sentem, então pra mim é como se eles fossem assim mais que meus filhos, tenho um amor muito grande por eles, porque eu já fui discriminada na escola, eu era vítima de violência doméstica, meu pai espancava demais a minha mãe então as vezes eu passava anoite vendo toda aquela agressão, daquilo não tinha nem condição de ir pra escola, meu pai mandava a gente ir, minha mãe toda espancada com o olho roxo a gente chegando lá com dor muitas vezes, toda despenteada, chegava e ia para o cantinho e ficava introspectiva, porque estava chateada, estava magoada, muitas vezes ninguém me entendia, mas eu fiquei sabendo depois, por exemplo, que é, a minha mãe ia na escola, sem a gente saber e falava, ó dá atenção pras minhas filhas, cuidado com elas porque eu apanhei a noite toda e eu acho que a cabecinha delas não está boa para concentrar, não está bem pra concentrar e eu fui entendendo, os professores foram me respeitando, porque sabiam do meu caso por exemplo, (professora da EMMP - informação verbal)

[...] eu mesmo vim pra rua, porque minha mãe me teve com quatorze anos, ai me deu pra minha tia, ai tipo eu com oito anos de idade, minha tia me devolveu pra minha mãe de novo, ai minha mãe me rejeitou, me rejeitou, não queria me dar atenção. Tá loco! Ai fiquei isolado, fiquei injuriado, e fui pra rua, desde então nunca mais eu vou pra casa. Ela também nunca mais veio cobrar de mim (A1 - informação verbal).

[...] Mas minha mãe, ela não gosta muito de mim, não. Ela falou bem assim, na vez que eu sai de casa, ela falou bem assim, – Você vai sair, mas nunca mais volta aqui em casa! E eu até hoje eu nunca fui na casa dela. Tem gente que fala que quer ir embora, eu falo: eu não, eu to de boa, aqui é bem mais melhor do que lá em casa, porque minha mãe não gosta de mim (A2 - informação verbal).

No relato da professora nota-se a importância dada por ela à atitude de alguns de seus professores ao se sensibilizarem com a situação que enfrentou enquanto era aluna. É percebido na fala dos alunos expectativas de que suas famílias pudessem se importar com a sua ausência, o que não ocorreu. No decorrer do período de observação na escola foi possível constatar um movimento de todos (professores, diretora, funcionários) no sentido de fazer com que os seus alunos fossem queridos, aguardados. Isso demonstra uma percepção para os problemas que os envolvem e a adoção de medidas que contribuam na busca de caminhos para resolvê-los.

3.3 Prática pedagógica, ambiente escolar e gestão democrática na proposta pedagógica da EMMP

Neste tópico discutiremos alguns aspectos do projeto político-pedagógico da EMMP, embora até o momento em que se encerrou a pesquisa tenhamos sido informados de que esse era um documento em construção. Cabe esclarecer que, embora a LDB 9.394/96 não faça distinção entre esses dois termos, ora utilizando um ora o outro, adotaremos aqui a nomenclatura PPP, entendendo que esse projeto possui um caráter amplo e abrange toda a escola, definindo, dentre outros, suas intenções educativas, diretrizes e metas considerando a legislação, como, por exemplo, a referida lei.

Considerando a EMMP como um todo, a diretora e a coordenadora entrevistadas explicaram que o PPP dessa escola estava em processo de construção e discussão juntamente com toda a comunidade escolar e instâncias da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF. Ainda conforme as entrevistadas, por esse motivo as ações da escola estavam temporariamente definidas em um documento entregue ao mencionado órgão gestor

na tentativa de conseguir apoio no reconhecimento das práticas diferenciadas que a escola adotou para o atendimento do seu público.

Uma questão levantada pela diretora no decorrer da entrevista foi justamente a que se refere à legitimidade da prática pedagógica da escola junto a esse órgão central: “A falta de compreensão da SEEDF coloca a escola na fôrma das outras escolas. Não compreende o trabalho que é feito. Outros órgãos já compreenderam a escola e seu trabalho, mas a SEEDF não” (Diretora – informação verbal). A EMMP tem buscado o reconhecimento dentro da modalidade de educação especial, dado o caráter socioeducativo do seu trabalho. Além disso, adotou um sistema de “contratos didáticos” com seus alunos, diferente dos usuais diários de classe utilizados na maioria das escolas públicas.

Dessa forma, ao chegar à escola o aluno recebe o seu contrato constando a sua grade horária de aulas da semana, identificação e campo para anotações dos professores. Trata-se de um contrato porque o aluno assume, junto com os demais integrantes da escola, a responsabilidade em estar ali e participar das programações da escola como também os professores de encaminhar o que foi proposto.

Entretanto, cada aluno é o administrador do seu contrato, que só é devolvido à escola quando o estudante vai embora ao final das aulas. Percebe-se que essa prática estimula a autonomia dos alunos dentro da escola e faz com que eles se sintam participantes desse processo educativo a que estão sujeitos, podendo inclusive recusar a participação nas aulas, tudo, porém, é devidamente anotado nesse documento e, no fim de cada expediente, professores e direção se reúnem para discutir os acontecimentos do dia. Às terças-feiras, os alunos também se reúnem em assembleia, estabelecem uma pauta e discutem assuntos dos seus interesses e da escola como um todo. O resultado das discussões nas assembleias é levado para as reuniões da direção com o corpo docente e funcionários que discutem a elaboração do PPP. A prática pedagógica planejada e refletida tem por objetivos levar os alunos ao aprendizado estimulando sua autonomia (BRASIL, 2007).

Freire (1989) diz que o educador de rua deve buscar capacitação metodológica para abordar, compreender, respeitar e ajudar o indivíduo em situação de rua, enxergando-o como sujeito participante e ativo. Considerando a realidade examinada na EMMP observou-se existir uma necessidade constante de toda a escola em revisar as posturas e procurar manter-se sensível às individualidades dos seus alunos. Para ilustrar essa afirmativa, destacamos a seguir o relato de uma das professoras.

Às vezes, muitas vezes ele chega e de repente numa aula de matemática, ele surtou ali e não quer mais ficar ou alguma coisa..., muitas vezes isso acontece na escola, a gente vai lá fazer intervenção, o quê que ouve e pega o aluno e acalma, vamos conversar vamos tentar entender o que está acontecendo o que houve, então assim , é isso ai também é uma ajuda, ajuda mútua também, é o olhar, é a percepção que é mais aguçada (professora da EMMP - informação verbal)

De acordo com os referencias de gestão democrática explicitados no capítulo 2 tópico 2.3 e qualidade da educação no capítulo 1 tópico 1. 4, temos que a gestão que pretende ser verdadeiramente democrática precisa romper com modelos autoritários, buscando na participação e na decisão partilhada sua superação. Essas foram características percebidas no trabalho da EMMP, que se articula visando à formação do seu aluno, permitindo que ele tenha voz e participe do seu processo formativo. Ainda a respeito da gestão democrática destacamos a concepção de trabalho democrático nas visões da professora e da diretora da escola pesquisada:

[...] vim de uma escola onde se impunha né, onde se ditava as regras, onde você né..., sair desse mundo que era sempre com imposição, as suas ideias não prevaleciam, acham que não eram tão respeitadas como são agora que é o que a gente está buscando, que eu acho que é isso que é democracia é respeito pelas ideias, pelas diferenças, o ser humano como um todo, em sua parte espiritual, em sua parte física, o ser humano como um todo. E eu acho que ai a gente está aprendendo e a gestão democrática é isso, é saber respeitar, a escola democrática é aquela que sabe respeitar as diferenças, sabe administrar com as diferenças e respeitar o ser humano, isso ai que eu acho (professora da EMMP - informação verbal).

[...] o aluno tem que ser respeitado na sua cultura, na sua história, no que ele traz, não é só pra trabalhar o conteúdo, é pra ter um olhar sob esse aluno enquanto ser humano. (Diretora EMMP - informação verbal).

A definição de gestão democrática expressa pela professora e diretora e constatada por meio das observações, concorda com as definições de Paro (2008), comentadas na seção 2.3 do capítulo 2. Ao ressaltar o respeito ao sujeito e suas individualidades, sem os quais não é possível se ter uma gestão verdadeiramente democrática, a professora denota o rompimento com os estereótipos da gestão centralizada, encarnada na figura do gestor único que delega funções como a um funcionário.

Ao se referir ao ambiente educativo é destaque na fala da diretora e professora a importância em estabelecer relações de amizade, respeito e confiança para que os alunos sintam vontade de retornar a escola todos os dias. Aliás, desde a primeira oportunidade de

observação na escola, ao conversar com a diretora, na época coordenadora, ela já destacava a necessidade de estabelecer laços, relacionamento respeitoso com os alunos como forma de mantê-los na escola.

Eu acredito como educadora que sou que a relação que a gente estabelece com o aluno seja qualquer idade dele, é que fará com que ele permaneça ou não na escola, o restante é consequência disso. A acolhida, a relação que se estabelece que vai colocar o roteiro de permanência e de ações trabalhadas na escola. (Diretora da EMMP - informação verbal).

[...] eu acredito na formação do sujeito [...] A escola pública, ela está fazendo isso, na verdade a gente está buscando, não tem ponto final, a gente está buscando (professora da EMMP - informação verbal).

A visão apresentada nessas falas é de reconhecimento desses alunos como sujeitos e de crença na sua formação. Para além dos dizeres foi possível constatar que a confiança e a credibilidade depositadas nesses homens, mulheres, meninos e meninas os impulsiona a voltar à escola, ainda que em alguns casos as drogas e os interesses externos a escola, como por exemplo a necessidade de trabalhar, ter dinheiro, gerem um afastamento por períodos, constantemente os alunos retornam a escola pelo tratamento que nela receberam, consideração e estima expressos pelos professores.

Quanto à prática pedagógica verificou-se que a escola tem suas ações definidas dentro da sua proposta pedagógica e como já mencionado anteriormente, toda a escola participa da discussão e elaboração do PPP através das reuniões semanais e assembleias. Os resultados dos desempenhos dos alunos são discutidos diariamente após as aulas com base na avaliação dos professores e dos alunos e de acordo com as anotações do contrato. O anseio da escola está em que a Secretaria de Educação em questão reconheça as práticas diferenciadas da escola dado o seu caráter diferenciado.

Ao explicar sobre o assunto a professora da EMMP expressou sua insegurança que essa situação com a SEEDF provoca no trabalho realizado pela escola, visto que, segundo ela, existe um “medo de estar fazendo errado”. A mesma interlocutora completa dizendo que a necessidade de apoio da referida Secretaria está em avançar nas ideias de práticas pedagógicas que contribuam com a formação dos seus alunos considerando a situação peculiar. Ela explica e foi possível constatar, que por motivos de cansaço, drogas, diversos interesses pessoais, não há uma constância na frequência dos alunos, entretanto, quando eles comparecem o trabalho é proveitoso. Dessa forma, como eles poderiam ser avaliados? Em sua concepção é preciso

observar o aproveitamento do aluno no tempo que ele consegue ficar na escola, no tempo de qualidade de forma diferenciada.

Os dados obtidos no quadro a seguir foram levantados a partir das análises das entrevistas semiestruturadas e do grupo focal realizado com os participantes da pesquisa. Para tal foi necessário analisar as falas à luz dos objetivos norteadores do estudo procurando perceber nos relatos elementos que delatassem a presença dos indicadores de qualidade da educação observados na escola.

Quadro 3 – Comparativo entre os indicadores abordados e os percebidos na realidade da EMMP

INDICADORES DISCUTIDOS	INDICADORES ENCONTRADOS
DIMENSÃO I – AMBIENTE EDUCATIVO	DIMENSÃO I – AMBIENTE EDUCATIVO
1. Amizade e solidariedade	Esse indicador foi observado nas relações estabelecidas na escola e apontados pelo participantes da pesquisa como sendo primordial para a realização do processo educativo.
2. Alegria	Apesar de não ser diretamente mencionada. Esse indicador pode ser constatado pela predisposição dos alunos frequentarem a escola e satisfação do trabalho docente, explícitas na fala dos entrevistados.
3. Respeito ao outro	A base de sustentação desse indicador na EMMP tem sido o diálogo e o reconhecimento das individualidades, além do tratamento afetivo para com os alunos.
4. Combate à discriminação	Apontado como diferencial da escola e um dos motivos mais contundentes para a permanência dos alunos na escola.
5. Disciplina e tratamento adequado aos conflitos que ocorrem no dia-a-dia da escola	A mediação dos conflitos é feita por meio do diálogo e da negociação. As regras de convivência são conhecidas e elaboradas por todos, através das reuniões diárias e assembleias semanais.
6. Respeito aos direitos das crianças e dos adolescentes	A escola não apenas tem conhecimento da legislação como também procura proporcionar a seus alunos o reconhecimento de seus direitos, além de pautar suas ações pelos meios legais.
DIMENSÃO II – PRÁTICA PEDAGÓGICA E AVALIAÇÃO	DIMENSÃO II – PRÁTICA PEDAGÓGICA E AVALIAÇÃO

1. Projeto político-pedagógico definido e conhecido por todos	A escola possui um PPP que está sendo reformulado e conta com a participação de todos (funcionários, professores, alunos, direção), exceto do segmento pais, inexistente na escola.
2. Planejamento	As aulas são planejadas pelos professores também com base na sugestão ou necessidade dos alunos. Além de discutirem diariamente após o término das aulas as práticas desenvolvidas e os resultados obtidos.
3. Contextualização	Na EMMP essa contextualização é feita através de abordagens pertinentes a vida dos alunos, como o uso de drogas. Além da correlação dos conteúdos escolares com a o cotidiano e visitas a órgãos públicos.
4. Prática pedagógica inclusiva	Observou-se que a escola procura não minimizar as diferenças, mas sim respeitá-las. Inclusive respeitando o tempo de aprendizagem de cada aluno.
5. Formas variadas e transparentes de avaliação dos alunos	Os alunos são incentivados a compartilhar seus aprendizados. Os professores realizam uma avaliação centrada na formação destes indivíduos considerando suas individualidades utilizando para isso atividades diversas.
6. Monitoramento da prática pedagógica e da aprendizagem dos alunos	Os professores realizam um atendimento individualizado com os alunos, possível de ser realizado devido a escola não ter um número muito expressivo de alunos. As decisões sobre o planejamento e a aprendizagem dos alunos são discutidas diariamente e tomadas em conjunto.
DIMENSÃO III – GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA	DIMENSÃO III – GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA
Informação democratizada	Existe uma livre veiculação sobre os principais acontecimentos da escola, exposta também em murais.
Conselhos Escolares atuantes	A escola não possui um Conselho Escolar atuante.
Participação efetiva de estudantes, pais, mães e comunidade em geral	A EMMP conta com a parceria de algumas instituições externas. As discussões referentes a gestão da escola contam com a participação dos professores, alunos e funcionários em geral, exceto o segmento pais que não está presente na escola devido a condição de afastamento dos alunos de suas famílias.
Acesso, compreensão e uso dos indicadores oficiais de avaliação da escola e das redes de ensino	Apesar de ter acesso aos indicadores oficiais de avaliação eles não são discutidos no cotidiano da EMMP.
Participação em programas de repasse de recursos financeiros	A escola recebe repasses financeiros do governo, entretanto, como estes estão baseados na quantidade de alunos que a escola possui, e que no caso da EMMP fica em torno de 60 alunos, não é suficiente, por isso a escola conta com o

	apoio de instituições externas como um restaurante e um posto de combustível.
--	---

Fonte: elaborada pela autora

3.4 A gestão democrática na sala de aula no contexto da EMMP

A gestão democrática denota comprometimento com a formação integral do aluno ao exercitar a participação, requisito fundamental para o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos. Sendo assim, não basta ter acesso à escola: é necessário desenvolver uma prática democrática que permita a todos os atores escolares desenvolverem sua cidadania por meio de uma atuação coletiva em todo o ambiente escolar. A respeito da decisão das práticas desenvolvidas com os alunos na sala de aula a professora argumenta:

[...] acho que essa prática pedagógica dentro da nossa escola, por exemplo, só funciona no coletivo, sempre coletivo, sempre coletivo, em tudo, como toda escola deveria ser, muitas vezes não acontece, mas eu acho que na nossa escola busca-se muito isso, os alunos são de todos, então não tem isso de gavetinha, ah os alunos do 2º segmento os alunos do 1º segmento (professora da EMMP - informação verbal).

[...] essa prática pedagógica também, é a preparação, é a gente estar ali junto decidindo tudo junto coletivamente, que é o que a gente também decidiu isso através do PPP, colocamos isso no PPP também né, eu acho que para poder firmar, porque isso a escola já vem fazendo, a nossa prática pedagógica é no coletivo, estar junto porque o aluno é de todos, não tem essa, você vira nosso aluno, nossa escola, não é só da professora de português, ou de matemática (professora da EMMP - informação verbal).

Quando perguntada sobre a gestão na sala de aula da EMMP a professora traz a ideia de trabalho coletivo visando o aluno; para ela, existe um objetivo, que é a formação do aluno. Quanto à relevância do PPP para o trabalho da sala de aula a professora declara que ele é um norteador que ampara e dá segurança no que fazer. Ele é um bem comum por se tratar de uma decisão coletiva. Assim, ela julga essa questão como sendo boa para o trabalho pelo fato de não ficar no individual e prevalecerem as ideias coletivas. Fala ainda da importância das reuniões diárias e assembleias semanais, pois, segundo ela, mostram a realidade num todo, “proporcionam a visão do todo”, e as experiências das outras salas e dos professores influenciam a sua própria forma de agir, pois tem a oportunidade de perceber qual prática é a mais adequada para ensinar os alunos.

Percebe-se uma participação coletiva dos atores escolares e essa é uma característica fundante da gestão democrática, conforme expresso a seguir: “Assim, concebe-se a gestão democrática como uma ação coletiva, onde os diversos segmentos da escola e da comunidade externa contribuem na delimitação e na implementação das ações educacionais” (BRASIL, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa investigou a presença dos indicadores de qualidade na educação na EMMP e sua influência no trabalho desenvolvido pela escola. O objetivo foi examinar como o ambiente educativo, a proposta pedagógica e a gestão democrática, como dimensões da qualidade de educação, manifestam-se na prática educativa dessa escola, considerando o seu projeto político pedagógico.

Assim, na introdução do trabalho foi apresentada a metodologia da pesquisa, ressaltando sua abordagem qualitativa, bem como os procedimentos adotados e os participantes da pesquisa. A fim de embasar a análise dos indicadores feita na EMMP foi necessário compreender o conceito de educação, de escola como espaço e formação do indivíduo, da educação como direito dos sujeitos e de qualidade na educação. Em seguida, foram abordados de maneira geral, os indicadores de qualidade na educação e posteriormente dirigiu-se o foco na intenção de conceituar os três indicadores mencionado nos objetivos dessa pesquisa. Por fim foram analisadas as entrevistas da diretora, professora e coordenadora da EMMP, assim como dos alunos participantes da pesquisa.

Considerando as abordagens desenvolvidas neste estudo foi possível perceber que a escola pesquisada se enxerga com um espaço social de formação dos seus alunos. Ela tem buscado ponderar e aprender com as experiências de vida trazida por esses sujeitos. Nesse sentido, tomando o seu trabalho como um verdadeiro compromisso, a referida instituição tem procurado conscientizar os seus alunos dos direitos e deveres que lhes assistem, como também de sua posição como sujeitos no mundo, assumindo assim, um compromisso com a educação de qualidade.

Percebeu-se que os resultados originados da disposição da EMMP em focar o aluno são logo apreendidos nas suas reações. Muitos dos relatos ouvidos na realização da pesquisa eram reflexões desses indivíduos a respeito das suas práticas, o que demonstra que ao serem ouvidos e respeitados, ao receberem atenção os alunos recebem um alento para pensarem em outras perspectivas de vida. Alguns deles incorrem no uso de drogas e na criminalidade justamente pela ausência dessas perspectivas geradas discriminação e conseqüente afastamento social a que são submetidos. A fala a seguir sintetiza o que foi dito:

Não, mas é a verdade! Nós tomamos um toco muito grande nas drogas, no crime entendeu? E graças a Deus abriram as portas pra mim esse ano aí, pra voltar à realidade, à vida e voltar a ser um cidadão. Então a nossa lição não tá nas drogas, no crime né. Graças a Deus que tá no céu abriu essa

oportunidade pra tá aprendendo mais ainda o que eu esqueci, entendeu? Pra mim tá sendo só o ouro (AP – informação verbal).

Diante dos dados coletados, analisados e interpretados é possível constatar em relação ao ambiente educativo da EMMP, que a escola tem conseguido fazer com que os alunos desejem estar no seu espaço. A constatação desse elemento é possível apesar da inconstância em os alunos frequentá-la, todavia no momento em que se encontram no ambiente educativo eles realmente estão envolvidos com o trabalho, com as aulas e atividades planejadas pelos professores, salvo nos casos de estarem sob a influência de entorpecentes.

Na prática, o desafio da escola tem sido buscar administrar as situações de vícios e as influências da vida na rua priorizando o relacionamento, a compreensão, estabelecendo laços e permitindo que a escola seja um local de reflexão e mudança para a construção de novas perspectivas de vida. É válido ressaltar a compreensão que a escola possui com relação à educação desse jovens objetivando sua formação social e não apenas transmitindo conteúdos, procurando reconecta-los a vida em sociedade a partir da consciência de si como sujeitos.

Em relação à prática pedagógica foi constatada uma unicidade possível de ser construída pelas discussões diárias entre os professores e assembleias semanais dos estudantes, sendo possível analisar, avaliar e até descartar o que não tem sido útil e compartilhar novas ideias levando em consideração a opinião dos alunos, corpo docente e administrativo da escola. Apesar de se referir ao PPP como um documento escrito em si, percebeu-se que a escola tem permitido sua materialização nas ações e intenções construídas coletivamente, por todos os sujeitos da escola e diariamente ao se propor a organizar o trabalho pedagógico da escola em geral e da sala de aula. Veiga (2008) argumenta ser mais importante ouvir as vozes dos atores escolares no processo de construção do PPP do que ter apenas um texto bem elaborado. “Acreditamos, conseqüentemente, que alguns avanços significativos encontrados na prática pedagógica de muitas escolas podem contribuir com para a construção desse processo” (p. 55).

A questão da gestão democrática foi percebida na EMMP por meio do empenho de toda a equipe em discutir as decisões sempre no âmbito do coletivo. Foi possível presenciar reuniões de professores, da direção com a equipe docente e dos alunos entre si e com toda a escola discutindo a tomada das decisões em diversas situações. Tal postura se manifesta desde a organização das práticas pedagógicas até disposições sobre atividades de lazer e cultura promovidas pelos alunos e para os alunos. Diante dessa atitude, foi possível ver os alunos

desenvolvendo argumentações e seus pontos de vista, elemento essencial para a efetiva formação do sujeito social emancipado e autônomo, conceito abordado nesse trabalho.

Diante do exposto e de acordo com as informações verbais colhidas com a professora, a diretora e a coordenadora, também foi possível perceber dificuldades no exercício da autonomia da escola, ocasionadas pelas constantes cobranças sofridas por ela frente à SEEDF em relação ao resultado quantitativo do seu trabalho, o que compromete a liberdade da escola. Percebe-se, assim, que o trabalho interno funciona bem, mas a relação com os agentes exteriores, no caso a Secretaria de Educação, fica comprometida. Veiga (2008) afirma que “autonomia e liberdade fazem parte da própria natureza do ato pedagógico” (p. 20), acrescentando:

Para ser autônoma, a escola não pode depender somente dos órgãos centrais e intermediários que definem a política da qual ela não passa de executora. Ela concebe sua proposta pedagógica ou projeto pedagógico e tem autonomia para executá-lo e avalia-lo ao assumir uma nova atitude de liderança, no sentido de refletir sobre as finalidades sociopolíticas e culturais da escola (p.41)

Por fim, é recomendável que a escola assuma uma postura de reflexão sobre as finalidades da escola, não permitindo que seja colocada em dúvida a competência do seu trabalho para atingir esses objetivos. Enfim, é preciso que ela esteja convicta na realização do seu trabalho, afastando o “medo de estar errado” percebido na fala dos entrevistados.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Vol. 36, nº129, set/dez, 2006.

ARAUJO, A. C. **Gestão, avaliação e qualidade da educação**: políticas públicas reveladas na prática escolar. Brasília: Líber Livro. Faculdade de Educação/UnB, 2012.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 49ª reimpressão. São Paulo: editora Brasiliense, 2007. Coleção primeiros passos.

BRASIL. Lei Darcy Ribeiro (1996). LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: **Lei no 9.394**, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. Ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf Acesso em: 23 dez. 2012.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Conselho escolar, gestão democrática da educação e escolha do diretor**. Elaboração Ignez Pinto Navarro [et al.] Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares. Brasília: MEC, SEB, 2004a.

_____. _____. **Conselho Escolar e o respeito e a valorização do saber e da cultura do estudante e da comunidade**. Elaboração Ignez Pinto Navarro [et al.] Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares. Brasília: MEC, SEB, 2004b.

_____. _____. **Conselhos Escolares: democratização da escola e construção da cidadania**. Elaboração Ignez Pinto Navarro [et al.] Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares. Brasília: MEC, SEB, 2004c.

_____. _____. **Conselho escolar e a aprendizagem na escola**. Elaboração Ignez Pinto Navarro [et al.]. Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares. Brasília: MEC, SEB, 2004d.

_____. _____. **Conselho Escolar e o financiamento da educação no Brasil**. Elaboração Luiz Fernandes Dourado [et. al.] Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares. Brasília: MEC, SEB, 2006.

_____. _____. **Indicadores da qualidade na educação**. Ação Educativa, Unicef, Pnud, INEP, Seb/MEC (coordenadores) – São Paulo: Ação Educativa, 3ª edição ampliada, 2007.

_____. _____. **Conselho Escolar e Direitos Humanos**. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

_____. _____. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Ministério da Educação/Secretaria da Educação Básica – Brasília: MEC/SEB, 2009.

_____. _____. **Conselho Escolar e a educação do campo**. Elaboração Regina Vinhaes Gracindo [et. al.] Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2006.

_____. _____. **Estatuto da Criança e do Adolescente** / Ministério da Saúde. 3ª Edição. Brasília: Ed. do Ministério da Saúde, 2008b. Disponível em: http://bvms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_crianca_adolescente_3ed.pdf Acesso em: 24 jan. 2013.

BUENO, F. S. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 1996.

ESCOLA DOS MENINOS E MENINAS DO PARQUE. **Proposta pedagógica da Escola dos Meninos e Meninas do Parque**: Instituição educacional de atendimento socioeducativo da rede pública de ensino do Distrito Federal. Brasília, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educadores de rua**, uma abordagem crítica: alternativas de atendimento aos meninos de rua. UNICEF. Bogotá; Colômbia. 1989.

_____. **Política e educação**: ensaios. 5ª edição. São Paulo, Cortez, 2001. Disponível em: http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Política_e_Educação.pdf Acesso em: 28 dez. 2012.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREITAS, K. S.; SOUSA, J. V. **PROGESTÃO**: como articular a gestão pedagógica da escola com as políticas públicas da educação para a melhoria do desempenho escolar? Módulo X. Brasília: CONSED, 2009.

GAMBOA, S. A. S. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, I. (Org.) In: **Metodologia da pesquisa educacional**. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2008, p. 91-115.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **O que é Pedagogia**. 4. Ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 2007.

MARCONI M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: http://www.4shared.com/office/j9wPcOk0/marconi__lakatos_fundamentos_d.html?cau2=403tNull Acesso em: 05 fev. 2013.

PARO, V. H. **Gestão escolar, democracia e qualidade de ensino**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

_____. **Política educacional e prática da gestão escolar.** II Simpósio Internacional – V Fórum Nacional de Educação, São Paulo, 2008. p. 1 a 7. Disponível em: http://forum.ulbratorres.com.br/2008/conferencias_texto/PARO.pdf Acesso em 04 fev. 2013.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**/Roberto Jarry Richardson, colaboradores José Augusto de Souza Peres (et al). 3ª edição. São Paulo: Atlas, 2008.

RIOS, T. A. **Ética e competência.** 19ª edição. São Paulo: Cortez, 2010.

SAES, D. A. M. Obstáculos políticos à concretização do direito à educação no Brasil. **Linhas Críticas.** Brasília, v. 12, n. 22, jan./jun. 2006. p. 23 – 40.

SOUSA, J. V. Qualidade na Educação Superior: lugar e sentido na relação público-privado. **Caderno Cedes.** Campinas, vol. 29, n. 78, p. 242-256, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 24 fev. 2013.

UNICEF. **Acesso, permanência, aprendizagem e conclusão da Educação Básica na idade certa** – Direito de todas e de cada uma das crianças e dos adolescentes /Fundo das Nações Unidas para a Infância. - Brasília: UNICEF, 2012. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/br_oosc_ago12.pdf Acesso em: 04 jan. 2013.

VEIGA, I. P. A. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, I. P. A. [Org.] **Projeto político pedagógico: uma construção possível**, 23ª ed. SP: Papirus, 2008. p. 11–35.

III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Ao ingressar na Universidade de Brasília (UnB) no curso de Pedagogia tinha um objetivo em mente: tornar-me professora. Nesse processo descobri que vou construindo essa profissional ao longo da vida e que saio dessa universidade com a autorização para continuar esse processo. Já passei pela instituição de ensino privada e considero que foi uma experiência muito rica, digo que deixei portas abertas caso queira voltar, entretanto esta não é minha meta, pois meu objetivo é ingressar na escola pública.

Toda minha formação foi em instituições públicas de ensino, por isso sinto-me na responsabilidade de dar sociedade o retorno daquilo que em mim foi investido. Pretendo ainda dar continuidade a minha formação, de preferência retornando a universidade para um mestrado, além de aprender Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS para melhor atender meus futuros alunos.

Como tenho grande desejo de trabalhar com crianças almejo aliar duas paixões: a primeira é o próprio trabalho com crianças e a segunda é aprender a tocar um instrumento e estudar música. Acredito também que minha formação como educadora ultrapassa os muros da escola, por isso pretendo atuar em espaços não escolares como igrejas e centros de recuperação ou onde surgirem oportunidades.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA

ESCOLA DOS MENINOS E MENINAS DO PARQUE – EMMP

I – Apresentação

- Agradecimento pela concessão da entrevista.
- Informação sobre o objetivo da pesquisa: examinar como as dimensões prática pedagógica, gestão democrática e ambiente educativo manifestam-se na proposta educativa da Escola Meninos e Meninas do Parque visando contribuir para garantir o direito à educação para os sujeitos que a buscam, respeitando suas especificidades.
- Argumentação da possível contribuição da entrevista para os resultados da pesquisa.

II – Entrevista semi-estruturada

- 1) Qual é a sua concepção de escola? A importância da escola para a sociedade?
- 2) Qual é a estratégia os elementos que a escola está utilizando para fazer com que os alunos escolham a escola e não a rua?
- 3) Em se tratando, da realidade dos alunos da EMMP, como você analisa a ausência da família na escola e principalmente na vida dos alunos?
- 4) Qual a principal dificuldade que a EMMP encontrar na busca de seus objetivos como instituição socioeducativa?
- 5) Qual é a sua análise em relação a organização da escola, como se articulam os professores, funcionários e outros segmentos? Na escola existe uma gestão democrática?
- 6) O que te levou a assumir a direção da EMMP?
- 7) A escola realiza reuniões com os professores, reuniões pedagógicas, reuniões com os alunos. qual é a importância dessas reuniões com os alunos para o trabalho que vocês realizam?
- 8) Como foi essa reelaboração do projeto político pedagógico?

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A COORDENADORA E PROFESSORA

ESCOLA DOS MENINOS E MENINAS DO PARQUE – EMMP

I – Apresentação

- Agradecimento pela concessão da entrevista.
- Informação sobre o objetivo da pesquisa: examinar como as dimensões prática pedagógica, gestão democrática e ambiente educativo manifestam-se na proposta educativa da Escola Meninos e Meninas do Parque visando contribuir para garantir o direito à educação para os sujeitos que a buscam, respeitando suas especificidades.
- Argumentação da possível contribuição da entrevista para os resultados da pesquisa.

II – Entrevista semi-estruturada

- 1) Qual é a importância, o papel da instituição escola na sociedade? Qual o papel da Escola Meninos e Meninas do Parque?
- 2) Quais os principais problemas da escola pública, na sua opinião?
- 3) Qual o seu conceito de qualidade na educação, quais seus indicadores, o que a garante?
- 4) Quais são as responsabilidades de cada segmento que integra os processos educativos, para termos qualidade na educação da escola pública? (Segmentos: Estado / Professores e Profissionais da educação / Família e Alunos / Comunidade local)
- 5) Na sua concepção, dentro da escola como deve funcionar, ou como funciona dimensões como:
a) o ambiente escolar; b) a prática pedagógica; c) a gestão democrática;
- 6) Na EMMP, como foi sua experiência em sala de aula? E qual foi a principal diferença que você constatou da escola com as demais escolas
- 7) Qual sua missão hoje, como coordenadora pedagógica, e quais os principais problemas que enfrenta?

- 8) Qual foi o diferencial na sua vida, para conseguir ao longo dela, ter uma educação continuada, o que te motivou, ou motiva?
- 9) Como foi conduzida a discussão do PPP este ano. O que ele significa para a escola como um todo?
- 10) Como são construídas as suas opções pedagógicas para a realização do seu trabalho como coordenadora?
- 11) Qual a importância das reuniões pedagógicas para a organização e concepção da sua prática pedagógica?

APÊNDICE C – ROTEIRO DO GRUPO FOCAL REALIZADO COM GRUPO DE ALUNOS
ESCOLA DOS MENINOS E MENINAS DO PARQUE – EMMP

I – Apresentação

1. Apresentação da proposta e objetivo da pesquisa;
2. Apresentação dos alunos participantes;

II – Entrevista de grupo focal

1. AMBIENTE EDUCATIVO

O que é a escola para você? (concepção) O que acham da escola em que estão?

- Relação com professores e funcionários
- Rotina
- Relação entre alunos
- Atividades desenvolvidas
- Diferenças existentes entre a escola EMMP e outras escolas

2. PRÁTICA PEDAGÓGICA

O que é ensinado na escola?

- Como são as aulas
- O conteúdo é acessível
- O que seria de interesse dos alunos aprender

3. GESTÃO DEMOCRÁTICA

Qual a visão que os alunos têm da direção/coordenação?

- Os alunos tem voz ativa na escola?
- Abertura na tomada de decisões?
- Aqui na escola as pessoas se importam com vocês?
- Como se dá a participação em sala de aula?

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PARTICIPANTES DOS ENCONTROS DE GRUPO FOCAL

ESCOLA MENINOS E MENINAS DO PARQUE – EMMP

QUESTIONÁRIO

As informações obtidas neste questionário serão utilizadas para construção do perfil dos alunos da Escola Meninos e Meninas do Parque, participantes da pesquisa realizada para elaboração do trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia.

1) **IDADE:** _____ **NATURALIDADE:** _____

2) **COR DA PELE:**

() BRANCO () PRETA () PARDA

() AMARELA () INDÍGENA

3) **SEXO:**

() MASCULINO () FEMININO

4) **SÉRIE/ANO:** _____

5) **HÁ QUANTO TEMPO ESTUDA NESTA ESCOLA:** _____

6) **QUAL PROJETO FAZ PARTE:**

() GIRAÇÃO () GIRARTE

() POP () NENHUM

7) **TEM FILHOS**

() SIM SE SIM, QUANTOS _____ () NÃO

8) **JÁ ESTUDOU EM OUTRAS ESCOLAS:**

() SIM () NÃO

SE SIM, QUAL O MOTIVO QUE LHE FEZ ABANDONAR:

SE NÃO, O QUE LHE IMPEDIU:

APÊNDICE E – ENTREVISTA REALIZADA COM A DIRETORA

Entrevistada: **DIRETORA.**

Local: **ESCOLA MENINOS E MENINAS DO PARQUE – EMMP**

Data: **12 de Dezembro de 2012.**

Descrição: **Entrevista realizada para coleta de dados para análise na pesquisa de monografia.**

ENTREVISTADOR 1 – Qual é a importância da escola para a sociedade, e qual é a importância da EMMP?

DIRETORA – Eu na verdade vejo assim, é esta pergunta com duas respostas. A escola, a prioridade dessa escola é fazer a ressocialização, porque a maioria desses alunos já passaram por algum estabelecimento de ensino e por que não ficaram? Então nosso papel primordial pro ensino formal, é que este aluno venha pra cá e queira ficar aqui, evitando assim que ele fique na rua, quer dizer nosso grande objetivo é que ele troque a rua pela escola e o papel da escola e resgatar a cidadania de estudante desse aluno, resgatar essa identidade que ele já perdeu a muito tempo. A importância é o resgate da cidadania.

ENTREVISTADOR 1 – Qual sua concepção de escola hoje?

DIRETORA – Pra mim uma escola deve possibilitar que esse aluno se sinta integrante da escola, e pra mim a escola hoje, a escola pública hoje ou a escola particular, ela vê o aluno como reprodução de conteúdos, quer dizer vai preparar o aluno pro ano vindouro pra uma série vindoura no ensino formal, mas trabalhar valores, resgate desse aluno enquanto cidadão, eu vejo muito perdida seja a escola pública ou a escola particular. E por isso que as pessoas não compreendem o trabalho da Escola Meninos e Meninas do Parque, porque a gente faz o inverso, a gente quer resgatar a cidadania, a identidade fazer com este aluno se sinta importante e trabalharmos o ensino formal. Então a gente quer resgatar valores com eles, trabalhar valores importantes pra vida dele enquanto ser humano. E por meio desses valores a gente trabalha o conteúdo e o ensino formal então a gente anda meio contrário, assim no caminho contrário ao que hoje em dia a escola tá oferecendo. O que a escola está oferecendo é a reprodução de conhecimento. E a gente quer que esse aluno adquira conhecimento de vida pra conseguir aprender conteúdo e conhecimento formais da escolarização dele. Eu não sei se você consegue ver a dimensão disso, mas eu considero isso muito importante, quer dizer o aluno tem que ser respeitado na sua cultura, na sua história, no que ele traz, não é só pra trabalhar o conteúdo, é pra ter um olhar sob esse aluno enquanto ser humano, entendeu. Que tem talentos, que tem dificuldades, ele não pode ser engessado em um modelinho. Quer dizer muitas vezes a escola pública, a escola particular na minha visão coloca o aluno dentro de um quadradinho, dentro de um modelo e engessa. Ai uma pessoa, um aluno, criança, adolescente, jovem ou adulto que não se enquadra ele fica fora e começa daí a evasão. Isso pra mim é muito claro, por que se um aluno não vai bem em uma disciplina ele tem que ser trabalhado onde ele não está bem, e não ser excluído por onde ele não consegue, ele tem que ser incluído por onde ele consegue, quer dizer onde tá o conhecimento, onde tá o que ele tá trazendo ele já tem, todo mundo tem alguma coisa, trás alguma coisa pro outro. Acho que a escola precisa ter esse olhar, não pode ficar só na estatística de aprovação, a estatística de aprovação não respeita ritmo e tempo de aprendizagem. Então tem uma incoerência Quando a lei de diretrizes e bases diz que a escola, seja ela qual for, tem que observar o ritmo e tempo do aluno a própria escola, a própria secretária injeta esse aluno em um tempo, num tempo cronológico pra ele aprender, pra ele dar conta, e as vezes ele não tá naquele tempo.

ENTREVISTADOR 1 – Qual é a estratégia os elementos que a escola está utilizando para fazer com que os alunos escolham a escola e não a rua?

DIRETORA – Eu acredito que o primeiro elemento é a relação que a gente estabelece, esse alunado, é um alunado que é difícil estabelecer vínculos, por que de alguma forma os vínculos já foram interrompidos aí, então eu acredito que pra que esse aluno permaneça na escola, o coração dele tem que tá querendo estar aqui, ele precisa querer e o desejo vem da relação que se estabelece, então eu acredito nessa escola se a gente trabalhar essa relação, o afeto! E acredito numa coisa simples, que é o amor, acredito que um olhar. Um amor não significa que não vai ser um amor de repente exigente, que não vai cobrar! Mas ele precisa ter certeza que a gente quer que ele esteja aqui, que qualquer profissional queira que ele esteja aqui. Isso pra esse alunado é imprescindível, ele precisa saber, sentir que ele vai ser bem-vindo sempre. Eu acredito como educadora que sou, que a relação que a gente estabelece com o aluno seja qualquer idade dele, é que fará com que ele permaneça ou não na escola, o restante é consequência disso. A acolhida a relação que se estabelece que vai colocar o roteiro de permanência e de ações trabalhadas na escola.

ENTREVISTADOR 1 – Muitas vezes o sucesso acadêmico, é colocada uma importância muito grande na referência da família. Vamos dizer que esta é a dimensão ausente na vida do alunado. Como preencher essa lacuna, como nesse curto período de tempo conseguir ser o professor, ou o gestor e conseguir preencher essa lacuna que o meio familiar deixa?

DIRETORA – Eu não acredito que uma lacuna dessa seja fechada, a escola acho que ninguém consegue fazer isso, aí penso também que por isso tem que ter o vínculo estabelecido pela escola, um vínculo de respeito. Acho que não tem como a gente preencher essa lacuna, porque sentimento e relação, nesse ponto assim a gente não consegue preencher, ninguém consegue, isso aí, aí entraria mesmo o serviço social com apoio de psicólogo de técnicos. O que que a gente faz é o respeito a esse indivíduo, com toda a história que ele tá trazendo, o que a gente tenta é compreender: porque que um aluno é tão agressivo; porque que um aluno de repente não respeita uma figura feminina dentro da escola ou figura masculina; ou porque um aluno é exatamente o contrário, de repente tem uma afinidade com figura feminina e não tem com a figura masculina e vice e versa. O que a gente precisa é ter um olhar sobre esse aluno e tentar entender as reações dele, ação e reação. Isso não significa que a gente não erre, a gente às vezes erra, por quê? Porque a gente vem, nos educadores, a gente de vem de uma história de engessamento né, de ideias fechadas, de prejulgamentos. Então é necessário que enquanto escola, a gente tenha olhar diferenciado e isso requer mudança interna, mudança de cada um, de cada profissional pra ter esse olhar. Por exemplo, na nossa escola quando um aluno xinga a gente tenta compreender isso, ele não pode ser suspenso por isso, por que a gente tem que levar em consideração a história que ele tá trazendo, tudo o que ele tá trazendo, que de repente aquele xingamento pra ele é natural, e pra gente dependendo dos nossos valores, se a gente for julgar pelos nossos valores a gente pune né, então a gente precisa ter um cuidado nisso, de que, de esquecer um pouco os nossos valores que a gente tem, pra tentar entrar naquele valor, entre aspas, que o aluno tá trazendo, pra gente poder fazer um trabalho efetivo, se não a gente não consegue. O professor Humberto tem uma fala que eu nunca esqueci, eu gosto muito. Ele disse certa vez assim: que esse nosso aluno que ele já vem de uma história de exclusão e de violência que por ser sempre excluído, de agredir pra ser agredido. Então ele quer ter a punição, então isso ficou muito assim como linha de diretriz pra gente trabalhar, por que realmente ele faz, e faz pra ser punido, por que ele só viveu punição a vida inteira, então pra ele, ser punido mais uma vez não faz diferença. E aí na escola a gente faz o inverso a gente realmente não pune, a gente chama, conversa, faz um trabalho com ele, que em último caso se tiver que ser suspenso ele será, mas a gente não usa essa punição de imediato. Exatamente por isso, por que a gente acredita que pra gente ter uma ação tal como a secretaria propõe. Você tem um regimento que se o aluno for chamado a atenção e continua agindo da mesma forma ele vai ser punido, tem que ser essa punição. A gente primeiro faz o trabalho, não se pode punir pelo simples fato de punir, por nosso lado é isso que é, é como se

ele quisesse isso. Porque ele só espera isso, ele espera que como ele agride ele só espera agressão, como ele sempre foi punido ele espera que ele seja punido sempre em tudo. Então a gente vem na contramão disso, a gente sempre fica nessa contramão, de que a gente não vai punir, não é assim! Ele agride, ele xinga, ele faz tudo pra ser punido, e a gente não pune, a gente chama atenção, a gente tenta fazer um trabalho com a orientadora educacional pra reverter essa atitude, essa ação do aluno. Porque aí a gente acredita que a gente vai tá resgatando a cidadania, a gente acredita que ele vai ter condições de ir pra qualquer outro espaço, respeitando as pessoas de outro espaço que talvez não os compreendam. Então essa tentativa, a gente faz essa reflexão, vai fazendo esse trabalho de conscientização.

ENTREVISTADOR 1 – O que mais atrapalha o trabalho, o papel da escola?

DIRETORA – O que mais atrapalha na verdade, é o não entendimento por parte da Secretaria de uma escola que faz o que a própria Secretaria põe que seja feito. Ou seja, é as diretrizes, o projeto político pedagógico na visão do Carlos Mota, tudo o que a gestão democrática no momento deseja, essa escola já vem fazendo há muito tempo, só que não tem ninguém olhando por ela, ninguém olha pra ela esse trabalho que vem sendo realizado há muito tempo. Por quê? Por que as pessoas têm os melindres, né! As pessoas por exemplo, elas assumem determinadas funções, elas passam uma borracha no trabalho de outros, e a escola a anos que vem nessa situação, quer dizer a anos que a gente faz, a gente respeito ritmo, respeita tempo, faz acompanhamento sistemático do aluno, se você chega aqui e pergunta pra gente quem é um aluno, a gente conhece, a gente sabe aonde ele tá. E de repente a Secretaria, é uma normativa da secretaria, ela vai por normativas, então ela coloca essa escola no modelo das demais escolas, com uma clientela que não tem modelo em lugar nenhum, inclusive é a única escola no Brasil que atende situação de vulnerabilidade/rua, não existe escola pública no Brasil, então aqui no DF é a única escola. E o próprio, a própria gestão né! O próprio governo não percebe a grandiosidade disso, né. A gente já foi inúmeras. A falta de visibilidade na verdade, falta de visibilidade por parte da própria Secretaria de Educação. A gente tem a Secretaria de Serviço Social que compreende o nosso trabalho, a gente tem a Secretaria do Trabalho, a gente tem o PROEDUC, Promotora da Criança e do Adolescente, Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua que todos sabem a importância da escola, que sabem que esse aluno nosso não se enquadra em outra. Mas a própria Secretaria não compreende isso. Então é isso eu acredito que seja a falta de visibilidade que atravança todo trabalho da escola.

ENTREVISTADOR 1 – Você comentou sobre a Gestão Democrática, como tem funcionado aqui escola?

DIRETORA – É uma coisa nova, agora nova no modelo de gestão democrática. Eu acredito que uma gestão democrática, aqui na escola, eu na minha visão como funcionária dessa escola sempre acreditei que houve, por que no momento que a gente faz uma reunião e delibera tudo no coletivo, fecha com uma equipe isso já é democracia, na minha visão. Agora não é porque tem o nome de Gestão Democrática que vai se tornar uma democracia, democracia ela tem que ter um conflito diariamente. E democracia acredito que tem que ser mão dupla. Não é só uma gestão, não é só diretor, vice e secretário. Professor, aluno, todo mundo tem que tá envolvido. Quer dizer a equipe docente faz uma cobrança pra direção, mas a direção também pode fazer uma cobrança, isso é, é o que, pra mim gestão democrática é movimento tempo todo, a escola tá em movimento o tempo todo.

ENTREVISTADOR 1 – Quais os principais frutos que você vê na vida dos alunos, por meio da Gestão Democrática?

DIRETORA – Eu acho que é muito, não eu acho que é muito pouco tempo pra gente fazer uma avaliação nos moldes da gestão, isso que eu to colocando. A gestão pedagógica ela prevê muitas ações, ações essa que a escola sempre fez, aí agora por exemplo a gente tá em uma

discussão de proposta pedagógica, que sempre teve! Ano passado quando entrou a gestão democrática, quando entrou esse governo a gente encaminhou pra Secretaria, pra Regional de Ensino o nosso projeto político pedagógico, aquilo o que foi feito no corpo da escola e ninguém leu, então eu não acredito que uma democracia seja feita desse jeito. Eu acredito que uma democracia ela começa quando todos podem ser ouvidos. Então agora, ah! Ai, criar uma gerencia de escola de natureza Estadual, na qual a nossa escola está inserida, então estão revendo a proposta. Ai tivemos que refazer, fizemos da maneira que de repente queriam, e isso eu acho que já fere a marca de democracia. Porque uma democracia ela é o que você acredita, não é o que o outro quer, mas a gente fez nos moldes seguindo o modelo Carlos Mota, que eu! Não vi nada de diferente do que a gente já tinha feito. Entretanto a gente fez, partindo da primícia do projeto político pedagógico do Carlos Mota, da lei da gestão democrática, a gente acompanhou, éh, a gente teve, umas das principais ações da gestão democrática prevê a lei, prevê e em cima disso a gente foi, inclusive citando artigos pra compor nossa proposta pedagógica, então agora ela está sendo revista pela Gerencia de Escola de natureza especial a SUDEB, por que pra vê se o concelho de educação aprova e legitima as ações da escola, por que a gente tem esse problema de legitimar, por exemplo: se esse nosso aluno, ele não vem hoje, mas vem amanhã e fica o dia inteiro na escola por exemplo, por algum motivo que seja, não pode ser um diário de horas, teria que ser um relatório, um relatório acompanha o aluno o tempo todo, então se o aluno se afasta por muito tempo, quando ele volta, ele tem a fichinha dela toda aqui na escola. O diário não, o diário encerra o ano, encerra o semestre ele é fechado e com ele é fechado a história do aluno. Então o relatório pra gente, desse aluno, ele funcionaria mais nesse espaço, e isso ainda não é oficializado pela Secretaria de Educação.

ENTREVISTADOR 1 – E esse tipo de gestão interfere na permanência do aluno, de forma direta?

DIRETORA – Não, não, não. a gestão não é o problema. O problema é olhar que as pessoas que estão a frente da gestão democrática têm.

ENTREVISTADOR 1 – Sim, mas aqui na escola, o jeito que vocês se organizam, procurando a visão dos professores, dos gestores, dos funcionários, dos alunos. Essa política, ela interfere, ela colabora para que o aluno permaneça na escola? Você acha que trazendo a visão, essa política democrática, ou semi-democratica aqui na escola, não no...

DIRETORA – Não, é isso que eu te falei, nos modelos que está tá muito cedo. Porque como que se fala de uma gestão democrática implementada, se por exemplo: os profissionais envolvidos na gestão, envolvidos nas ações diretamente de responsabilidade da escola, não estão presentes na escola. Então eu posso te responder dentro da escola, dentro da escola funciona, agora não posso te responder em nome de uma gestão democrática.

ENTREVISTADOR 1 – E interfere na permanência do aluno, de alguma maneira?

DIRETORA – Não! Num é. É isso que estou falando, não é uma gestão que interfere, seja democrática, seja compartilhada, não é gestão. É como que os profissionais trabalham que interferem. Não se tem essa, não é uma nomenclatura, é ação em si.

ENTREVISTADOR 1 – Eu não quero falar nem de nomenclatura, eu quero falar nesse, como!

DIRETORA – É que você tá falando assim: a gestão democrática, num é a gestão democrática!

ENTREVISTADOR 1 – Então vamos trabalhar nesse como. Como os profissionais trabalham, como podem interferir na permanência?

DIRETORA – Não é como eu falei inicialmente, a permanência está intrinsecamente ligada com a relação que o aluno estabelece dentro da escola, a relação de confiança, relação de afeto, que eu acredito muito nisso, acho que sem o olhar no olho, sem o afeto não ocorre aprendizado de nada, pode ocorrer uma reprodução de conteúdo, mas aprendizado real pra

vida, não ocorre. Então não se tem a ver com a gestão democrática! Tem a ver com a ação de cada profissional.

ENTREVISTADOR 2 – Eu não se é isso que o “*ENTREVISTADOR 1*” tá querendo falar, O que você falou que na verdade, você não viu muita diferença, por que o princípio dela você já vem fazendo há muito tempo dentro da escola. Eu acho que ele tá perguntando, se isso o que você já vem fazendo, a forma de vocês trabalha aqui, essa, não é a nomenclatura gestão democrática, mas essa forma de trabalhar isso tem sido fundamental pra eles ficarem na escola?

DIRETORA – Então isso que eu estou respondendo, precisa de quem está a frente da gestão democrática, a Secretaria de Educação os profissionais de lá, efetivarem as nossas ações para o aluno permanecer na escola. Então precisa ter o olhar do outro, a gente não, a gente já tem o olhar, a gente já sabe como fazer isso! Mas só que essas ações não são ainda legitimadas pela Secretaria, por exemplo um relatório, como eu disse. É várias ações, por exemplo: um aluno sair da sala pra jogar *pingue-pongue*. É melhor ele jogar *pingue-pongue* do que ele ir pra rua. Mas a Secretaria quer que naquele período ele esteja em sala da aula. Então gestão democrática ela tem que ser um conjunto, ela tem que ser lá de cima, Secretário de Educação, gerente da regional, chefe de sessão e escola, não adianta a gente fazer esse trabalho se o profissional lá não aprova o projeto, que é: ao invés desse menino estar na rua, ele está jogando *pingue-pongue*, mas o *pingue-pongue* não é conteúdo vencido, é conteúdo de vida! Quer dizer, ele tá no pingue-pongue, ele não tá na rua, isso pra gente é recessão escolar. Não é recessão ainda de aprendizado, aprendizado formal. Então é isso que eu to colocando, a gestão democrática agora, que entrou agora, ela prevê isso, ela prever que esse aluno sinta prazer em estar na escola, que esse aluno queira estar na escola. Por meio desse querer, é que vai efetivar a permanência e evitar a evasão. Só que tem que se compreender que esse nosso aluno, ele não é aluno no modelo que vem de casa! Por que todo aluno que vem do processo familiar, que entra aquela história da família, ele tem de alguma forma já, um encontro com a escola, no sentido assim, ele teve um irmão mais velho que já estudou, ele já foi em algum evento perto da casa dele. Agora o nosso aluno, ele já evadiu por vários motivos e ele tá a muito tempo afastado, então essa escola regular não atende. A escola no modelo que tá, que você tem que cumprir normativas, que você tem que tá na sala. Um aluno que ele tá em situação de rua, um aluno que tá em processo de aprendizagem, éh, dependendo do ritmo e tempo dele, ele não aguenta ficar mais de vinte minutos dentro de sala. Então qual a escola o menino vai entrar ficar vinte minutos fazendo trabalho e sai pro pingue-pongue, ou vai pra educação física, ou vai pra informática? Não tem isso! Então esse movimento que a escola faz para atender o aluno é que ainda precisa ser reconhecido. E gestão democrática, eu acredito que seja isso. Porque tem que dar autonomia pra escola, a escola precisa ser autônoma pra ver quem é esse indivíduo que ela atende, ver a cultura que ele tá trazendo, o que ele tá trazendo, pra escola trabalhar. Então se essa escola fica engessada dentro de um modelo padrão, ela não consegue fazer com que esse aluno permaneça na escola. Esse aluno da EMMP se ele ficar engessado no padrão, no padrão da escola pública vigente, ele não fica na escola, nem nesta e nem em nenhuma. Por que ele ainda fica nesta, mesmo que seja por pouco tempo? Porque esta não está enquadrada no padrão, da qual ele já evadiu. Então, e tem a questão da droga, a nossa grande batalha é rua e droga, não é só rua né. Questão da droga! Aluno que tá no processo de ressocialização bacana, de repente some, quando você vai ver tá na rua, tá no CRACK. E aí é o serviço social que tem que ter o transporte pra fazer isso, só que eu afirmo: se a gente fala de relação estabelecida e vínculo. Se for um educador social da SEDEST, que passou agora na prova, ele não vai se esforçar pra trazer esse aluno não. Porque não tem vínculo, não tem olho no olho. Então o que a gente deseja que a Secretaria de Serviço Social faça parceria conosco e a Secretaria de Educação permita que vá um professor nosso, um educador nosso junto com o outro, por quê? Esse aluno quando vê um profissional da escola,

ele volta pra escola. Se ele não ver ele vai é correr, primeiro ele acha que é polícia, ele acha que é conselho tutelar, ele acha que é tudo menos alguém que vai trazer ele pra escola. Então isso, quando se fala de gestão democrática, todos os profissionais envolvidos nesse processo precisa conhecer quem é essa população em situação de rua, e ainda não conhecem.

ENTREVISTADOR 2 – A Palmira (diretora antecessora), você trabalhou com ele como coordenadora, eu gostaria de saber o que te levou a assumir a direção?

DIRETORA – Não eu fui eleita à direção em uma gestão democrática, os professores me convidaram e não tinha ninguém e por isso que eu aceitei. Porque, realmente eu nunca almejei direção, por que minha alma é de educadora mesmo, a minha alma não é uma alma voltada pra gestão. Acho que gestão a Palmira fez isso com muita propriedade, tanto é que a parte pedagógica eu sempre cuidei na escola e ela sempre cuidou dessa coisa de ir atrás, de correr, de fazer o *marketing*, e mesmo assim ela tinha o conhecimento de tantos anos com as pessoas certas. Eu, por exemplo em uma gestão, eu tenho muita dificuldade, por que eu não conheço as pessoas, pra ir atrás, pra pedir alguma coisa pra escola. Então eu estou em processo de aprendizagem como gestora. Por isso que eu acredito que nos educadores a vida toda estamos aprendendo. Porque eu já trabalho em pedagógico a muitos anos, venho de histórias de escolas particulares, eu sempre fui coordenadora ou professora, dei aula pra magistério pra ensino especial, depois fui pro Paranoá coordenei lá, fui coordenadora intermediária de EJA, apliquei o PROFA pras professoras alfabetizadoras, a gente fez um grupo numa escola só com essas professoras que tinham feito o curso, sempre voltado pro pedagógico, sempre me baseando em Freinet, em Vygotsky, em Paulo Freire. Ai, ao chegar aqui, eu vim por acaso, sabe! Mandaram eu vim pra cá, porque ninguém queria vim. Ai a Palmira me acolheu, por isso que eu tive a importância do acolhimento, ela me acolheu. E eu trabalhei aqui, vim como na época era assistente pedagógico, depois passei pra supervisão, pra pedagógica, e to aprendendo ainda a ser gestora, por que ainda tá muito enraizado em mim essa questão pedagógica, porque uma escola eu acho que o administrativo é importante, mas pra mim a alma da escola é o pedagógico. Essa ação de relação, como esse professor vai administrar as relações que se criam, é como ele vai tratar os alunos. Porque eu continuo afirmando, eu acho que eu vou ficar velhinha mesmo, afirmando: Eu só acredito no aprendizado se tiver relação professor e aluno. Eu até comentei com a Valéria, que eu vi quando vocês chegaram, o olhar de vocês pra ela. Isso é relação pra sempre, quando a gente tem uma relação de verdade com um professor da gente, ou com um aluno, é pra sempre. Eu tenho alunas, que elas foram minhas alunas e hoje elas são professoras na Secretaria. Então é assim, é você apostar no outro. É porque as vezes a gente espera muito do outro e as vezes ele pode nos dar pouco, mas esse pouco é significativo, então é isso que eu acredito e acredito que a Palmira foi uma grande gestora, eu realmente estou na gestão por isso, por uma necessidade da escola, por um pedido dos colegas, mas eu estou em aprendizado.

ENTREVISTADOR 2 – A escola realiza reuniões também com os alunos, eu queria saber qual a importância dessas reuniões, tanto com os professores, reuniões pedagógicas, reuniões com os alunos para o trabalho que vocês realizam? Qual a importância até pra permanência do aluno, pra que a escola realmente funcione?

DIRETORA – Olha, eu acredito que é um fazer coletivo, né. Nada pode ficar na mão só de um, cada um tem que fazer sua parte pra ter o total, pra ter um conjunto, né. Cada um aqui é muito importante, e tanto é que eu sempre falo, é como se a gente fosse um quebra-cabeça, ai e se você tira a pecinha do quebra-cabeça... Por mais que a gente acha que um profissional não seja tao importante, ou que aquele aluno não vai fazer falta, no dia que ele não tá a pecinha tá ali oh. Não vai dar a cena total. Então eu acredito que uma escola de verdade, ela tem que ser feita assim, cada um tem que dar sua contribuição para ter um fazer coletivo. A gente tem essas assembleias e pede muito assim, que o aluno participe que é pra exercitar

neles o poder da palavra, o poder do estar a frente de algo e começar a exercitar o protagonismo, porque ele tem que agir, ele tem que ser o agente da sua história. Não adianta o tempo todo, a gente educador ficar falando em nome dele, ele tem que aprender a falar em nome dele!

ENTREVISTADOR 2 – Vocês tiveram que reelaborar a proposta pedagógica, para fazer o projeto político pedagógico, e como foi essa reelaboração do projeto político pedagógico?

DIRETORA – Não a proposta pedagógica, a gente ainda não fez o projeto. A proposta foi feita com os professores, a gente ia lendo cada item, a gente já tinha algumas informações porque essa proposta já estava em andamento alguns professores já haviam feito algumas observações. A gente foi retirando algumas já prontas, outras que a gente fez em uma reunião e foi tirando itens considerados. Ai eu e a Ivete fomos, porque essa dificuldade de digitar aqui, aqui não tem como as vezes a gente parar e fazer algo, a gente foi digitou e apresentou pra equipe, a gente foi lendo item por item, a professora de português foi fazendo as considerações e a equipe também, a gente fez alterações necessárias e a gente levou pra Gerencia de Escolas de Natureza Especial, que está revendo. A gente tinha uma reunião e por motivos que eu não sei explicar, a gente teve a reunião adiada na sexta-feira passada, então ela está em processo de revisão.

ENTREVISTADOR 2 – Com relação a autonomia dos professores, como é que eles trabalham? Na sala eles tem autonomia pra trabalhar da forma como eles querem?

DIRETORA – Tem, tem sim. Agora eu vou ser honesta com você, ao chegar à Secretaria eu senti muita dificuldade nisso, porque, o que que eu observei. Na escola particular eu venho de escolas diferentes eu trabalhei no (**nome da instituição não divulgado neste trabalho**) que são escolas alternativas, a frente do tempo, de tudo que possa imaginar. Então como que ocorria o trabalho na escola particular, nessas escolas especificamente. A gente tinha coordenação, a gente fazia o coletivo, depois cada um fazia seu planejamento, mas sempre voltado pra uma ação conjunta, já se exercitava gestão democrática nessa época. Então eu vim pra cá, alias, passei pelo Paranoá, e no Paranoá a gente fazia isso com muita propriedade. Mas tinha um diferencial, isso que eu tento disser o tempo todo, que eram alunos frequentes. Então o que que acontecia, a gente elaborava projetos, ações que a gente conseguia fichá-lo. Quando um ou outro aluno não ia, como morava tudo pertinho, eu e a coordenadora a gente ia à casa dele, pra saber o que que tava acontecendo e levava pra escola, as vezes ele tava doente, as vezes tinha tido problema. Então a gente não tinha problema de ausência de aluno. Então tudo, a gente e iniciava e fechava com propriedade, era bem melhor. Mas eu senti que na escola pública, a diferença é exatamente isso, se um professor disser que não vai fazer. A gente percebe que fica assim: é ah, então tá. Eu senti essa diferença, isso não é a nossa escola, a EMMP, eu to dizendo a escola pública no geral, eu senti isso, a diferença em relação a escola particular, até porque numa escola particular se você não entra no ritmo você tá fora. E na escola pública eu senti essa grande diferença, escola publica em geral. Ao chegar nessa escola, eu tive uma dificuldade exatamente por isso, por que na época como assistente, eu fiz a leitura da escola e fui propor, ei lembro na primeira semana, que a gente trabalhasse só um tipo de arte, o corpo. E a única que abraçou foi a professora Camila, por isso que eu tenho um carinho muito especial por essa professora, porque ela como profissional ela entendeu a proposta, e tanto é que a partir, já tem 10 anos, 11 anos, 12 anos... ela começou a ver a importância de se trabalhar o corpo não só na educação física, mas a aprecia, né, o bem-estar físico, no bem-estar mental. E ela começou a fazer oficina do corpo, fez o projeto dela de educação física em educação. Então isso me encantou de mais, mas ela desejou. A autonomia tem que te desejo, o professor tem que ter autonomia, mas ele tem que tá envolvido no fazer coletivo. Entendeu, porque há momentos que ele tem, alias, ele tem a autonomia dele, mas no fazer coletivo as vezes um tema, uma ação que toda escola tira numa reunião pedagógica, uai, o que que é democracia? Então a democracia, ela tá muito ligado a isso, se tem uma decisão

do grupo, se todos decidem, se a maioria decide, então você abraça a causa. Isso é o princípio da democracia, você deixa de ter a sua ideia única, pra ter a ideia de todos. Então, agora autonomia o professor tem que ter na sala, mas agora não fugir a isso, a um tema que é escolhido no grupo, a um projeto escolhido pela escola, por quê? Um aluno ele deve respeitar essa é, a proposta da escola, a autonomia dele tá muito ligado à autonomia da escola também.

ENTREVISTADOR 2 – E isso tem ocorrido aqui, você acha que é isso que tem se encaminhado bem aqui?

DIRETORA – As vezes, eu não serei assim, hipócrita em dizer que isso ocorre sempre, mas a gente sempre tenta, a gente sempre tenta ir por esse caminho todos nós, a gente apresenta proposta do fazer coletivo. Mas tem aquelas situações, que trabalha a relação de um professor com o outro, - ah então eu não vou trabalhar com esse professor! Isso tem? Tem, porque entra aí a questão que é humana, né. Independente de ser o profissional, as relações humanas, quer dizer, ele interfere na ação profissional.

APÊNDICE F – ENTREVISTA REALIZADA COM A PROFESSORA/COORDENADORA

Entrevistada: **PROFESSORA.**

Local: **ESCOLA MENINOS E MENINAS DO PARQUE – EMMP**

Descrição: **Entrevista realizada para coleta de dados para análise na pesquisa de monografia.**

RESPOSTA 1: É de grande importância, ela determina o mundo do ser humano né, do cidadão, ela modifica o pensamento, ela age no pensamento das pessoas, nas decisões, nas tomadas de decisões. Ela tem grande influência no ser humano

RESPOSTA 2: Dar continuidade na vida deles, acho que o interessante da EMMP, agente fala que é uma escola diferenciada. Diferenciada porque a gente aceita o ser humano do jeito que ele é. Com seus problemas, com as suas decisões, suas escolhas. A gente não interfere. Eu vejo que o problema de muitas escolas é a interferência no ser humano, na vida do ser humano. Problema quando eu digo é negativamente, porque quando ela quer se intrometer quando ela quer dar aquelas suas opiniões, isso através de que? Muitas vezes através do próprio professor, da comunidade, comunidade assim que eu digo são os pais as pessoas que estão á volta do ser humano entende, ser diferente, nós professores temos que ser diferentes dentro dessa escola, porque eles são diferentes eles são especiais. Acho que até a forma de a gente lidar com os sentimentos deles com as emoções deles é totalmente diferente, você não só dá aquele lado profissional, você dá o seu emocional também, você dá o seu particular para os alunos e você se doa para eles. E é importante que a gente olhe nos olhos deles, a gente está sempre perto deles, observando as emoções, sentimentos as atitudes. É isso que eu vejo, esse é o diferencial, é como nós tratamos os alunos e como eles são. A gente consegue enxergar isso neles, esse sentimento.

(ENTREVISTADOR 1): E você acha que assim tem conseguido mudar a realidade?

RESPOSTA: Eu não sei se a gente muda, mas eu acho que pelo aos menos a gente melhora, porque a realidade ai fora ela é nua e crua né, então a gente tenta ajudar, ajudar com o que temos, acho que principalmente nós professores com o que temos, com todos os nossos valores, com todos os nossos estudos, com todas as nossas punições a gente ajuda sim.

RESPOSTA 3: Bom, vamos ver o que eu lembro hoje. Os principais problemas da escola pública... (ENTREVISTADOR 1): ou o principal que você acha que precisa ser mudado, que precisa ser corrigido, que precisa ser solucionado... RESPOSTA: se a gente cumpre, quem trabalha na escola pública, se agente já cumpre o mínimo possível pedido, já ta cumprido alguma coisa, acho que já está agindo. Falta na escola pública é atitude, acho que nas pequenas coisas falta atitude, ela precisa se organizar melhor, ela precisa se estruturar melhor, né, então eu acho que falta isso, falta atitude. Não só por parte de quem tá lá dentro, de todo mundo que cuida da escola pública, falta um bom direcionamento uma boa administração, a gente precisa disso, mas isso com a participação de todos, eu digo, os professores e a comunidade local, todo mundo, acho que todos que cuidam da escola pública, ela precisa de cuidados ela precisa que cuidem dela, ela está descuidada, ela está descuidada porque, eu acho que a visão nossa é que a escola pública é de graça então eu posso destruir e eu não to nem ai então a gente não valoriza o que é nosso, não precisa pagar pra você dar valor, eu acho que deveria ter o maior amor, o maior carinho por ela, não tem, então isso só quando nós mesmos

tivermos condição de cuidarmos dela, cada um, se cada um fizesse a sua parte acabou não tinha problema, professor se for colocado como diretor o que você pode fazer? Administrador, gestor o que você tem que fazer? Faça, cumpra, se você cumprir, falta cumprir. Só um problema, compromisso.

RESPOSTA 4: Gente falta muito para eu aprender, há 26 anos que eu trabalho na rede pública, acho que falta muito ainda, falta muito. Porque você vê bem, uma das coisas que atrapalha: política. Você tem o projeto, você tem as suas diretrizes, entrou, cada político que entra quer mudar, quer acrescentar alguma coisa. Existe a LDB pra cumprir, existe o currículo, mas não começa a mudar. Ah, vai pra LDB tudo bem, sempre tem que acrescentar tirar algo, começa a fazer modificação, porque grandes projetos, vários projetos, por exemplo, da rede pública e e aí vem um desestrutura tudo então aquela sequência que você estava tendo acaba, então acho que falta isso, falta sequência, falta organização, falta mesmo cumprir com os princípios, com as diretrizes, é cumprir direitinho, não é só o que tá no papel não, o que está no papel está fácil de cumprir, por todos, é como eu disse antes, se cada um fizer a sua parte, não adianta só escrever bonito porque nós temos uma legislação ótima, que eu acho que é cópia do exterior, a gente tem que acreditar mais no potencial aqui no país e se adequar mais a nossa realidade de verdade é isso que a gente precisa, ver mesmo o que eu preciso aqui, pra cá, o quê que, quando eu estou no GDF, se eu estou trabalhando com meninos e meninas do parque qual o objetivo dessa escola, o que eu preciso fazer pra melhorar, o que eu preciso fazer pra ajudar esses alunos, será que os meus objetivos estão sendo atingidos, é isso que falta. (ENTREVISTADOR 1): Então assim, só pra eu entender, a qualidade da educação está relacionada com comprometimento. RESPOSTA: Com certeza, muito comprometimento, muito comprometimento, de todos, fazer a sua parte, cumprir. Tem a lei, a legislação, o que tem pra cumprir, o que está escrito então se foi feito ali, se é uma prática a teoria e a prática, então vamos lá. Se é pra fazer vamos fazer, não é pra enrolar. (ENTREVISTADOR 1): Aprofunda mais essa questão das atitudes, das responsabilidades dentro de cada segmento que faz parte da escola, por exemplo, como é você diria qual a responsabilidade do Estado para a escola qual é a responsabilidade que você enxerga e daí depois nós vamos ver outros. Qual a responsabilidade do Estado par com a qualidade. RESPOSTA: se você for ver a LDB, a legislação, ali já diz bem claro: determina idades para determinar a educação, por exemplo, né, faz catorze anos, o ensino é obrigatório o Estado está cuidando né, tem suas exceções, (...) será que ele tá cumprindo (...) acho que o Estado como qualquer órgão é feito por pessoas, quem são essas pessoas que no momento estão na direção que vão fazer cumprir. Porque eu acho assim se for feito dessa maneira, se os estudiosos viram que é dessa maneira que há uma melhor educação então vamos tentar, se tudo der certo, porque eu acho que isso tem que acontecer, isso é óbvio que vai acontecer, haja visto as mudanças da lei que tinha anteriormente e que agora já vieram para essa outra, então e aí, acho que o Estado é isso tem... e ele tem que verificar se está sendo cumprido ou não. (ENTREVISTADOR 1): outro segmento que eu gostaria que você explorasse são os professores e os profissionais da educação, que envolve gestores, funcionários, secretários, aqueles que trabalham da limpeza, todos os que estão envolvidos no serviço na escola, qual é compromisso que eles devem ter para que se tenha qualidade na educação. RESPOSTA: Não só financeiro, ele tem que ver se ele gosta do que ele faz, primeira coisa, ele gosta do que ele faz? Ele está ali pra? Qual é o objetivo dele, de verdade. Ele está ali pra mudar alguma coisa, pra ajudar alguém a alguma coisa, o que é? Ou ele só vai ali pra ganhar o dinheirinho dele e pronto vai embora? Acredito que as pessoas tem que estar envolvidas com o que fazem. Se eu não estiver envolvida não adianta nada, principalmente na educação. Você tem que se envolver com as pessoas que estão ali, com os alunos, com todos os que estão a sua volta, colegas de trabalho, essa relação também conta muito. (ENTREVISTADOR 1): Outro segmento na mesma linha é a família e

os alunos, qual é a responsabilidade da família e dos alunos. RESPOSTA: A família é total, a família determina o que ela quer, ela tem poder, se a família orienta bem aquele serzinho que saiu ali do meio dela, já 90% tá resolvido, então ela tem que ter seus valores, orientar bem a criança o adolescente quem quer que seja que está ali na família, a escola pra mim é um complemento, sociedade é um complemento de uma situação, mas tem que ter base e na minha visão é a família. A família orientando bem não vai ter problema. Temos o exemplo dos nossos alunos, 100% problemas familiares, 100% é a desestrutura da família. E aí o governo, a família, a comunidade passa a obrigação pra quem? pra escola e qual é a função da escola, a função da escola tá ficando perdida, né qual é a função da escola hoje, realmente. Ela caba abarcando tudo, você vê cobrança de todos os lados e sempre tá colocando algo a mais a mais aí está emendando a lei, a lei e a escola tá aí. A família ela é a base, então ela tem a obrigação dela, tem que formar, forma educa e depois a escola ela vai ajudando. (ENTREVISTADOR 1): E dos alunos? RESPOSTA: Nossa dos alunos, acho que é viver, tentar viver, ser agora, ... agora eu sou aluno, colocar na minha cabecinha de aluno, meu Deus, eu vou viver tudo que eu tenho pra ser vivido. Aí muita gente fala, ensina pra você o que é correto e o que é errado, não ensina o que é errado, mas faz o que é errado, então fala algumas coisas e fazem outra, e aí como é que fica a cabeça, como fica a cabeça do aluno. – “Meninos e meninas do parque você não pode fumar drogas, você não deve usar nenhum tipo de drogas”, mas ele sabe que tem em casa o pai e a mãe que as vezes usa, tem um professor que usa, tem um policial que usa, então um monte de gente que dita as regras, como é que fica minha cabeça com um comando, hein, como pessoa, pra ser guiado, pra ser informado, como é que fica minha cabeça. Eu faço o que eu escuto ou o que eu vejo? Quando me dão ordem, o que eu faço? O que eu vou fazer? Então o princípio as vezes fica longe. Ele tá dentro da escola, ele olha o professor falando uma coisa e com outra atitude... Pai e a mãe, que pai e mãe que as vezes nem tem, e o político que dita a regra mas é o primeiro a burlar, é o primeiro a fazer a falcatura, ninguém é bobo, ele vai sentido isso, vai sentindo e vai vendo, e eu acho que isso influencia, que vai ficando inseguro, ele sai inseguro, não tem firmeza, a gente não tem firmeza no que as pessoas dizem, não acredita em mais nada (ENTREVISTADOR 1): E, o último segmento que eu gostaria que você abordasse é a comunidade local, comunidade externa, quais são as responsabilidades da comunidade com o comprometimento da qualidade da educação? RESPOSTA: Estar junto, tem que estar na escola vendo, tem que estar acompanhando, todo segmento tem que estar acompanhando, quem tá vindo quem tá participando, é pra isso que falamos vamos montar um grêmio estudantil, tudo isso, agora com a nova gestão democrática, nós tem uma eleição, os alunos tiveram os alunos também concorrendo sendo representados, escolheram os seus representantes, escolheram os representantes da comunidade, mas aí na hora do vamos ver, de repente por uma coisa ou outra o aluno não foi mais, a pessoa da comunidade não comparece mais, então aí lá vem de novo aquela história, falta do compromisso, destes três, compromisso das pessoas que assumiram algo para observar. Então assim vai de vez em quando, acho que conforme o interesse político, eu não sei, pessoal, a comunidade age, as vezes ela é muito omissa, ela faz de conta que vê ou não percebe ou deixa pra lá, acha que tem sempre alguém e deixa, então muitas vezes é um papel que ela se omite, ela tem a obrigação de estar junto, de estar acompanhando, mas muitas vezes não faz. (ENTREVISTADOR 2): E no caso da EMMP, em outra conversa você já havia falado que não tinha tanta participação, como e que você vê isso? RESPOSTA: Pois, é, é um desinteresse sabe por que, é um desinteresse porque na verdade, acho que a EMMP, às vezes eu acho que é um estopim político, a medida que se interessar politicamente já, você já vem ali pra ajudar, pra tá junto, pra observar, pra tá cobrando alguma coisa. Por exemplo, esses meninos, nossos alunos que são oriundos da rua mesmo, mas muitos deles tem família, mas a família é omissa, eles já saíram de casa e a família muitas vezes não vai atrás, porque já viu que não dá conta mesmo da criança do adolescente e solta.

Ele mora no projeto, de repente nem o próprio projeto está dando conta de acompanhar, de ajudar, tem eventos, casos que dentro do projeto os próprios educadores que adoecem, aí rapidamente uns entram de atestado outros são hospitalizados, enfim, tem sempre alguém com uma desculpa e os meninos vão ficando, vão ficando, essas pessoa podiam estar lá junto, podiam estar cobrando, podiam estar acompanhando e não estão. Então assim, já que a família não tem, tem alguém que está tentando cuidar, que é o projeto também, as vezes falha, se não é uma questão é outra, vai acabando ficando pra trás e aí a escola vai ficando sozinha sem alunos e professores, a comunidade... aí as vezes politicamente, quando tem algum interesse do nada aparece alguém pra ajudar, pra poder exigir, claro que as maiores exigências são da Secretaria né, ela chega porque ela quer números e quantidade, quantos que vão sair dali que terão condições de concluir o ensino médio, de passar no vestibular, já melhorar, então nem vê se está tendo alguma assistência, se todos estão cumprindo suas funções, ao invés da Secretaria estar ajudando, não, ela quer saber de números e a escola é obrigada a falar né, quer dizer só querem quantidade, muitas vezes a gente não vê a ajuda, vê a omissão, vista grossa.

RESPOSTA 5: (antes o ENTREVISTADOR 1 fez a pergunta sobre a qualidade situando-a no cenário atual e perguntando se concordava com a diferenciação do conceito de qualidade e qual dos objetivos a qualidade persegue hoje) RESPOSTA: Eu acho interessante essa sua colocação, é interessante, em parte procede, acho que nas duas partes procede claro, as vezes eu acho que busca como você disse aí a questão da quantidade, falando só da escola pública, e também na formação do sujeito, eu acredito na formação do sujeito, acho que a escola vem melhorando nesse sentido, ela busca a formação do sujeito, mas a escola ela está preparada pra isso? A escola pública, ela está fazendo isso, na verdade a gente está buscando, não tem ponto final, a gente está buscando, a gente tem a certeza de que é isso, mas a gente está tentando, daqui um tempo pode se dizer que não é isso, mas que já é outro (...), mas a gente está tentando, agora na formação do sujeito eu acredito, a escola está aí pra formar e de todas as formas e de todas as maneiras inclusive o que você citou, todas as maneiras, a escola faz parte, a escola tem um papel. (ENTREVISTADOR 2): Você acha que é isso que tem acontecido na EMMP? Eu to tentando, eu tenho as minhas falhas e acertos, mas eu to tentando, a gente só vê que errou as vezes, quando a coisa não deu certo, não considero nem erro, mas a gente tenta, vive tentando, dentro da legislação, dentro do que nos proposto, através do nosso PPP, a gente tá tentando, a gente tenta, a gente senta, a gente conversa, a gente se reúne, eu to falando de uma maneira, ali, dentro da EMMP a gente tá tentando, então cada professor com a sua formação, com a sua preparação, vamos para isso aqui hoje e reunir, então é engraçado que dentro da escola não tem essa decisão individual é em conjunto mesmo, como deve ser, buscando o melhor pro aluno, você viu os nossos diários, após as aulas por exemplo, é uma maneira de estar discutindo mesmo como foi a aula naquele dia, se ele está agitado, nervoso, se ele usou drogas, o que aconteceu, o que está pegando, aí nós temos um núcleo que já vai atrás, né do projeto onde ele vive vê o que aconteceu, então corre atrás pra poder passar para os nossos professores que estão ali tete a tete com eles, bem juntinho deles, pra que a gente possa ajuda-los da melhor maneira possível, mas a escola tenta, acredito que a EMMP vem tentando uma formação sim e a gente se importa mesmo com essa formação, tanto é que a gente luta, a gente briga com a Secretaria constantemente mostrando que é por aí, que não é só questão de números, nós temos a nossa representante que é a nossa diretora, a nossa gestora, ela representa, ela nos representa na Secretaria colocando todo o nosso posicionamento mostrando tudo o que a gente faz.

RESPOSTA 6: Se for falar em porcentagem, se for falar em números me lembra quantidade, não vou falar em quantidade. Vou falar assim, que a gente trabalha em um conjunto, num todo, num todo e eu digo pra você, preparo a minha aula, chegou um aluno, as vezes ele chega

lá falando d vida dele o que aconteceu, vou citar um exemplo. Fui preparada para dar determinado conteúdo e o aluno chega estava arrasado, triste. Comecei a minha aula, ele não estava interessado, meio amuado, e eu percebi que eles não estavam bem e fui questionar com um deles o que aconteceu. Então eu fui tentando chegar da melhor maneira possível porque eles são introspectivos e eles resolveram começar a contar. Disse que acordaram eles as 2 da manhã dando porradas, os policiais chegaram eles mal sabiam o que estava acontecendo, batendo neles, eles ficaram super, assim eles acharam aquilo uma afronta foi a pior coisa da vida deles naquele momento, se sentiram humilhados, porque um dos alunos tinha brigado e nisso os outros alunos não estavam envolvidos, mas por causa de um que brigou porque aconteceu alguma coisa chamaram a polícia e a polícia chegou lá batendo em todo mundo, eles botaram todos os meninos para fora e chegaram lá agredindo, resultado, eles chegaram na escola irritados, nervosos, e aí o que eu fiz com isso, eles começaram a desabafar ai começamos a discutir sobre o assunto, aí eu comecei a perguntar pra eles se a atitude dos policiais foi correta, se a atitude de quem chamou a polícia foi correta, o que aconteceu, o que eles gostariam então, se eles acharam que foi incorreto, o que eles gostariam que tivesse acontecido na verdade, como que poderia ter corrigido esses outros alunos que estavam brigando que estavam fazendo alguma coisa, o que eles, qual é a sugestão deles então, o que eles achavam que poderia ter sido a melhor maneira de ter acontecido aquilo, porque que machucou tanto, porque magoou tanto também, então um dos alunos que me chamou a atenção foi um que falou: “Professora eles acham que nós somos lixo e por sermos lixo pode chegar nos bater e arrebentar, duvido que se fosse um filho de papaizinho se o policial chegaria batendo”, então o que eles acham, assim, eles mesmos já estavam se sentindo mal, se sentem humilhados né e já sabem que as outras pessoas acham isso deles também, então eles estavam com aquela chateação o que eu fiz?, eu tentei junto com eles discutir tudo aquilo que estava acontecendo, ai pedi que os alunos que quisessem, tivessem vontade de escrever que escrevessem, ali o aluno começou a escrever contando o que aconteceu, né, eu queria que eles se expressassem, até porque o dia em que eles estão muito chateados é o dia que eles ficam mais agressivos, é o dia que acontecem mais coisas assim, descontam no outro, utilizam mais ainda de drogas, então assim, e nisso vamos conversar, então conversando, chegando, e ai será que eu deixei de dar o meu conteúdo? Será que eu deixei de fazer algo que a escola, que a exigência dos organismos da escola pedem, então, e aí, mas eu não queria saber, primeiro eu queria saber do meu aluno, da diferença dele e saber que naquele momento eu tinha por obrigação ajudá-lo de alguma maneira, e eu tenho certeza que da maneira que eu ajudei, o que eu fiz, eles saíram melhor, saíram mais calmos, saíram pensativos, começaram a discutir em relação a atitude do policial, a atitude de quem chamou os policia, atitudes, então assim, eles foram vendo porque que chegou naquilo, eles foram analisando, então naquela raiva que eles chegaram de quebrar tudo acabar com tudo, não na escola, mas em retornar pra lá pra quebrar tudo, eles já começaram a pensar, então assim eu acho que ai, será que eu como educadora comecei a fazer aquele papel da escola de reflexão, de ajudar o aluno a refletir sobre algo que está ali em volta dele, então o que eu pude ajudar o aluno.

RESPOSTA 7: Democraticamente, acho que é muito mais complexa e nós brasileiros ainda estamos aprendendo, nós brasileiros, acho que é uma atitude muito complexa, e muitas vezes a gente se perde nessa democracia até eu me perco, que eu acho que a gente vem de uma ação, de como é que se diz, vim de uma escola onde se impunha, né, onde se ditava as regras, onde você né, sair desse mundo que era sempre com imposição, as suas ideias não prevaleciam, acham que não eram tão respeitadas como são agora que é o que a gente está buscando, que eu acho que é isso que é democracia é respeito pelas ideias, pelas diferenças, o ser humano como um todo, em sua parte espiritual, em sua parte física, o ser humano como um todo. E eu acho que ai a gente está aprendendo e a gestão democrática é isso, é saber respeitar, a escola

democrática é aquela que sabe respeitar as diferenças, sabe administrar com as diferenças e respeitar o ser humano, isso aí que eu acho.

RESPOSTA 8: (acesso e permanência na EMMP e geral) De permanência, por que o ser humano tem uma vida toda lá fora, não é só a escola né, e muitas vezes o que pesa mesmo é a vida, é a vida, então ele tá buscando o que comer, onde dormir, o que fazer, viver, porque se a escola é só um complemento, vou quando dar, vou quando deu e as vezes nem sente a obrigação de estar ali, de estar cumprindo, porque eu vou na escola, as vezes ah vai atrás é de dinheiro mesmo que ele precisa pra comprar a sua droga, ir atrás do seu corre e muitas vezes a escola vai ficando pra trás, eu acho que muitas vezes eu vejo o aluno procurando a nossa escola em momentos de dificuldade, acabou o dinheiro vou dar uma corridinha ali, quem sabe alguém pode me ajudar, eu to carente eu to triste eu vou ali na escola, quem sabe alguém pode me abraçar, sabe assim, eu acho que eles vem muitas vezes a escola como uma grande mãezona pra acolher em momentos de dificuldade, muitas vezes a escola é isso, vem ali nos momentos de dificuldade, no nosso caso, meninos e meninas do parque, eles vão em busca de socorro. (ENTREVISTADOR 2) o que contribui para que eles estejam na escola? RESPOSTA: uai, o que contribui, seria a força de vontade deles né, não sei se eles têm é essa motivação, porque a escola, como escola é motivada para que eles fiquem, aí o que contribui mais é a motivação da escola que faça com que eles fiquem, mas como vamos fazer isso? (ENTREVISTADOR 1): esse é um problema maciço que a escola enfrenta, assim em conversas agente já desenvolveu né, as vezes você está com o aluno ali começa a desenvolver, que foi o caso que a gente até sentiu lá quando foi fazer o grupo focal né, poxa vamos falar com fulano com beltrano, po mais eles nem estão mais aí, então como é que a escola consegue reagir ou se vacinar pra tentar solucionar isso assim porque as vezes até aquele menino que está ali correspondendo ao projeto da escola mesmo, o projeto capital da escola, e de repente ele não está mais presente ali e como você vê essa situação. RESPOSTA: a gente tem sentido esse esforço da direção, por exemplo, correndo pra quando vai atrás, aliás vai até além, eu vejo professores pegando o seu carro e indo atrás do seu aluno eu já vi casos assim e eu ainda sou nova aqui, tenho um ano na escola, mas já houve momentos na escola antes que como buscava esses alunos? Na Kombi. Pegava e saía na rua para busca-los né, trazia pra ali, depois que houve a história dos projetos né, da SEDEST, dos projetos também, mas antes não, que eu acho que é uma questão política também, enfim porque tem governos aí que tem verbas, eu acho que é uma longa história que eu não tenho conhecimento pra falar sobre isso então eu não posso falar, mas eu vejo a direção que pode correndo atrás ligando, indo, pedindo ajuda, ligando pra SEDEST, ligando para os projetos, indo até os projetos onde esses alunos estão, enfim, buscando, e às vezes até mesmo quando você encontra com os seus alunos passando, você está almoçando em um restaurante passa o seu aluno ali pedindo alguma coisa ou a aí, você encontra com eles e convida, vamos voltar pra escola, vamos lá o que aconteceu com você, eles estão aí nas ruas e é onde muitas vezes a gente encontra com eles, eu mesmo encontrei com um no shopping, e aí vai pra aula não vai, apresentei pra minha família, apresentei para os meus filhos, pra minha irmã aí depois, morador de rua, nossa morador de rua? Morador de rua. Nossa nem parece não. É, nem parece. E ele todo feliz em nos cumprimentar e é tão engraçado que eu fico olhando nas ruas, eu me pego olhando nas ruas, eu paro no sinal e fico olhando pra essas pessoas, eu passo pela rodoviária e com vontade de chamar essas pessoas para irem pra escola eu me sinto na obrigação. Se eu pudesse assim, com certeza, porque as vezes eu to indo pra faculdade, to indo pra algum lugar, mas assim o meu olhar é pra essas pessoas e pra isso eu queria buscá-las para poder ir pra escola, então eu acho que toda escola é assim, a gente quer sempre ter um ali pra ajudar, a gente está sempre buscando né e a gente está sempre convidando quando pode e eu fico olhando se no meio desses eu já não conheço algum deles para tornar a convidar pra que através desse que a gente

já conhece a gente já pode convidar outro também, quem sabe através desse caminhos ele indo pra escola ele vai ajudar outras pessoas como a gente já teve testemunhos a gente já ouviu alunos dizerem o quanto que a escola vem ajudando eles e que ai eles convidam outras pessoas, eles falam o que eles viram, eu acho que é isso que acontece com a gente também, a gente vai atrás e ai a gente cobra da direção porque o aluno não está vindo, cobra isso do núcleo e o núcleo também vai atrás porque eles que tem os contatos, tudo direitinho, a gente tenta fazer da melhor maneira possível, tudo legalizado pra não dar nenhum problema, então é por isso, porque que se não fosse por isso eu juro pra você, eu que eu seria mais uma a buscá-los pelas ruas para trazer para dentro da escola, só que a gente lembra que existe toda uma regulamentação, todo um tramite, uma burocracia,, até pra nossa proteção, mas que muitas vezes da vontade de você furar isso ai, vai atrás de um pra trazer pra cá e vamos tentar fazer a diferença, mas a gente não pode.

RESPOSTA 9: De orientação, o jeito, de orientação mesmo, acho que a prática pedagógica é ouvir, eu falo que é a práxis, a teoria e a prática, mas o é ouvir, é feedback, é você ouvir também e estar ali junto, tá junto agindo, eu acho que é tudo uma coletividade, acho que essa prática pedagógica dentro da nossa escola, por exemplo, só funciona no coletivo, sempre coletivo, sempre coletivo, em tudo, como toda escola deveria ser, muitas vezes não acontece, mas eu acho que na nossa escola busca-se muito isso, os alunos são de todos, então não tem isso de gavetinha, ah os alunos do 2º segmento os alunos do 1º segmento, o aluno também, hoje ele não está a fim de entrar ali naquela sala, naquela turma, mas ai ele sentiu vontade assistir aula ali de novo, primeira coisa que eu faço é, opa, vem aqui senta aqui, eu tenho que estar preparada pra isso, então eu acho que essa prática pedagógica também, é a preparação, é a gente estar ali junto decidindo tudo junto coletivamente, que é o que a gente também decidiu isso através do PPP, colocamos isso no PPP também né, eu acho que para poder firmar, porque isso a escola já bem fazendo, a nossa prática pedagógica é no coletivo, estar junto porque o aluno é de todos, não tem essa, você vira nosso aluno, nossa escola, não é só da professora de português, ou de matemática, não se o aluno está ali busca do jeito que ele tiver, a gente está ali pra ajudar. As vezes, muitas vezes ele chega e de repente numa aula de matemática, ele surtou ali e não quer mais ficar ou alguma coisa, muitas vezes isso acontece na escola, a gente vai lá fazer intervenção, o quê que ouve e pega o aluno e acalma, vamos conversar vamos tentar entender o que está acontecendo o que houve, então assim é isso ai também é uma ajuda, ajuda mútua também, é o olhar, é a percepção que é mais aguçada, então eu acho que não é só você, está ligado só nos pensadores, é você fazer e ir junto, acho que muitas vezes você aprende numa universidade principalmente que dizem o que escrevem os grandes pensadores, mas eu acho que é pra ser colocado em prática mesmo, não é só pra você ouvir e decorar pra colocar na prova e pra você por em prática, aprender com eles e vê no que você pode transformar aquilo que você aprendeu na sua prática, de cada um pouquinho, Skinner, Wallon, de Piaget, de Vygotsky, o que você pode de cada um deles o que você pode trazer pra sua vida cotidiana, pra sua prática educativa, pra sua prática pedagógica, o que você pode fazer, se transforma pra aquilo ali, é a teoria junto com a prática

RESPOSTA 10: Eu me vi ali, eu me enxerguei, eu me enxerguei, acho que só vai pra uma escola dessas quem já passou algo na vida que tem uma anteninha ligada e percebe que eles sentem, então pra mim é como se eles fossem assim mais que meus filhos, tenho um amor muito grande por eles, porque eu já fui discriminada na escola, eu era vítima de violência doméstica, meu pai espancava demais a minha mãe então as vezes eu passava anoite vendo toda aquela agressão, daquilo não tinha nem condição de ir pra escola, meu pai mandava a gente ir, minha mãe toda espancada com o olho roxo a gente chegando lá com dor muitas vezes, toda despenteada, chegava e ia para o cantinho e ficava introspectiva, porque estava

chateada, estava magoada, muitas vezes ninguém me entendia, mas eu fiquei sabendo depois, por exemplo, que é, a minha mãe ia na escola, sem a gente saber e falava, ó dá atenção pras minhas filhas, cuidado com elas porque eu apanhei a noite toda e eu acho que a cabecinha delas não está boa para concentrar, não está bem pra concentrar e eu fui entendendo, os professores foram me respeitando, porque sabiam do meu caso por exemplo, aqueles que sabiam, eu acho que no fundo me trataram diferente, porque futuramente eu fui ser colega de trabalho deles e num conselho de classe, eu nunca vou esquecer, quando eu estava falando de um determinado aluno, e eu disse nossa porque esse aluno não está aprendendo, tá difícil, tá complicado, e uma professora disse assim: Valéria, lembra do que você passava, esse menino está passando agora, então, a noite passada o pai dele bateu muito nele, pisou em cima da cabeça dele, do pescoço dele, dá uma olhada nele, está todo roxo, todo machucado e esse aluno era insuportável, super indisciplinado, um menino inquieto, e eu fui sabe, e ela era minha colega, ela foi minha professora um dia percebeu o que estava passando e me passou, foi tudo né. Então eu acho que é isso que são meus meninos, quando eu entro pra ali e vejo é como seu me curasse de um monte de coisas também da minha vida, né. É como se dissesse assim pra eles eu estou me importando com você, eu estou aqui, estou aqui até pra proteger, pra ajuda-los, o que você está sentindo, e muitas vezes eu consigo isso deles, eu consigo que eles digam o que estão sentindo ou alguma revolta que tenha de alguma coisa e parece que quando eles desabafam e depois eu vou para aquele conteúdo ali eu consigo atingir o que está no conteúdo, então assim, mexe muito comigo, eu estou feliz por estar ali, eu me sinto realizada, não pensava depois de tanto tempo como professora que eu fosse ajudar alguém de verdade e fosse fazer a diferença, e quando eu chego em casa mesmo eu conto para os meus filhos, eu falo que eles respeitem muito as diferenças dos outros, por exemplo, eles estudam no colégio militar, que não em tantas diferenças, que eu digo assim, em alguns detalhes que tem e escondem, omitem, né. Minha filha foi fazer um trabalho, onde tinha três TDAH e aí ela falando que o menino não concentrava que o coleguinha não concentrava, e eu disse vem fazer o trabalho aqui em casa que eu vou ajudá-los chamei a mãe para conversar, mas isso com a minha visão de professora, n que eu poderia ajudar e fui falar com ela, respeite ao coleguinha você não pode criticar, a gente não pode fazer isso, a gente não sabe o que ele passa com o pessoal dele, a gente não sabe o que realmente está acontecendo na vida dela e muitas vezes a gente não sabe realmente o que passa na vida do ser humano, a gente não convive, não se conhece, eu to aqui conversando com vocês, mas eu não sei o que se passa por trás, tem toda uma história, e aí assim acontece com os nossos alunos as vezes chega sorrindo mas você não sabe o que ele passou o que aconteceu, então assim, o ser humano ele é todo complexo ele tem muita história, ele já chega na escola com muita história de vida, de diferentes idades, independente de idade, ele tem uma vidinha ali, então a gente tem que respeitar isso. E a escola não é só pra transmitir conteúdo né, e que eu fui aprender na verdade na prática. Eu passei pelo magistério, passei pela faculdade, onde as minhas faculdades não se falava tanto em diferenças como se fala hoje, então por isso que eu voltei para o banco escolar, para estudar novamente pra ver o que estão colocando ai hoje dentro das universidades, então eu estou fazendo outra licenciatura pra isso, pra ver o que estão falando e o que estão fazendo, então não se falava em diferenças como hoje se fala muito, inclusive na LDB, transformaram algumas diferenças até em modalidades, então são coisas interessantes que vem acontecendo, e é isso que eu busco, eu acho que como a nossa diretora uma vez falou: não tem como você ser só razão, você é razão e emoção, então é isso que mexeu comigo ali nos meninos e meninas do parque, foi a razão e a emoção juntas, uma junção, e aí eles são os meu filhos, mais do que meus filhos, que eu amo assim de verdade e quando eu olho assim pra eles, e vou abraça-los, porque eu acho muitas vezes eles precisam é de um abraço, de uma atenção, eu abraço de verdade, de verdade, não importa se ele está sujo, fedendo ou não se vai passar algum cheiro, ah se preocupa com isso não, isso é o de menos,

né porque muita gente pergunta, não isso é o de menos para mim, só tenho que sentir o ser humano de verdade, eu acho que ali eu tenho liberdade pra sentir o ser humano de verdade e eles me aceitam do jeito que eu sou, mais interessante eles me aceitam do jeito que eu sou, então, e entre os nossos colegas também são assim né, muitas histórias de vida e que ali se completa, então meninos e meninas do parque tem que ter um coração muito grande, agir também com o coração e colocar aquela razão junto com o coração e agir, eu acho que educação é isso, é cada um de nós, tá na pessoa, ser humano que se formou com toda a sua formação o que vai fazer para ajudar, assim que eu penso, o que eu posso fazer pra ajudar esse aluno a vir, fazer com que ele saís pra fora será que eu posso ajudar em alguma coisa, só o conteúdo vai ajudar em alguma coisa, só aprender o português correto talvez, uma língua estrangeira, entendeu. O que eu vou fazer com isso professora? E as vezes eu levo olha quanta música vocês escutam e cantam em inglês e vem dizer que não sabe lê, olha ai quanta coisa boa. Pra mostrar a vida deles o dia a dia deles, que a escola é isso é a realidade, é a vida deles, que a escola não é um meio separado, é juntinho da vida deles, está ali junto deles, faz parte da vida deles, a escola é isso, não é algo longe distante. E é o momento em que eu mais me aproximo deles, quando eu estou na sala de aula, acho que é isso.

RESPOSTA 11: Gente eu acho que a minha visão, como coordenadora o que eu pensava era assim: unir e fazer as pessoas mais felizes ali dentro da escola, muitas vezes eu via colegas assustados com tudo o que estava acontecendo ali, quando o aluno faltava, quando a secretaria só cobrava quantidade, assim eu queria deixar o dia de cada um mais feliz, eu queria que aquele dia, cada dia fosse um dia melhor, como coordenadora eu só queria isso porque eu acho que é isso que a escola precisa mais, de acreditar nela mesma, quando eu falo a escola é da nossa representação como professor, coordenador, tudo junto ali, acreditarmos em nós, que a gente está fazendo uma coisa legal e que a gente não precisa de aplausos pra poder dizer ó vocês estão fazendo certo ou errado, o que fazem muitas vezes é no ignorar, uma vez nós ouvimos do SINPRO que nós estávamos fechados, tem uma outra palavra, no ostracismo, que a gente precisava se mostrar mais, precisava aparecer mais, então, de que maneira ele quis dizer, o que é isso, eu acho que a gente precisa de outras coisas aqui dentro, a gente não precisa de aplausos, a gente precisa de ser respeitado, e que muitas vezes nós não somos respeitados e nem conhecidos claro, nem conhecidos, não somos respeitados porque não somos conhecidos, não reconhecem o nosso trabalho então como você vai respeitar algo que você não conhece? Então eu acho assim, recentemente vocês estiveram lá na Secretaria para poder pedir um estágio porque vocês souberam dali, porque eu nem conhecia essa escola, fui tomar uma água de coco e de repente tá lá uma escola, o rapaz da água de coco avisando que ali era uma escola, então assim, não digo sair do ostracismo mas também é preciso um reconhecimento, acho que todos deveriam saber que existe aquela escola ali, cara essa escola existe a 17 anos, então como que está sendo feito esse trabalho? Sozinho, do nada? Quem está orientando realmente? Ai quando você perguntou lá no início, cadê o papel do estado? Que ele está fazendo pela escola, deixou surgir e pronto largou por ali, e como que está sendo feito, tudo isso está sendo feito. Ai você fala assim, se está ocorrendo se é que ocorre mesmo, porque todos que estão à minha volta não reconhecem a escola, então é complicado dentro da própria gente ali bem pertinho tem pessoas que não conhecem o nosso trabalho, não sabe o mínimo que se passa, não está por dentro e ai chega com essa história, a quantidade só o que interessa. Como coordenadora que queria ajudar mesmo, fazer com que a gente, porque eu acho que na escola, a gente está passando por isso, e eu acho que não é fraqueza, é que a escola está abandonada, como se tivesse abandonada, como se tivessem deixado a gente pra lá e a gente está lutando pra que a escola dê o seu melhor, então a gente fica vamos lá, vai conseguir, isso aqui é bom e muitas vezes a gente se perde acha que o que a gente está fazendo é até inútil, porque não vem motivação muitas vezes, não dá a motivação e tem que

ter essa motivação também como vocês já falaram, a comunidade, a própria secretaria junto, o próprio estado junto, acho que o estado se omite com relação a Escola Meninos e Meninas do Parque, ele só vai lá quando tem algum interesse político, quando estiver próximo as eleições eles vão fazer um trabalho com os meninos de rua, com interesse político ou com algum ONG ai pra receber alguma verba, fora isso você não escuta mais, então isso ai é uma grande dificuldade, então assim como coordenador é isso, acho que á o momento pra gente se reconhecer se respeitar, pra gente estar mais junto, tentando fazer um trabalho pensando em fazer o melhor de nós, sem interferência dos outros e opinião de quem está de fora, vamos tentar fazer o nosso, nesse pouquinho tempo que eu cheguei eu pensei vamos tentar fazer aqui o melhor de nós, o melhor.

RESPOSTA12: Compromisso, compromisso com o que a gente faz, é porque a gente quer fazer diferente, a gente busca o diferente, não é só diferente, como vou dizer, você quer fazer mais, quer fazer além, acho que você quer provar pra si mesmo que existe algo melhor que você pode fazer ali, que seja aquela formiguinha, aquela, como é que chama aquele que vai carregando aquela gotinha d'água, beija-flor carregando a gotinha d'água pra apagar o incêndio, acho que é isso. Tem que buscar o melhor, buscar, eu acho que através da universidade pra mim no momento está sendo isso, o que eles estão mostrando o que eles tem de melhor pra nos oferecer, pra gente estar usando com os nossos alunos. (complementação) é isso mesmo, compromisso, por exemplo, eu já era pra ter aposentado no ano passado eu não aposentei por falta de idade, mas eu vejo assim que quando eu estava começando eu queria mais, deslumbrava um monte de coisa pra mudar o sistema, só que aí você se deixa abafar pelo sistema, eu acho que uma forma de você não deixar se abater é isso, é quando você volta para algum lugar onde tem sangue novo e gente com vontade e que acredita, por exemplo, a universidade está cheia disso, porque dentro de uma universidade tem muitos jovens que está acreditando, que existe muita coisa boa pra vir, dá pra dar um ânimo pra gente, pra que você possa continuar, na minha saga. Eu tenho oito anos pra eu poder, por exemplo, achar que vou terminar a minha saga na educação, mas eu não sei se quando eu me aposentar eu vou continuar, acredito que eu vou continuar, porque as vezes eu achava que eu não nasci pra ser educadora, só que eu vi que não adianta porque qualquer curso que eu vá escolher agora pra fazer eu vou parar na educação, então eu vou continuar, né, então eu acho que aí é o caminho mesmo, e a universidade, ela tem um papel primordial, e principal, muitas vezes, eu me sinto desvalorizada até pela própria universidade, por exemplo, uma coisa bem legal, professor eu acho que é um ser mais sedento de conhecimento, quando você fala de formação continuada, eu tinha tanto que continuar fazer um mestrado, um doutorado e eu não tenho tempo, eu não tenho oportunidade, sabe porque, e ai, e a universidade não me proporciona isso, nem a universidade, nem a secretaria de educação, o próprio governo não proporciona isso, acho que o professor mesmo, acho que o professor mesmo deveria ter, se é uma forma de ter o melhor conhecimento de ampliar a sua visão, se é um mestrado e um doutorado, que eu acredito que serve pra isso também, pra ampliar, pra ajudar, e que a gente tá tentando ali na sala de aula, ajudar, tentando lidar com certas situações, porque eu tenho vontade, por exemplo, eu to aqui dentro da universidade, fazendo uma licenciatura, da UnB, mas eu estou vendo que isso não está me bastando, tá me frustrando eu preciso de algo a mais, será que seria um mestrado né, porque existem tantas linhas de estudo ai, mas e ai quando você vai olhar existe um monte de coisa que deve ser feita e principalmente a questão do tempo, então eu acho que ai vem aquela visão, deveria se fazer um mestrado e e um doutorado também pensando ai no profissional da educação, porque ele que encabeça ai muita coisa da educação, do que já foi dito, que a gente liberta, que a gente move, que a gente transforma, né, então, porque não dar uma continuidade, acho que ai falta as oportunidades, eu sinto que falta isso, e um órgão público que poderia estar nos ajudando e muitas vezes se omite também. Eu comecei a dar aula desde

o 16 anos de idade então minha vida foi só pra trabalhar e estudar, to tentando conciliar, então eu acho ai que deveria vir a universidade pra ajudar o professor a estudar, tá sempre junto, acho que a universidade tem que estar junto, essa oportunidade que vocês dois estão tendo de estar dentro de uma escola dessa, vai ajudar muito vocês no profissional, até mesmo porque vocês trabalharam numa classe que com certeza vocês vão ter uma outra visão do todo pra identificar aqueles que estão precisando da sua atenção, de um atenção maior, então eu acho que isso ai a universidade através de vocês ta mostrando que pode ter um convívio diferente, mas tem muito professor ai ainda no erra, muito e é o que eu to buscando aqui, to tentando ir atrás, e é por isso que eu gosto muito quando vai estagiários na minha sala, porque a gente troca as ideias e as vezes um estagiário que está sendo orientado por um doutor, o doutor através de vocês chegam ate a gente nos ajudando de alguma forma. Então vai por esse caminho, ou por ali, isso já me acalma, isso já me dá segurança, então já me ajuda, quem sabe futuramente, como vai ajudar.

RESPOSTA 13: As relações lá precisam melhorar (risos), sempre né precisa melhorar não é a perfeição, a gente está em busca porque nós acreditamos no melhor, a gente esta em busca do melhor.

ANEXOS